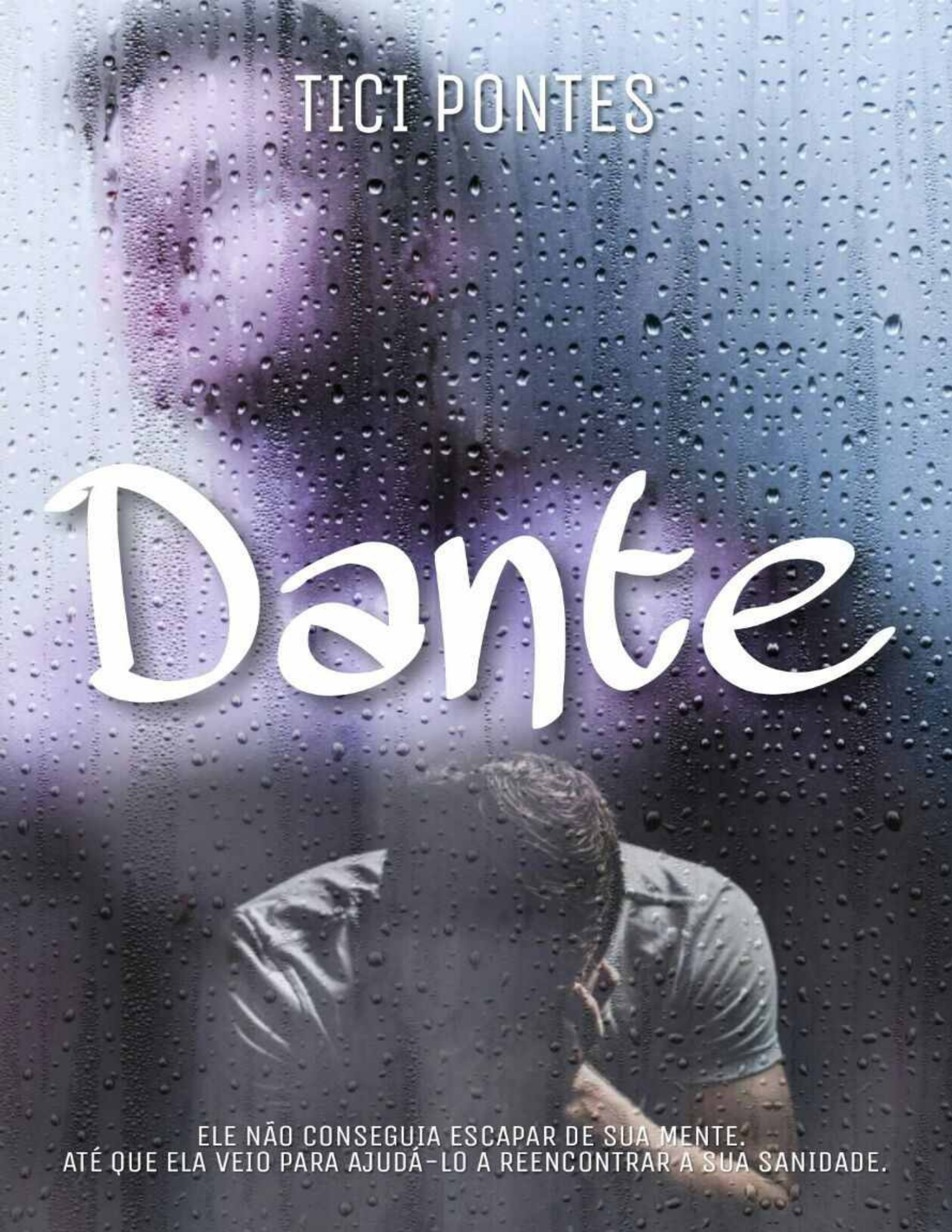


The background of the poster is a close-up of a window covered in raindrops. A man's face is faintly visible through the glass, looking out. The overall mood is somber and reflective.

TICI PONTES

Dante

ELE NÃO CONSEGUIA ESCAPAR DE SUA MENTE.
ATÉ QUE ELA VEIO PARA AJUDÁ-LO A REENCONTRAR A SUA SANIDADE.



Dante



Ficha Técnica

©2017 — Todos os direitos reservados.

NACIONAIS - ACHERON

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Foto da Capa: Pixabay

Capa: Rhuan Souza

1ª. Edição — Novembro/2017

Mente trapaceira



*Se o coração falar mais
Se a voz interna não puder calar
se a dor te dilacera,
E para você já não tiver lugar.*

*Fuja pra longe agora mesmo
Deixe para trás tudo que te sufoca
Esqueça que alguém também sente a dor
Pois é a explosão de angústia no seu interior
que importa.*

*Ahhh mente confusa
Não seja tão egoísta e leviano
Levante e encare a dor
Se preciso for, refaça o plano.*

*Não, não deixe entre os dedos
A sua musa escapar
Ela chorar lágrimas de sangue
Que nenhum outro amor poderá curar.*

*Volte ao início
Onde a lucidez teve seu declínio
Desista de todo o egoísmo
E deixe essa mente louca
Seguir em frente*

E quando ao futuro?

Ah meu caro amigo,

Esse está nas mãos do destino

Danda de Alencar

Sumário

[Ficha Técnica](#)

[Sumário](#)

[AGRADECIMENTO](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPITULO 3](#)

[CAPITULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPITULO 6](#)

[CAPITULO 7](#)

[CAPITULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPITULO 11](#)

[CAPITULO 12](#)

[CAPITULO 13](#)

[CAPITULO 14](#)

[CAPITULO 15](#)

[CAPITULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPITULO 18](#)

[CAPITULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPITULO 22](#)

[CAPITULO 23](#)

[CAPITULO 24](#)

[CAPITULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPITULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPITULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPITULO 32](#)

[CAPITULO 33](#)

[CAPITULO 34](#)

[CAPITULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[EPÍLOGO](#)

[A Autora](#)

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da criatividade que ele me deu, pois, sem isso, Dante nunca poderia existir.

Uma lembrança especial à minha mãe por sua sinceridade, ao dizer que só leria o Dante se eu o imprimisse, e ela realmente leu com afinco e dedicação, e também a minha amiga Gabriela, que acompanhou o crescimento do livro desde sua primeira página. Rimos com as esquisitices do Dante e mesmo com todos os spoilers do mundo, ela se empolgou com a história, à medida que os capítulos iam sendo escritos, foi minha primeira beta.

Não posso esquecer também das minhas queridas betas, Danda de Alencar, Denília Carneiro e Rafaela Cícera. O carinho de vocês pelo Dante me emocionou. E a ajuda de vocês na construção

desse meu primeiro livro foi essencial.

Um obrigado mais que especial para Rhuan Souza, que desenvolveu a capa para o livro, eu simplesmente me apaixonei pelo seu trabalho.

Gostaria de agradecer também a todos os meus leitores, que acompanharam a história de Dante, e que torceram por sua felicidade e por seu sucesso.

E por fim, a todos os Dantes e Angels que vivenciam diariamente os desafios que a vida traz, minhas sinceras homenagens, vocês são seres humanos excepcionais.

Tici Pontes

PRÓLOGO



Dante entrou no quarto e fechou a porta. Girou a chave e se certificou que realmente estava trancado. Não queria interrupções. Olhou ao redor e reparou que tudo estava como tinha deixado mais cedo. Não acendeu a luz. Deixou o quarto iluminado apenas com a luminosidade que vinha do lado de fora, entrando pela janela, que estava com a cortina entreaberta. Começou a pensar em tudo o que havia acontecido. O dia havia começado tão bem, e agora terminava assim, cheio de dúvidas, angústias e incertezas.

Caminhou pelo quarto, sentiu o carpete macio sob os dedos nus. Onde estavam os seus sapatos? Buscou na memória, mas não lembrava. Tudo estava muito confuso, seus pensamentos

NACIONAIS - ACHERON

estavam embaralhados e sombrios. Caminhou até a porta e girou a maçaneta, trancada. Sim, ele já havia fechado a porta, estava só, acompanhado apenas de sua mente visivelmente perturbada. E sentiu medo, ele não tinha mais controle de si e de suas ações. O que ele havia feito? Era tudo sua culpa? Ainda com a mão na maçaneta virou o corpo e encarou a janela, caminhou até lá e puxou a cortina de modo que a escuridão tomasse conta do ambiente, o envolvesse, o engolisse, o fizesse desaparecer. Sim, era isso que ele queria. Desaparecer e nunca mais ser encontrado.

O dia havia começado tão bem...

E agora a solidão. Olhou em direção à cama e apesar da escuridão, sabia o que encontraria ali. Lençóis ainda desfeitos, e talvez.... Talvez ainda conseguisse sentir seu cheiro. Perfume floral inconfundível. A lembrança o fez sorrir, lágrimas se formaram em seus olhos, mas teimavam em não cair. Imaginou seus cabelos ruivos descendo em ondas pelas costas, seu cheiro, seu corpo, sua pele, sua presença e aqueles olhos de um verde intenso.

Se concentrou o bastante e conseguiu ouvi-la. Os risos, os gemidos, a respiração compassada e rítmica, e finalmente o arfar final ao chegar ao ápice do prazer.

Mas agora era tudo escuridão, angústia, loucura. As lágrimas que insistiam em não cair finalmente rolaram em seu rosto até irem parar na sua boca. Ele sentiu aquele gosto salgado. Então sentou no chão e finalmente desabou. Chorou até perder o fôlego e se rendeu ao sofrimento e ao desespero. Quando finalmente parou não se mexeu. Ficou naquela posição com os joelhos encostados no peito, as mãos abraçando as pernas, e pousou seu olhar no chão. Ele estava perdido, solitário, vazio.

O barulho de um celular tocando o despertou daquele torpor. Ele pegou o aparelho, olhou quem estava ligando e recusou a ligação. Então tentou se levantar. Não sabia quanto tempo tinha ficado naquela posição, as pernas estavam dormentes, levantou e foi sentindo aquele formigamento incômodo percorrer as duas pernas.

Tentou caminhar e não conseguiu. Após alguns segundos se movimentando, a sensação incômoda foi passando e ele caminhou até o banheiro.

Acendeu a lâmpada e precisou proteger os olhos da claridade indesejada. Quando se acostumou com a luz, olhou para o espelho. O que viu era um rosto cansado, os olhos vermelhos e o azul de seu olhar, antes brilhante, estava sem vida e apático. Novas lágrimas se formaram e, dessa vez caíram sem resistência.

Olhou a roupa que vestia. Smoking preto feito sob medida para aquela noite que era para ser especial, a gravata borboleta ainda intacta, um pouco torta talvez. Desfez o nó da gravata, tirou o smoking e o jogou no chão, desabotoou os primeiros botões da camiseta, ele sentia-se sufocado. Apoiou as duas mãos na pia do banheiro e abaixou a cabeça.

Abriu a torneira e com as mãos trêmulas, pegou um pouco de água e jogou no rosto. Quem sabe a água gelada ajudasse a aliviar o que estava sentindo. Não ajudou. Ao lado do depósito onde

guardava a escova de dente viu aqueles dois frascos, cor de âmbar, com tampa branca. Ficou observando-os por alguns segundos até que pegou um deles. No rótulo estava escrito "*Zolpidem 10mg, tomar 01cp antes de dormir*". Abriu a tampa com dificuldade, tirou 3 comprimidos e engoliu com água da torneira. Fechou os olhos e esperou que, milagrosamente, o medicamento fizesse efeito imediato. Não fez.

Abriu os olhos e novamente mirou seu reflexo no espelho. Não havia mais porque insistir naquilo. Ela não estava mais lá, e a culpa era dele. Se ele não tivesse ...

Balançou a cabeça e tentou afastar aquele pensamento. Tomou mais três comprimidos. Ele precisava dormir. Precisava esquecer. Havia outro frasco de medicação, Dante o pegou, levou à altura dos olhos e leu: "*Carbonato de Lítio 300mg, tomar 1cp, três vezes ao dia*", estava praticamente cheio. Havia quanto tempo que não tomava o medicamento? Um? Dois meses? Não tinha a mínima ideia. Havia falhado de novo, achou que ia

conseguir, que dessa vez tudo daria certo. E estava conseguindo até aquele dia. Pelo menos era o que ele achava.

Perdeu o controle, gritou, xingou, machucou. Sim, a culpa era dele. E agora estava naquela situação. Deu uma risada desesperada e percebeu que dessa vez ele tinha se complicado. Alguém havia se ferido gravemente. Ela havia se ferido gravemente. O mundo tinha desabado nas suas costas e a única pessoa que conseguia colocar sua vida de volta nos eixos agora estava...

Abriu o frasco de comprimidos.

Talvez se ela estivesse aqui o faria mudar de ideia. Mas ela não estava. Ele a deixou ir, e então àquela notícia. *"Até o momento não há sobreviventes"*. Para onde ela tinha partido? Ele lembrou. Para bem longe dele. Afinal, ele a afastou. Perdeu o controle, gritou, xingou, machucou...

Ele virou os comprimidos em sua mão e foi tomando, um por um, até não sobrar nada. Eram quantos? Não sabia. Pegou o outro recipiente e tomou os comprimidos que restavam, deixou-o cair

PERIGOSAS

no chão e o frasco rolou até a porta do banheiro. Então foi para cama esperar tudo acabar. Ele iria para um lugar escuro, sem dor, sem sofrimento, sem ela.... Fechou os olhos e esperou a escuridão chegar ...

CAPÍTULO 1



*“Algumas pessoas nunca enlouquecem,
Que vida de merda elas devem ter”*

Charles Bukowisk

Dante sentou no conhecido sofá cor de chumbo, de dois lugares, que ficava bem em frente a poltrona do Dr. Adler. Passou as mãos de forma nervosa pelo tecido do sofá observando as manchas escurecidas que haviam no estofado. Seriam marcas de café? Sentiu-se incomodado pois, para ele, aquele era o “seu” consultório, “seu” psiquiatra, e, conseqüentemente, “seu” sofá. Quem teria sido o idiota que havia derrubado café no “seu” sofá? Aquilo era inadmissível. Precisava ter uma conversa séria com seu médico.

Seu humor ficou irritadiço e a inquietação
NACIONAIS - ACHERON

nas pernas iniciou. Levantou e começou a andar de um lado para o outro. Aproximou-se da mesa de seu médico e observou as fotos que tinham em cima do móvel. Pegou um dos porta—retratos e viu a foto de seu psiquiatra com um cão da raça labrador. Não sabia que ele tinha um cachorro.

“Acho que vou comprar um cachorro para mim, é isso! Saindo daqui vou comprar um cachorro”, ele pensou.

Precisava de um pouco de companhia agora que o amigo que dividia a casa com ele iria passar alguns dias fora. A verdade era que Benjamin estava “fugindo” dele, era o termo mais adequado a se usar.

— Preciso de um pouco de sossego Dante — dizia o amigo enquanto colocava, ou melhor, jogava suas roupas dentro de uma mala. — Está ficando difícil me concentrar nos estudos com você descontrolado desse jeito.

Benjamin fechou a mala e saiu de seu quarto. Ele estava no último ano da faculdade de Direito, a pressão do último semestre fazia com

que seu nível de estresse atingisse um patamar astronômico.

— Descontrolado? Não estou descontrolado.

— Gesticulou Dante seguindo o amigo e jogando as mãos para cima de forma impaciente.

— Ah não? Olha pra sua mão Dante! E aquelas coisas todas lá no sótão? Telas de pintura? Tinta óleo? Cavalete? Virou a porra do Picasso? É a medicação, não é? Parou de tomar a porcaria da medicação de novo?

— E você virou a porra do meu pai para controlar o que faço ou deixo de fazer? — Sua voz estava alterada. — Olha Ben, eu sei o que eu estou fazendo tá legal, não se preocupa. Está tudo sob controle. Se você ...

— Sob controle? — Interrompeu Benjamin já perdendo a paciência. — Há quanto tempo nos conhecemos? Me fala Dante. A quantas porras de anos a gente se conhece?

— Dez anos Ben, dez porras de anos. Por que? Quer algum tipo de prêmio ou algo parecido? — Ironizou enquanto sentava no sofá da sala. —

Aonde você quer chegar com isso?

— Um prêmio seria bom. Em dinheiro, por favor. Ser seu amigo não é fácil, sabia? Então, sim, eu acho que mereço um belo de um prêmio.

Benjamin tentava amenizar a situação. Conversar com Dante nem sempre era fácil. Ele era um cara legal, um amigo fiel e prestativo, além de extremamente inteligente, mas quando estava daquele jeito não era tão simples assim. Dante se tornava muito teimoso, arrogante, egoísta e não aceitava opinião de ninguém.

Aproximou-se do amigo e se sentou na mesinha que ficava no meio da sala, tomando cuidado para não ficar em cima do vidro da mesa. Olhou para Dante encarando-o e notou aquele olhar que já tinha visto antes. Aquele olhar de quem estava prestes a perder o controle, a entrar em crise de euforia novamente e a fazer alguma coisa que iria lhe trazer uma ressaca moral e das grandes, ou algum problema bem maior.

Benjamin já tinha passado por isso algumas vezes e estava rezando com todas suas forças para

que não precisasse presenciar o amigo fora de controle novamente. Tinha um carinho muito grande por aquele maluco.

— Dante — Benjamin falou devagar como se estivesse conversando com uma criança. — O que eu quero dizer é que te conheço o suficiente para saber que você está prestes a perder o controle. Ou melhor, já perdeu não foi. Olha para teu estado cara, olha o que você fez e pensa no que você causou. Então não adianta vir com raiva, agressividade e todas essas merdas para cima de mim.

Dante emudeceu. As palavras tinham sumido de sua boca. Toda raiva acumulada desapareceu e ele entrou em um estado reflexivo. Será que Benjamin estava certo? Não, não podia estar. Ele ia conseguir, sabia que ia. Não queria estar entrando em euforia novamente.

O amigo aproximou-se, deu dois tapinhas nas costas dele, levantou-se e se dirigiu até a porta.

— Vou passar uns dias na casa da Melissa. Talvez você precise de um tempo sozinho para

pensar no que está tentando fazer — disse Benjamin.

— A coisa entre vocês está mesmo séria? — Perguntou Dante tentando mudar o foco daquela conversa.

— Se cuida cara. — o amigo ignorou a pergunta. — E pelo amor de Deus, Dante, vê se procura ajuda — Benjamin saiu, fechou a porta e deixou Dante sozinho.

“Preciso procurar Adler”.

As lembranças daquela manhã foram interrompidas com o ranger da porta se abrindo.

“Essa porta precisa urgentemente de uma lubrificada”.

Dr. Adler entrou no consultório e parou ao notar que Dante se encontrava perto de sua mesa, observando suas fotos de família.

— Achou algo interessante? — Perguntou com curiosidade.

— Estava vendo a foto do seu cachorro. Muito bonito. Acho que vou comprar um cachorro

para mim. Estou precisando de companhia. Talvez eu compre um igual ao seu. Dr. Adler, eu não sabia que você tinha um cachorro. Nunca tinha reparado nessa foto — Dante falava de maneira rápida, quase sem pausa. — Benjamin foi embora, quer dizer, não embora, embora. Sabe o que quero dizer? Ele foi passar uns dias na casa da namorada. Acho que é namorada, ele não quis me falar. Mas se ele foi passar uns dias na casa dela, deve ser no mínimo namorada não acha?

Dante parou e respirou.

— Provavelmente você está certo. — Dr. Adler disse com sua voz tranquila. — Estou percebendo que você está um pouco nervoso. Algo aconteceu?

Dante estava visivelmente ansioso, agitado e inquieto. Os sinais de que a euforia havia chegado estavam claros. Apenas seu paciente não percebia ou, como Adler suspeitava, não queria perceber. O observou e notou as feições preocupadas, barba para fazer, cabelo desgrenhado, e aquele curativo em sua mão direita.

— Que tal você sentar e a gente começar do início? — Disse o médico se aproximando.

Dr. Adler fez um gesto com a mão para que ele se sentasse no sofá, e se dirigiu para sua mesa onde, de forma gentil, tirou o porta-retrato da sua mão. O médico o acompanhou até o sofá onde eles costumavam ter suas sessões de terapia. Dante sentou-se e ficou observando o psiquiatra se dirigir até sua caixa de arquivo onde guardava os prontuários de seus pacientes. Ele remexeu na letra R, procurou algumas pastas até finalmente achar o que procurava, Rozensky, D. F. Adler tirou o prontuário de Dante e o carregou consigo.

Foi até sua mesa com o prontuário debaixo do braço e pegou o seu bloco de anotações. Finalmente sentou-se na poltrona que se localizava em frente ao sofá onde seu paciente se encontrava.

Joseph Adler conhecia Dante desde de que ele tinha 19 anos e começou a apresentar os primeiros sintomas de sua doença.

Sua primeira crise foi de euforia. Dias após o enterro da mãe, que morreu vítima de um acidente

de carro, Dante saiu pelas ruas da cidade, entrando em várias lojas e comprando itens de sobrevivência para montar seu *kit aventura*.

Objetos como cordas, facas, bússolas e até instruções de como fazer fogo na floresta entraram para lista de compras. Afinal, como dizia seu ídolo Bear Grylls “Uma fogueira é muito importante não só para se manter aquecido, mas para manter os insetos afastados”. E Dante odiava insetos.

Seu plano era dar a volta ao mundo para ajudar a esquecer a morte da mãe, e por isso, precisava de tudo o que pudesse pôr as mãos. Até mesmo porque, iria enfrentar todos os tipos de clima e intempéries em sua aventura pelo globo terrestre. Ele começou a assistir todos os programas de sobrevivência e ficou completamente obcecado nessa tal viagem para conhecer o mundo.

Essa primeira crise lhe rendeu uma internação em um hospital psiquiátrico por um período de duas semanas. O estopim para seu internamento foi quando ele invadiu o zoológico da cidade, pois queria ir atrás das cobras venenosas.

Se Richard Rasmussen, o famoso biólogo e apresentador brasileiro, podia lidar com esses répteis peçonhentos, ele também conseguiria.

Logo após a superação da fase maníaca, sentiu-se bem por alguns meses, mas logo a depressão o atingiu, o que o deixou mais duas semanas em estado praticamente catatônico, sem ânimo e coragem para nada. Seu quarto era seu refúgio e a única pessoa com ao qual Dante concordava em conversar, era Dr. Adler.

O diagnóstico então veio para abalar mais ainda a estrutura da família. Transtorno bipolar tipo 1, com alterações rápidas entre o ciclo de mania e depressão, algumas vezes, apresentando também episódios mistos, onde, em um mesmo dia, ele podia ter alterações maníacas e depressiva.

As crises de mania eram mais prevalentes, mas quando a depressão o atingia, ele ficava completamente incapacitado. A causa da doença? Desconhecida, afinal, não havia a ocorrência de nenhuma doença mental na família. O gatilho provavelmente foi a morte da mãe. Ele era filho

único e muito ligado aos pais.

Agora, oito anos depois, com vinte e sete anos, o consultório do Dr. Adler era abrigo nos momentos mais delicados de sua doença, e também quando queria apenas conversar e expor seus sentimentos. Joseph Adler era mais que um profissional, ele cuidava de sua saúde e era uma das poucas pessoas que o compreendiam por completo. Além de qualquer coisa, Dante o considerava um amigo.

Ele voltou a observar as manchas de café que manchavam o sofá. Será que ele deveria perguntar quem foi o idiota que fez essa sujeira em “seu” sofá? Essas pequenas coisas estavam começando a irritá-lo.

— Conheci uma pessoa — Dante apressou-se em dizer antes mesmo que Dr. Adler falasse algo. — Uma mulher, quero dizer! Não uma pessoa.

Ele parecia mais e mais nervoso.

— Claro que ela é uma pessoa, mas também é uma mulher. Sabe o que quero dizer não sabe? —

Ele passou as mãos pelos cabelos e começou a balançar as pernas de forma rítmica.

— Sei sim Dante. Tente se acalmar. Tenho o tempo todo para lhe ouvir. Me diga se você está feliz ou triste em ter conhecido essa pessoa — perguntou Dr. Adler enquanto anotava algo em seu bloco de anotações.

— Mulher, não pessoa. — complementou Dante. — Quer dizer. Ah Adler, você entendeu.

Dante desistiu de tentar explicar.

— Mas então... — prosseguiu. — É difícil responder essa pergunta.

— E porque é tão difícil?

Dante olhou bem nos olhos de seu médico e de repente ele sorriu, um sorriso sincero e espontâneo. Deu de ombros e então disse:

— É que eu acho que ela me odeia.

CAPÍTULO 2



*“Todo sujeito que tem medo
de parecer louco, já está louco”*

Olavo de Carvalho

Dante acordou aquele dia se sentindo cheio de energia. O relógio que ficava na cabeceira de sua cama indicava que eram 06:00 da manhã. Olhou pela janela e viu um tímido alvorecer começando a desabrochar.

Levantou da cama com um pulo, foi ao banheiro, tomou uma ducha rápida e começou a escovar os dentes. Olhou para o frasco de sua medicação. Ele já estava sentindo os efeitos da falta de tratamento. Aquela euforia repentina, aquela sensação de urgência e necessidade de agir, de

NACIONAIS - ACHERON

fazer. O que exatamente, ele não sabia.

Já fazia mais de um mês que Dante havia parado de se medicar. Dessa vez tinha a certeza absoluta de que tudo daria certo e de que sua vida entraria nos eixos sem a necessidade daquele tratamento desnecessário. Estava se sentindo bem. Bem até demais, mas iria controlar seus atos. Já convivia com essa doença há oito anos e não era possível que não soubesse discernir quando seu humor estava mudando. Claro que ele sabia. Ele tinha consciência que já estava começando a ficar eufórico, conseqüentemente saberia o que fazer para se controlar. Era só parar, respirar e se concentrar. Dessa vez iria reconhecer quando estivesse prestes a atingir o seu limite.

Da última vez quase tinha ido à falência. Dante tinha estourado todos os cartões de crédito. Além daquele empréstimo bancário que acabou em uma noitada regada a muito álcool.

“Uma noite memorável”.

Essa lembrança lhe trouxe um sorriso preocupado no rosto. Não. Balançou a cabeça e

fechou os olhos. Dessa vez não iria acontecer.

Pegou o recipiente que continha a medicação e abriu a tampa. Pensou na sede excessiva, naquela tontura ocasional e um dos piores efeitos colaterais daquelas pílulas malditas, aquele terrível gosto metálico na boca. Além disso, sempre tinha que checar os níveis de lítio no organismo, o que significava uma amostra de sangue, coisa que Dante tinha um pavor inexplicável. Não iria mais se submeter a tal tortura. Não mesmo. Ele era dono de si, dono de seu pensamento e de suas ações. Não iria mais ser aprisionado pelo lítio, pois, era assim que ele sentia.

Ele achava que o lítio tirava sua personalidade deixando-a em um local sombrio e nebuloso e havia cansado de ser escravo daquela medicação. Não era uma doença qualquer que iria controlar sua vida. Estava prestes a virar os comprimidos na pia quando ouviu uma batida na porta de seu quarto.

— Dante já está de pé? — Perguntou Benjamin. — Vamos lá cara, levanta logo.

E ele bateu novamente, dessa vez com mais força.

— Eu te disse que precisava sair cedo hoje, apresentação daquele seminário lembra? Dante! — Chamou Ben socando a porta mais uma vez.

Não houve resposta.

— DANTE! — Gritou Benjamin, dessa vez esmurrando a porta fazendo um barulho ensurdecedor.

— JÁ ESTOU DE PÉ! — Respondeu também aos gritos. — Já vou sair Ben, deixa de nervosismo que hoje estou de bom humor. Não estraga tudo.

— Anda logo cara, vou me atrasar. — Suplicou o amigo.

— Vou a pé — disse abrindo a porta e fazendo seu amigo dar um salto para trás.

— Você vai caminhar 5km a pé? Tá ficando maluco? Ou melhor, mais maluco que o normal? — Benjamin falou para o amigo e deu um sorriso.

Dante deu uma gargalhada e acenou que sim.

Ele gostava da companhia de seu amigo, que era uma das poucas pessoas que não olhavam para ele como alguém mentalmente instável. Geralmente quando as pessoas descobriam que Dante tinha transtorno bipolar a tendência era dar alguma desculpa esfarrapada para logo depois se afastar e nunca mais aparecer na vida dele. Ou então, quando eram forçadas a estar no mesmo ambiente que ele, o olhavam com temor, como se ele fosse algum psicopata ou algo parecido.

Ele já estava acostumado com aquele tipo de encarada. Como se de repente fosse pegar uma serra elétrica e sair decapitando todo mundo. Mal sabiam as pessoas que Dante morria de medo de sangue. Ele era aquele tipo de cara que precisava de alguém segurando sua mão enquanto fazia algum tipo de exame. Pensar nele correndo atrás de alguém arrancando membros era no mínimo cômico. Começou então a rir sozinho caminhando até seu guarda-roupa.

— Qual a graça agora?

— Nada não, só membros arrancados e

cabeças rolando. — Disse de forma natural.

Benjamin achou melhor não perguntar. Já estava acostumado com as esquisitices do amigo. Dante então tirou a toalha que estava enrolada na cintura e a jogou no chão.

— Mas que porra é essa? — Benjamin arregalou os olhos ao ver o amigo pelado.

— Cara, isso se chama pênis, mas se o teu é diferente dessa belezinha aqui então sugiro que você procure urgentemente um médico — então virou-se e começou a procurar o que vestir.

— Vai a merda e não, não há nenhum problema com meu.... Quer dizer, ah vai se foder Dante. Não tô afim de te ver pelado e muito menos ficar olhando pra essa bunda... — disse o amigo fazendo uma careta enquanto Dante abaixava pra abrir a gaveta de suas cuecas.

— Jesus, Maria, José que visão do inferno. Vai se foder mais uma vez Dante!!! Vou te esperar lá fora. Pelo amor de Deus, é cada uma que tenho que aguentar — e Benjamin saiu do quarto resmungando e xingando.

Dante começou a gargalhar sozinho e finalmente escolheu a roupa que iria usar. Uma bermuda cáqui, uma camisa branca e um tênis que combinava com a bermuda. Se virou para o espelho e sorriu, ficou satisfeito com o que viu.

Ele era um homem não muito alto, tinha mais ou menos 1,78 m, com um porte atlético apesar de não gostar muito de fazer exercícios, gostava de correr ocasionalmente quando se sentia eufórico. Tinha o cabelo preto, curto, um pouco grande na parte frente caindo de uma forma meio desajeitada pela testa. Os olhos eram de um azul claro, que contrastava de forma perfeita com as sobrancelhas escuras e a pele um pouco bronzeada.

— Tô pronto! — disse aparecendo de repente pela sala onde Benjamin o esperava. — Mas não sei o que você ainda tá fazendo aqui. Já disse que vou a pé.

Benjamin olhou para o amigo de cima para baixo e apontou para ele perguntando.

— Vai trabalhar desse jeito?

— O dia tá quente — respondeu

despreocupadamente.

— Queria muito ver a cara do seu chefe ao te ver entrando no escritório de bermuda e camiseta.

Dante deu de ombros e acompanhou o amigo até a porta. Os dois se despediram e ele seguiu seu caminho a pé, rumo ao trabalho. Ao passar por sua cafeteria favorita, que ficava a uns 5 minutos de sua casa, resolveu parar para tomar um café, como sempre fazia.

Ao entrar na já conhecida cafeteria foi logo ao caixa onde esbarrou com uma moça que estava aguardando para fazer seu pedido. Mas não a notou de cara.

— Me dá um café e um pão de queijo, Matias. — Disse se encostando no balcão para esperar seu pedido.

— Com licença moço, mas eu já estou na fila! — Disse a moça que havia sido empurrada por Dante momentos antes.

Ele nem se deu ao trabalho de olhar para ela e a ignorou completamente.

— Ô Matias, vê se não faz muito forte como da última vez. Quase tive uma úlcera cara.

— Mas que cara abusado — a mulher falou com uma voz irritada. — Por acaso você sabe o que significa uma fila?

E a moça colocou as mãos na cintura e se virou para olhar para aquele homem que estava tirando sua paciência.

— Sei sim boneca, e é algo que eu simplesmente odeio — respondeu virando para saber quem era aquela que falava com ele daquele jeito.

Ao virar e olhar para ela, Dante deu um sorriso de orelha a orelha. Na sua frente encontrava-se uma criatura minúscula, mas simplesmente linda. Os cabelos ruivos caíam em ondas sob seus ombros e ela o olhava com aqueles olhos verdes hipnotizantes. Aquele olhar que o encarava sem piscar, um olhar intenso, um olhar cheio de.... Raiva? Era isso mesmo que ela estava sentindo? Raiva? Mas Dante sempre se achou tão sedutor.

— E ainda é cara de pau — disse a ruiva batendo os pés e olhando para cima de modo a fitar Dante. — Escute aqui moço...

— Dante. — Ele interrompeu.

— O que?? — Ela respondeu irritada.

— Meu nome é Dante e o seu? — Ele não conseguia tirar os olhos dela.

— Não interessa qual meu nome, mas que cara atrevido. — Bufou a moça.

Dante parecia não escutar nada do que aquela mulher dizia, ignorando completamente o estado colérico em que ela se encontrava.

— Matias, me vê dois cafés, urgente! Um para mim e um para moça sem nome. Estou começando a achar que ela pode explodir a qualquer momento. Tá vendo como o rosto dela está vermelho?

A mulher sentiu as suas bochechas esquentarem e ao mesmo tempo raiva de si por saber que estava toda ruborizada. Mas a irritação por aquele desconhecido aumentava cada vez mais. Como ele podia ser tão irritante? Tão chato? E tão

NACIONAIS - ACHERON

lindo ao mesmo tempo?

“Para com isso! Lindo não, irritante”. Ela repreendeu-se em pensamento.

— Meu rosto não tá vermelho! Mas que ódio. — Ela falou entre os dentes. — E quem disse que eu quero alguma coisa de você?

Cada vez ela ficava mais e mais vermelha. Dante a olhava de forma divertida.

— E. EU. TENHO. NOME!!! — Vociferou a moça pausadamente.

— E qual é sua graça? — Dante apoiou um dos cotovelos na bancada e ficou encarando aquela mulher com um sorriso no rosto. Seus olhos brilhavam.

— Não interessa — disse virando o rosto.

— Então você continua sendo a moça sem nome — disse sem conseguir parar de sorrir.

— ANGEL!! — Gritou a moça e depois olhou desconfiada para os lados ao perceber que tinha gritado. Será que alguém tinha ouvido? — Meu nome é Angel, satisfeito? — Falou de forma

mais amena.

Dante deu um sorriso vitorioso.

— Satisfeito demais. Eu até poderia dizer que você é tão linda como um anjo, mas com esse comportamento aí — Dante apontou de forma zombeteira para Angel — tá mais parecida com um pequeno capeta.

— Pequeno capeta? Isso foi uma tentativa de elogio ou o que? Alguém já te disse que você é extremamente irritante? Além de mal-educado e inconveniente. — A garota agora olhava diretamente nos olhos azuis de Dante.

— Todas essas opções meu anjo. — Disse ele enquanto continuava fitando Angel.

— Meu anjo — Angel disse imitando a voz de Dante — Mas que clichê!

— Puro ou com leite?

— O que?

— Seu café! Puro ou com leite? — Perguntou Dante de forma despreocupada.

— Eu já disse que não quero...

Angel de repente parou de falar, olhou para Dante analisando-o e deu um sorriso.

— Um chá de pêssego gelado, por favor — respondeu ela.

— Agora sim!

Finalmente ele havia conseguido quebrar o gelo. O seu bom humor só aumentou e ele sentiu que aquele dia seria simplesmente perfeito. Quem sabe depois do trabalho pudesse levar Angel para um lugar mais particular para que eles pudessem se conhecer melhor. Sabia que seu charme era irresistível.

— Matias, me vê um café preto e um chá gelado para esse anjo em forma de gente.

Angel revirou os olhos.

— O que foi? — Perguntou inocentemente.

— Não tem nada mais clichê para me falar?

— Eu poderia perguntar onde estavam suas asas ou se você tinha se machucado ao cair do céu — disse ele em tom brincalhão.

—Grrr... — rosnou Angel.

Dante apenas sorria ao observar o ataque de raiva daquele pequeno ser que tinha o formato de uma bela mulher. Enquanto o funcionário da cafeteria preparava as bebidas, eles começaram a se encarar, sem dizer uma palavra um ao outro. Matias finalmente entregou as duas bebidas para Dante e ele foi o primeiro a romper o silêncio.

— Aqui está seu chá boneca! — ele empurrou o copo para Angel.

— Obrigada — ela respondeu.

E antes que Dante pudesse fazer qualquer coisa. Angel pegou o copo de chá gelado e virou na cabeça dele molhando-o dos pés à cabeça!

— E eu ainda fui boazinha com você porque só bebo chá quente, seu babaca! — disse Angel dando as costas e saindo da cafeteria antes que ele pudesse ter a chance de reagir.

CAPITULO 3



*“Nunca existiu uma grande inteligência
sem uma veia de loucura”
Aristóteles*

Dante ficou olhando para a porta da cafeteria mesmo após Angel já ter saído de lá. De repente começou a gargalhar de forma exagerada chamando a atenção de todos os que estavam no local.

— Você está bem? — Perguntou Matias preocupado.

— Acho que sim. Pelo menos ela não usou chá quente — disse Dante pagando pelas bebidas e pegando seu café que ainda estava em cima do balcão.

NACIONAIS - ACHERON

— Escuta aqui Matias, você conhece essa moça? — Perguntou ele pegando um guardanapo e enxugando o rosto.

— Ela já veio aqui algumas vezes, mas não sei quem é. Uma coisa é certa, nunca a vi tão irritada. Não sabia que tanta raiva podia caber em uma pessoa tão pequena — respondeu Matias fazendo Dante rir.

— Sabe onde ela mora? — Perguntou ele tomando um gole do café.

— Não sei, mas acho que ela não iria querer te ver pintado de ouro. Aliás, belo trabalho esse que ela fez com o chá. — Disse Matias apontando para roupa de Dante.

Ele olhou para a própria camisa toda manchada de um líquido âmbar, deu um sorriso e saiu da cafeteria. Continuou sua caminhada pensando em como seria a reação do chefe ao lhe ver daquele jeito. Não sabia o que seria pior. A roupa que estava usando, ou o fato de estar coberto de chá gelado. Pensou em Angel e começou a sorrir. Que mulher!

Não sabia explicar muito bem o que havia sentido quando a viu. Aqueles olhos verdes definitivamente eram marcantes. Sabia que algo dentro dele tinha sido despertado. Precisava vê-la novamente. Quando ou onde, ele ainda não sabia.

Chegou ao trabalho 40 minutos depois, suado, cheirando a chá de pêssego e com a blusa toda manchada.

“Porque escolhi uma camisa branca logo hoje”?

Entrou no pequeno prédio de 3 andares onde funcionava o escritório onde trabalhava.

Dante havia se formado em Administração, e logo após a formatura, começou a trabalhar nessa empresa. Seu pai era amigo do proprietário e isso foi fundamental para que ele fosse admitido no emprego.

A firma em que ele trabalhava era responsável pela administração e controle de contas de várias pequenas e grandes empresas espalhadas pela cidade. Na realidade, mais de vinte estabelecimentos tinham toda sua vida financeira

nas mãos da Ramos Administrações, e Dante era responsável pela conta de duas dessas instituições.

O serviço estava acumulado. As folhas de pagamento dos funcionários estavam atrasadas, o fechamento das contas do mês passado ainda não havia sido realizado, sua sala encontrava-se imersa no caos.

Dante era um homem extremamente inteligente e responsável, quando estava sob efeito da medicação e longe de qualquer influência de sua doença. O que não era o caso, já que havia quase dois meses que não fazia uso do lítio.

Foi até o elevador e apertou o botão do primeiro andar. Ignorou o olhar das pessoas que o encaravam se perguntando o que diabos era aquilo nas suas roupas. Assim que entrou no escritório foi logo recebido por um chefe não muito satisfeito com seu funcionário.

Antônio Ramos era dono e membro ativo da empresa. Com 50 anos era amigo do pai de Dante há décadas e admitir o filho do seu amigo não foi problema nenhum para ele. Até o primeiro surto,

pelo menos, onde passou meses tentando consertar as besteiras que Dante havia feito no escritório. Aceitou tudo o que houve da primeira vez em nome da amizade que tinha com o Iuri Rozensky, mas, dessa vez, não iria tolerar mais prejuízos para sua empresa.

A sua última crise tinha lhe custado a conta de três grandes empresas e o prejuízo que a Ramos Administração havia tido, foi considerável. Após o episódio, Dante ficou responsável pelas menores firmas que haviam contratado o serviço da Ramos, mas mesmo assim os clientes deveriam ser respeitados e se Dante não levava o trabalho a sério, Antônio teria que tomar providências.

— Terceiro dia seguido que você se atrasa — disse Antônio olhando para o relógio de ouro que tinha no pulso.

— Houve um imprevisto Dr. Antônio — disse abrindo os braços e mostrando ao chefe seu estado.

— Onde está seu terno? E que cheiro é esse? — Perguntou seu chefe franzindo o nariz.

— Chá de pêssego. — Respondeu com um sorriso amarelo.

— Não quero nem perguntar o que aconteceu. E que roupa é essa, menino?

Dante detestava quando seu chefe se referia a ele como menino. Antônio Ramos o conhecia desde criança, mas ele já era adulto e tinha que ser tratado como tal. Mas, como sabia que não estava agindo de uma forma muito madura indo trabalhar naqueles trajes, preferiu não reclamar com o chefe.

— É q—q—que.. — gaguejou, mas antes que pudesse pensar em uma desculpa o chefe o interrompeu.

— Quer saber, eu vou esquecer que você veio trabalhar parecendo que vai para um churrasco se me disser que as folhas de pagamento das duas firmas que você controla estão prontas. Já estamos no dia dez e os funcionários ainda não receberam o dinheiro. Os donos das empresas já estão no meu pescoço.

— Quase chefe — mentiu. — Até o fim do dia eu prometo que tudo vai estar pronto.

— Eu sinceramente espero. — disse Dr. Antônio tirando os óculos e olhando bem nos olhos de Dante. — Pelo seu bem, eu espero.

Dante ficou olhando o chefe dar as costas e sair. Xingou-o mentalmente e caminhou até sua sala fechando a porta ao entrar. Olhou ao redor e fez uma cara não muito boa. A sala estava completamente bagunçada. Ele só não conseguiu achar o caos lá dentro porque, provavelmente, ele devia estar perdido no meio de tanta bagunça.

A lixeira estava abarrotada de papéis amassados e vários copos descartáveis com restos de café. Sua mesa estava repleta de papéis referente as duas empresas que ele era responsável. Todos os tipos de documentos estavam misturados e jogados sobre a sua escrivaninha. Geralmente ele conseguia se achar dentro de sua própria bagunça, mas daquela vez ele não sabia por onde começar o serviço. Respirou fundo e começou a tentar por alguma ordem naquele local.

Ele odiava trabalho de escritório, era bom no que fazia, mas passar o dia dentro daquele ambiente

fechado o deixava claustrofóbico, e ultimamente, ele não estava conseguindo se concentrar no trabalho e o serviço estava se acumulando. Trabalhar naquela empresa estava se tornando uma tortura para ele. Mas sabia que precisava do dinheiro.

Passou o restante da manhã imerso em papéis, afim de salvar seu emprego e conseguir entregar para seu chefe as folhas de pagamento prometidas. Decidiu pular o almoço. No início da tarde a inquietação começou a aparecer e a concentração que estava tendo até aquele momento evaporou. As pernas ficaram inquietas, o suor começou a escorrer pelo rosto, mesmo com o ar condicionado ligado na temperatura 18°C. Ele sabia que precisava sair daquela sala ou iria explodir. Começou a perder a paciência no que estava fazendo e tudo o que queria era sair daquele edifício o mais rápido possível.

Precisava respirar um ar fresco e saiu de seu escritório apressado. Desceu um lance de escadas pois estava sem paciência para esperar pelo

elevador. Ao chegar perto da porta de saída deu de cara com seu chefe que estava conversando ao celular com alguém. O chefe fez um sinal para que Dante o esperasse.

— Puta que pariu — sussurrou para si mesmo, ao perceber o gesto do chefe. Colocou as mãos no bolso e esperou Antônio terminar a ligação.

Dr. Antônio desligou o celular e se aproximou.

— Sabe quem era ao telefone? — pergunta Antônio.

— Se eu soubesse o senhor não estaria me perguntando. — respondeu sem pensar no que estava falando, e se arrependeu na mesma hora do que havia dito. — Quer dizer, não sei. — Ele tentou corrigir.

— Era o dono de uma das empresas que VOCÊ é responsável Dante. — Antônio preferiu ignorar à resposta desaforada que seu funcionário havia lhe dado e prosseguiu. — Ele estava me perguntando porque os funcionários dele ainda não

receberam o salário do mês.

Antônio falava de forma ríspida. Algumas gotas de cuspe saíam de sua boca juntamente com as palavras que proferia. Dante deu um passo para trás temendo que ele fosse atingido por aquela chuva de saliva.

— E sabe o que eu respondi? Nada, pois não posso simplesmente falar para ele que um dos meus funcionários resolveu não trabalhar esse mês. Onde ficaria minha credibilidade?

Dante permaneceu calado. Precisava sair daquele lugar. Estava inquieto e precisava respirar.

“Porque ele apareceu logo agora? Preciso de espaço! Mas que merda. Me deixa sair”.

O suor continuava brotando em sua testa, as mãos dentro do bolso estavam inquietas e a sensação de sufocamento começou a crescer. Sua respiração foi ficando acelerada.

— Olha Dante, não sei o que está acontecendo com você, mas eu preciso daquelas folhas de pagamento para HOJE. Você está entendendo? Não quero saber como você vai fazer, NACIONAIS - ACHERON

mas eu QUERO tudo pronto hoje. Então, acho melhor você dar meia volta e ir fazer seu trabalho — Dr. Antônio deu um passo para frente e se colocou na frente de Dante.

O olhar de Dante agora era de desespero. Ele parecia prestes a explodir. O ar parecia querer faltar em seus pulmões. Ele precisava ir para algum lugar aberto. Parecia que as paredes daquele edifício estavam se fechando, lhe deixando cada vez mais apertado, lhe sufocando. O coração batia de forma acelerada dando a sensação de que estava batendo diretamente contra o seu peito.

— Deixa eu passar — disse com a voz quase falhando.

— O que? — perguntou seu chefe.

— E-eu quero sair — gaguejou.

— Você acabou de escutar o que eu disse? Volta para trabalho Dante. — falou Dr. Antônio permanecendo entre ele e a porta de saída.

— Me deixa sair, eu já disse — dessa vez a voz de Dante saiu alta e clara.

— Se você sair por aquela porta não precisa
NACIONAIS - ACHERON

mais voltar. Eu conheço seu pai, somos amigos há muito tempo, mas não posso permitir essa falta de responsabilidade dentro da minha empresa. Vai terminar seu serviço filho. Você ainda tem a tarde toda para fazer isso — Dr. Antônio acalmou o tom de voz e colocou a mão no ombro de Dante.

Os dois ficaram se encarando por alguns segundos.

— Primeiro — disse Dante tirando a mão do chefe de seu ombro. — Eu não sou seu filho. Segundo — disse empurrando o chefe para lado e caminhando até a porta de saída. — Enfia o serviço no cu — e saiu.

Deixou para trás um Dr. Antônio perplexo se perguntando o que diabos tinha acabado de acontecer.

CAPITULO 4



*“Não conheço nenhuma fórmula infalível
para obter o sucesso,
mas conheço uma forma infalível de fracassar:
tentar agradar a todos”
John F. Kennedy*

Dante andava a passos rápidos e cada vez que se distanciava do prédio da empresa a respiração ia ficando cada vez mais aliviada. A sensação de aperto no peito, falta de ar, angústia e desespero diminuíram. Não acreditava que estava tendo uma crise de ansiedade. Já fazia tanto tempo. Quando tinha sido a última vez? Ele recordou perfeitamente. Foi da última vez que ele entrou em euforia. Não podia estar acontecendo de novo.

“Por favor Deus, não faça estar

acontecendo de novo”.

Ele continuou caminhando sem pensar direito aonde estava indo. Seus pés o levaram a um jardim natural que havia perto do centro da cidade. Não sabia por quanto tempo havia caminhado, mas não se sentia cansado. Sentou no gramado e ficou observando o movimento das pessoas que iam e vinham do parque. Aquele lugar era agradável e trazia uma sensação de bem-estar.

Crianças brincando na área de lazer, pessoas caminhando com seus cães, algumas sentadas sob a sombra das árvores e conversando, outras lendo livros, enfim, apenas uma tarde comum, de um dia como outro qualquer.

Dante começou a desejar ser como cada uma daquelas pessoas. Apenas um ser humano normal, que não precisasse se preocupar todos os dias com as peças que sua mente podia lhe pregar. Era angustiante quando começava a duvidar da própria sanidade. Até quando as decisões tomadas por ele eram espontâneas? Suas vontades eram frutos de sua personalidade bem-humorada e jovial,

ou suas escolhas tinham como fator principal a sua bipolaridade?

Esses pensamentos o deixavam aflito e confuso. A pior coisa que ele achava em relação a sua doença era essa dúvida. Dante sentia um medo descomunal da própria mente. Quando era ele e quando era o transtorno bipolar agindo? Será que as pessoas ao redor conseguiam discernir o seu eu verdadeiro do seu eu bipolar. E o que ele mais temia. Será que havia diferença?

Seu celular de repente tocou cortando suas reflexões e assustando-o. Tirou o aparelho do bolso e quando olhou quem estava ligando fechou os olhos e demorou alguns segundos para atender.

— Oi pai. — Disse com uma voz desanimada.

— CÊ, TÁ LOUCO DANTE?? — Gritou a voz do outro lado da linha o que fez com que ele afastasse o celular de seu ouvido.

— Não estou louco pai, eu sou louco, esqueceu? Ou não lembra mais o filho defeituoso que tem? Esse diagnóstico já foi feito há muito

tempo.

— Olha Dante, não começa com essa autopiedade. Essa cena já está batida, não acha? É sempre o mesmo discurso de coitadinho. Então, não vem com esse falatório para cima de mim porque não cola mais. — O pai de Dante transparecia impaciência na sua voz.

— Foi para isso que o senhor ligou? Para me dar a septuagésima segunda lição de moral do ano? Porque se o motivo foi esse, pode poupar o discurso porque eu não tô afim — falou Dante de forma firme.

— Antônio me ligou e ele está realmente preocupado com você meu filho ...

— Preocupado? — Ele deu uma risada debochada. — Ele está preocupado com o bolso da preciosa empresa dele, aquele velho filho da...

— Cala essa boca Dante! — interrompeu o pai. — Cala essa boca porque pelo visto você está alterado demais e vai acabar falando besteira. Aliás, já falou besteira suficiente por hoje.

— Acabou? — Dante segurava o celular

NACIONAIS - ACHERON

com força.

— Não acabei. Não vou acabar até você voltar na Ramos e se desculpar com Antônio. Não seja ingrato meu filho. Ele lhe deu seu primeiro emprego, lhe ajudou quando você precisou de trabalho, e é assim que você agradece?

— Ele só me deu um emprego porque o senhor pediu. E sabe porque você fez isso pai? Porque você tinha certeza de que eu não era capaz de conseguir algo sozinho. E sabe o pior? O pior é que eu também acreditei que não ia conseguir nunca um emprego caso alguém não me desse uma forcinha. Então acabei aceitando essa merda de trabalho. Eu agradecer a ele? — A raiva que Dante estava sentindo aumentava mais e mais. — Ele tem que agradecer a mim. Quando comecei a trabalhar lá, ele não tinha dez clientes, eu fui o responsável por aumentar o número de empresas que contrataram o serviço da Ramos. Eu fiz àquela merda de empresa crescer, EU!! E é assim que ele me agradece. Me dando um pé na bunda.

Dante levantou e começou a andar de um

lado para o outro gesticulando enquanto falava com o pai. Ele não percebeu quando começou a gritar.

— EU FECHEI CONTRATO COM A MAIOR PARTE DAS EMPRESAS QUE HOJE ESTÃO SOB RESPONSABILIDADE DA RAMOS. EU ERA RESPONSÁVEL PELAS MAIORES CONTAS E GRAÇAS A MIM AQUELA MERDA É O QUE É HOJE.

As pessoas que estavam no parque pararam seus afazeres e começaram a olhar para aquele homem descontrolado que gritava de forma insana e gesticulava ao telefone.

— ENTÃO, MEU QUERIDO PAI — prosseguiu Dante. — O FILHO DA PUTA DO SEU AMIGO, PRECISA AGRADECER A MINHA PESSOA E NÃO O CONTRARIO, GRAÇAS A MIM...

— A empresa perdeu os dois maiores clientes e graças a você o rombo no orçamento teve vários zeros nos seus dígitos não foi Dante? — Complementou o pai. — Você não consegue enxergar que está acontecendo de novo, não é?

Deixa eu adivinhar. Parou a medicação. Acertei?

— Ah, cala essa boca seu bosta.

— Me respeita seu moleque. — Berrou seu pai. — E pelo visto eu acertei mesmo. O que você acha que sua mãe iria pensar se soubesse como você se maltrata? Porque está fazendo isso meu filho? Se ela estiver vendo tudo o que está acontecendo, saiba que ela deve estar completamente decepcionada com você.

— NÃO OUSE... falar na mamãe — Dante finalmente diminuiu o tom de voz. — Não fala na mamãe! Entendeu! Não fala na minha mãe. — Sua voz estava começando a embargar e os olhos encheram de água.

— Dante, me escuta ...

E antes que o pai pudesse dizer mais alguma coisa ele desligou o celular.

Seu relacionamento com o pai não era dos melhores. Após a morte da mãe a relação pai e filho esfriou, principalmente após Dante ser diagnosticado como portador de Transtorno Afetivo Bipolar.

Para o pai dele era difícil compreender que os comportamentos que o filho apresentava, quando se encontrava em surto da doença não estavam sob seu controle. Não entrava na cabeça de Iuri Rozensky o conceito de doença mental.

Depois de muita terapia conjunta com o filho, Iuri foi compreendendo melhor o transtorno bipolar, mas os alicerces da família já estavam comprometidos e a relação pai e filho nunca mais foi a mesma.

Dante já imaginava que a primeira pessoa que seu chefe, ou melhor, ex-chefe fosse ligar seria para seu pai. Só não pensou que a bomba iria explodir tão rápido. Ele guardou o celular no bolso, enxugou as lágrimas que ainda molhavam seu rosto e resolveu ir para casa.

Precisava de um banho com urgência. Ele estava suado, cansado e sujo. O chá de pêssego já havia secado e agora a camisa estava grudada na pele dando uma sensação pegajosa bem desagradável, e aquele cheiro estava começando a lhe causar enjoo.

Pegou um táxi, que seria a forma mais rápida de chegar em casa.

Ao entrar na residência encontrou Benjamin na sala de estar e pelo olhar do amigo, ele estava à sua espera.

— Apresentou o seminário? —
Desconversou Dante.

— Nota máxima. Mas não é sobre isso que eu quero falar. Seu Iuri me ligou. Você fez mesmo o que ele disse que você fez? — Perguntou Benjamin tentando parecer mais calmo possível. Ele sabia que colocar Dante contra a parede não iria adiantar. Se o amigo se sentisse acuado, se colocaria na defensiva e a conversa entre eles não ia fluir.

Dante não sabia, mas seu pai estava em contato constante com Benjamin. Ele se preocupava muito com o filho, mas havia um abismo entre ele e Iuri Rozensky. Ele ainda não sabia como transpor esse obstáculo e finalmente chegar ao filho. Benjamin estava sendo essa ponte que o ligava a Dante.

— Fiz. Feliz com a resposta? — Disse Dante de forma intimidadora.

— Na verdade muito triste por te ver assim. Você sabe que te considero um irmão não sabe?

— Preciso de um banho Benjamin, como pode ver não estou no meu melhor estado. — Então se dirigiu à escada que dava acesso aos quartos.

— Dante volta aqui que não terminamos de conversar — Benjamin usou um tom de voz firme, mas suave.

— Terminamos sim Ben, terminamos sim. — E correu escada acima.

Entrou em seu quarto e a primeira coisa que fez foi trancar a porta. Foi tirando a roupa e deixando as peças caírem pelo meio do quarto e se dirigiu para o banheiro.

Dante se olhou no espelho, e ao contrário do que aconteceu hoje pela manhã, não gostou nada do que viu. Abaixou a cabeça e apoiou as duas mãos na pia apertando-a com força até os dedos das mãos ficarem brancos. E enfim soltou um grito. Um grito alto, gutural, libertador.

Olhou-se novamente seu reflexo e ainda odiava o que estava vendo. Sem pensar esmurrou o espelho e cacos de vidro caíram na pia juntamente com seu sangue.

Começou a gargalhar de forma histérica e nervosa. Ele morria de medo de sangue. Entrou debaixo do chuveiro e deixou que a água carregasse consigo todo sangue do ferimento que havia feito na mão direita, toda raiva, angústia e toda aquela sensação de impotência que sentia naquele momento.

Sentou-se no chão do banheiro e quando percebeu, estava chorando. A água do chuveiro carregava consigo as lágrimas que caíam de seus olhos e ali ele ficou. Aos poucos, foi se sentindo melhor e quando conseguiu se recompor saiu do banho e olhou para seu reflexo distorcido naquele espelho quebrado, sua pele estava avermelhada devido à água quente. Caminhou até seu guarda-roupa e vestiu algo. Procurou no meio de suas coisas gaze e atadura, fez um curativo em sua mão machucada e desceu as escadas. Benjamin ainda

estava à sua espera.

— O que houve com sua mão? —
Perguntou o amigo.

— Quebrei o espelho do banheiro com um
murro. — Disse da forma mais calma possível.

— E aquele grito?

Dante ignorou o amigo e começou a se
dirigir para porta de saída.

— Aonde você pensa que vai? Ainda não
terminamos de conversar.

— Terminamos sim Benjamin.

— Quer saber Dante, foda-se sabia? —
Dante arregalou os olhos assustado com a reação
do amigo. — Um grande e alto FODA-SE PARA
VOCÊ.

E dessa vez foi Benjamin que subiu as
escadas em direção ao seu quarto. Dante hesitou e
ficou em dúvida se ia atrás do amigo ou se saía de
casa. Resolveu subir as escadas e ter a conversa que
Benjamin tanto queria. Se importava muito com
ele.

Entrou no quarto e viu Benjamin na frente de seu guarda roupa, separando algumas peças de vestuário e percebeu uma mala no chão do quarto.

— Preciso de um pouco de sossego Dante — dizia o amigo enquanto colocava, ou melhor, jogava suas roupas dentro de uma mala.

CAPÍTULO 5



*“Me entenda. Eu não sou como um mundo comum.
Eu tenho a minha loucura, eu vivo em outra
dimensão,
eu não tenho tempo para coisas que não tem alma”
Charles Bukowisk*

— Como assim você acha que ela te odeia?
— Dr. Adler olhava para Dante de forma curiosa.

— Não consigo tirar ela da cabeça Adler.
Estou cheio de problemas, mas não consigo tirar ela
do meu pensamento. Aquela garota mexeu com
alguma coisa dentro de mim que eu ainda não
descobri o que é.

Geralmente o envolvimento de Dante com
mulheres era puramente relacionado a sexo.
Principalmente quando sua libido estava

surpreendentemente aflorada devido a episódios de mania. Algumas vezes seu comportamento sexual chegava à promiscuidade.

Dr. Adler estranhou o repentino interesse de Dante por esta mulher, principalmente se a moça em questão parecia não gostar nem um pouco dele. Seu comportamento habitual era seguir em frente, mas aparentemente algo nessa garota prendeu a atenção de seu paciente.

— Tem algo nela Adler. E não são aqueles olhos verdes penetrantes que parecem enxergar todo meu interior. É algo que eu ainda não consigo identificar. Você acredita em amor à primeira vista? — Perguntou.

— Você acredita?

— Odeio quando você responde minhas perguntas com uma nova pergunta. E não, não acredito. Mas não sei. — E deu de ombros.

Dr. Adler deu um sorriso discreto e prosseguiu.

— Mas você ainda não disse me porque você acha que ela te odeia.

E Dante narrou os acontecimentos que ocorreram na cafeteria no dia anterior.

— Eu preciso encontrá-la novamente. E prometo que dessa vez vou tentar não ser Qual foi a palavra que ela usou? — Dante semicerrou os olhos tentando lembrar. — Já sei, babaca. Próxima vez vou tentar ser menos babaca.

— É um bom começo. Ela já sabe do seu problema?

— Não tivemos tempo de conversar. Já te disse o que aconteceu. Dessa vez não foi isso que afastou alguém de mim — Dante deu um sorriso discreto. — Mas da próxima vez vou contar.

— Próxima vez? — Questionou o médico.

— Sim. Quero encontrá-la novamente. Não sei como, mas eu quero encontrá-la. Talvez eu contrate algum detetive particular que possa...

— Dante — interrompeu o médico. — Você está se ouvindo?

Dante parou e refletiu.

“Detetive particular? Que merda é essa

Dante. Te controla cara''.

— Estou fantasiando não estou? – Ele falou.

Dr. Adler acenou com a cabeça confirmando.

— Ela é real Adler! — Disse tentando convencer seu médico de que não estava sonhando.

— Eu sei que é, você não tem alucinações Dante. Só quero que você perceba que está começando a exagerar nas suas atitudes. Detetive particular?

Dante desviou o olhar. Estava com vergonha do que havia acabado de dizer. Prometeu a si mesmo que ia saber discernir quando estava começando a agir fora da normalidade.

“Detetive particular. Mas que idiotice”.
Começou a ficar com raiva de seu comportamento.

Adler ficou observando enquanto Dante lutava contra seus próprios sentimentos. Percebia, por meio do comportamento dele, a pluralidade de emoções que invadiam sua mente. As mãos começavam a ficar inquietas, as pernas se balançavam de forma nervosa e Dante algumas vezes falava coisas que fugiam do bom senso e da

NACIONAIS - ACHERON

realidade. Resolveu mudar de assunto antes que seu paciente começasse a ficar mais ansioso e mais agitado do que já estava.

— E o que houve com sua mão. Estou vendo que você se machucou — Dr. Adler apontou para um curativo que se encontrava na parte posterior da sua mão.

Dante automaticamente escondeu as mãos entre as pernas e o sofá, mas obviamente Dr. Adler já havia visto o machucado.

— Não foi nada — respondeu ainda com as mãos embaixo das coxas.

— Tudo bem, não precisa falar disso se não quiser.

— Não é que eu não queira. — Explicou. — É que.... Eu estou tentando me manter sob controle só que falhei miseravelmente ontem.

Ele ainda remoía o que tinha acabado de dizer ao médico sobre contratar um detetive particular para seguir Angel. Tentou mudar de assunto para espantar aquele pensamento.

— Perdi o emprego sabia?

— Fiquei sabendo — respondeu Adler e ele imediatamente notou a mudança no comportamento de Dante.

— Eu não acredito que meu pai ligou para você — Dante levantou do sofá e começou a ficar alterado. — Ele nunca me liga Adler, a não ser quando necessita exercer sua autoridade de pai. Você acredita que ele usou minha mãe para tentar ter algum controle sobre mim? Isso é golpe baixo. Ele sabe como me sinto em relação a ela. Em relação ao que aconteceu. Eu estava lá! Eu vi tudo acontecer. Um dedo quebrado Adler, tudo o que eu sofri foi a porra de um dedo quebrado. E ela?

Dante falava de forma rápida e sem pausa. Voltou a sentar e colocou o rosto entre as mãos.

— Já conversamos diversas vezes sobre isso Dante. Você não pode se sentir culpado porque sobreviveu ao acidente. Você sabe o que aconteceu. Estava escuro, chovendo, ela perdeu o....

— NÃO — gritou Dante. — Não venha você querer colocar a culpa do que aconteceu a ela.

— Eu não disse isso. — Dr. Adler

permanecia com seu tom de voz sempre calmo e sereno. — Eu só estava falando que...

— Pra mim essa sessão terminou. — Dante levantou e se dirigiu à porta.

— Fugir do assunto não vai fazer ele desaparecer. — Disse o médico.

— Talvez não, mas fugir de você vai. — E saiu fechando a porta atrás de si.

CAPITULO 6



*“Qualquer amor já é um pouquinho de saúde,
um descanso na loucura”
Guimarães Rosa*

Dante saiu do consultório transtornado. Aquele dia não tinha começado nada bem. Ele achou que talvez um papo com Dr. Adler fosse clarear sua mente, deixá-lo mais leve e talvez o direcionar um pouco sobre seus próximos passos. O tiro tinha saído pela culatra.

Ele estava se sentindo pior. Lembrar da mãe sempre o deixava daquele jeito e então mergulhou em um estado de melancolia. A saudade dela o invadiu. Sentia-se em uma luta constante contra si mesmo, e estava perdendo feio essa guerra. Ele apertou a mão esquerda contra a direita em cima do

machucado e sentiu uma pontada de dor. Se doía, ele estava vivo. Mas naquele momento, desejava não estar.

Sentia-se dormente, como se estivesse preso a uma outra realidade, a um mundo paralelo, e não sabia o caminho de volta para casa, para sua sanidade. Aquela mistura de emoções o irritava muito.

Dante tinha consciência de que sua doença afetava, não somente a ele, mas a todos que o envolviam.

“A doença mental não adoece somente o doente, mas toda família e amigos”.

Lembrou das palavras do psiquiatra. Ele sabia que era um fardo para muita gente, e sentia-se mal por isso. Algumas vezes já tinha pensado em abandonar tudo, e até em tirar a própria vida. Mas em 90% das vezes que esse pensamento passava por sua cabeça, ele acabava desistindo.

Em uma certa ocasião ligou para o amigo Benjamin no meio de uma crise e ameaçou cortar os pulsos. Entretanto, teve o cuidado de não trancar

NACIONAIS - ACHERON

a porta do quarto e de fazer um corte superficial, mas fundo o suficiente para assustar o amigo com uma boa dose de sangue.

O próprio Dante se desesperou com a quantidade do sangramento e ficou pedindo ajuda, dizendo que não queria morrer. A cena foi um pouco patética e ele a lembrava com uma certa vergonha. Na verdade, a intenção que ele tinha era de chamar atenção do amigo, que havia ameaçado deixá-lo sozinho devido seu comportamento.

Como resultado dessa atitude, Benjamin perdeu uma disciplina da faculdade, pois no dia que saiu para socorrer o amigo “suicida”, o professor ministrou uma prova crucial para as notas finais.

Dante implorou pelo perdão de Ben, como sempre fazia, e acabou sendo perdoado e a calma se instalou na casa dos dois até que uma nova recaída fosse mexer novamente com os alicerces daquela amizade.

Todos esses pensamentos passavam pela cabeça de Dante conforme ele caminhava sem rumo pela calçada. Seus pés o levaram até a boa e

velha cafeteria que ele gostava tanto.

Entrou e foi até o balcão procurar Matias, percebeu, entretanto, que haviam duas pessoas na sua frente aguardando para fazer seus pedidos. Entrou para pequena fila e aguardou sua vez.

— Ora, ora — uma voz soou por trás dele.
— Não é que ele aprendeu a função de uma fila!

Ele se virou e ali estava ela, a ruiva, com os braços cruzados, encarando-o com aqueles olhos verdes estonteantes.

— A função de uma fila eu já sabia, eu só não aplicava o conceito na minha vida prática — respondeu ele automaticamente. Dessa vez, não sorria.

Antes que Angel tivesse a chance de falar algo, ou então derramar alguma coisa na sua cabeça, ele logo complementou.

— Me desculpa, não quis ser rude. Pode passar na minha frente. — Ele saiu da fila e foi sentar em uma mesa vazia.

Angel o seguiu e ficou observando-o enquanto ele fitava a mesa como se fosse o objeto

NACIONAIS - ACHERON

mais interessante daquela cafeteria.

— Quem é você e o que você fez com o Dante? — Perguntou ela com bom humor.

Ele apenas olhou para Angel e não respondeu. Ela percebeu que ele não estava para conversa.

— Olha. Me desculpa por aquele dia. Eu não estava em um dia muito bom. Meu humor estava péssimo. Posso me sentar aqui? — perguntou ao mesmo tempo em que sentava, sem nem mesmo esperar uma resposta.

— Humor péssimo? — Dante deu um sorriso amarelo. — Bem-vinda ao meu mundo meu anjo.

— Eu não sou seu... — e antes de terminar a frase ela respirou fundo. — Aconteceu algo?

— Na verdade tudo aconteceu, mas não acho que você está interessada nos meus problemas boneca.

— Você precisa mesmo usar esse linguajar? Eu estou tentando ser legal aqui, sabia? — Angel tentou falar de forma mais delicada possível.
NACIONAIS - ACHERON

Percebia que Dante não estava bem e não queria ser grossa.

— Me desculpa Angel. É que minha boca tem uma desconexão seríssima com meu bom senso e acabo falando mais do que deveria — ele deu um sorriso tímido.

— Sou boa em analisar pessoas Dante. E apesar do meu “*babacômetro*” ter praticamente explodido àquele dia, notei um brilho de vida em seus olhos que não consigo enxergar hoje. E fazem apenas, o que, dois dias que nos encontramos pela primeira vez? — Ela o encarou com aqueles olhos verdes e ele acabou desviando sua atenção para mesa.

Aquele olhar lhe causava algo inexplicável. Como se ela realmente pudesse enxergar dentro dele. Ele não sabia se queria que Angel descobrisse o quão confuso era sua vida, sua mente e sua alma. O que aconteceria quando ela descobrisse que ele era bipolar? Se afastaria? Ele sentiu medo. A presença dela o confortava e ele não queria perder aquele bem-estar que sentia ao lado de Angel.

— Alô? Dante na escuta?

Ele olhou novamente para Angel e ela notou um novo brilho surgir em seus lindos olhos azuis, mas era algo diferente, eram lágrimas.

“Mas o que foi que aconteceu para que ele tenha se transformado tanto em tão pouco tempo”.

Angel fitava-o e o que enxergava era um homem que carregava a dor no olhar. Foi aí que percebeu aquele curativo em sua mão.

— O que houve com sua mão? — Angel instintivamente segurou na mão de Dante e sentiu um arrepio percorrer o corpo.

Ao perceber o toque, ele olhou para Angel e depois para a mão dela sobre a sua. Como se tivesse levado um choque, puxou a mão afastando-se do toque dela.

— Me desculpa — ela disse envergonhada.

— Não, é que... — Ele não sabia o que fazer. — Não pede desculpas, é só que... — As palavras não saiam de sua boca. — É que doeu um pouco — mentiu.

A verdade é que ele estava sentindo algo completamente novo dentro de si. A presença de Angel trazia uma tranquilidade e uma serenidade que ele não sabia explicar. E o mais importante, ele não queria que ela fosse embora.

— Quer beber algo? — Ele perguntou. — Quer dizer, qualquer coisa menos chá quente. — O seu sorriso continuava tímido.

Angel deu um belo sorriso e acenou que sim com a cabeça.

— Quero um chocolate quente — disse ela dando uma piscadela para Dante.

Ele acenou para que Matias viesse até a mesa para pegar o pedido dos dois.

— Matias me vê um café preto e um chocolate quente, por favor.

— Chocolate quente? — Matias olhou para Angel de forma desconfiada. — Tem certeza, Dante? Ela não prefere uma bebida gelada? — Falou ele movimentando a cabeça em direção a Angel.

Ela apenas observava a cena com um sorriso

NACIONAIS - ACHERON

divertido no rosto.

— Acho que estarei seguro dessa vez Matias. Pode trazer o chocolate e o café.

— Por sua conta e risco — disse Matias enquanto se afastava.

— Então, o que você faz Dante? — Perguntou Angel tentando puxar um assunto.

— Até antes de ontem eu era administrador de empresas. Hoje sou mais um na lista de desempregados.

— Nossa, sinto muito — disse Angel aproximando sua mão da de Dante, mas quando percebeu o que estava fazendo recuou.

— Não sinta, eu não sinto. Estava me sentindo sufocado naquele emprego. Agora posso finalmente focar no que eu gosto de fazer.

— E o que você gosta de fazer?

— Ainda preciso descobrir. — E ele sorriu, ainda não era aquele sorriso completo mas Angel deu-se por satisfeita. — E você, trabalha em que?

— Trabalho em uma loja de móveis —

disse ela envergonhada. — Eu sei que não é o emprego dos sonhos, mas pelo menos paga as contas. Mas meu sonho era ser aeromoça.

— Era? Desistiu do sonho porquê?

— Não é que eu tenha desistido, é difícil explicar. — Disse timidamente.

— Pois tente — Dante se interessava cada vez mais pela conversa.

Os dois foram interrompidos por Matias, que chegou com uma bandeja onde havia uma xícara de café preto e uma caneca com um chocolate quente que fumegava. Matias entregou o café para Dante, mas hesitava em entregar o chocolate para ela.

— Última chance. Tem certeza?

— Me dá logo esse chocolate Matias. — Ele pegou a caneca da bandeja e entregou o chocolate nas mãos de Angel, deu um sorriso espontâneo e piscou o olho dizendo. — Confio em você.

— Haa! — Angel deu um gritinho estridente e duas palminhas o que deixou Dante assustado. — Eu sabia que esse sorriso estava

NACIONAIS - ACHERON

escondido aí embaixo em algum lugar. E obrigada pelo chocolate senhor, dessa vez irei me comportar.

— Estou esperando. — Disse ele tomando um gole do café.

— Esperando o que? — Ela parecia confusa.

— Você me explicar porque desistiu de ser aeromoça?

Angel então tomou um gole do seu chocolate e murmurou alguma coisa enquanto mantinha a caneca com sua bebida na frente da boca.

— Repete o que você disse que não entendi.

Ele a fitava e notou que ela estava com as bochechas vermelhas e com vergonha de alguma coisa. Dante sorriu e segurou na mão dela.

— Promete que não vai rir? — Ela disse.

— Prometo. — Ele respondeu.

— É que eu sou muito baixinha. Aparentemente eles exigem no mínimo 1,58m para ser comissária de bordo, eu só tenho 1,55m — ela

disse finalmente.

— HA-HA-HA — Dante começou a gargalhar. — Me perdoa, mas não consegui segurar. — Ele falou em meio a risadas. — Mas porque eles exigem essa altura afinal?

— Sei lá, mas parece que um dos motivos é porque é preciso alcançar o bagageiro — ela respondeu com a cara emburrada, mas com um sorriso querendo escapar do rosto.

Dante então não conseguiu se conter e soltou outra gargalhada que chamou a atenção das pessoas ao redor.

— Mas é só você usar um banquinho — disse ele ainda sem conseguir parar de rir.

— Não tem graça — Angel falou, mas quando reparou estava gargalhando junto com ele.

Ela então olhou para o relógio e se espantou como o tempo tinha passado rápido.

— Preciso ir Dante, sua companhia foi maravilhosa. — Ela deu um sorriso e se levantou. — Fico feliz que esteja se sentindo melhor, mesmo que tenha sido às custas da minha altura.

NACIONAIS - ACHERON

— Te agradeço demais por isso. — Ele ainda ria. — Eu te acompanho até a saída. — Dante faz sinal para que Matias trouxesse a conta.

Quando Matias chegou com o valor final, Dante fez o pagamento enquanto Angel pegava, de dentro da bandeja que Matias carregava, uma caneta. Começou a escrever algo em um guardanapo.

Os dois caminharam até a saída e antes de se despedirem Angel deu a Dante o pedaço de papel. Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo faceiro no seu rosto.

— Até mais babaca. — E saiu apressada atravessando a rua.

Dante encostou a mão no rosto como se ainda pudesse sentir os lábios de Angel. Pegou o papel e quando viu o que tinha escrito, sorriu. Ela tinha deixado para ele o seu telefone. Ele deu um sorriso sonhador e também saiu da cafeteria rumo à sua casa, com um humor totalmente renovado.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 7



*“Sou louco porque vivo em um mundo
que não merece minha lucidez”*

Bob Marley

Quando ele chegou em casa o impulso que teve foi de ligar para ela. Pegou o telefone e quando ia discar o número parou.

“Calma Dante, não seja afoito. Você acabou de se encontrar com ela. Não vai assustar a garota porra”.

Em vez disso ligou para outro número. Uma voz logo atendeu a chamada.

— Dante, é você?

— Procurei o Adler. Eu tô seguindo teus conselhos cara, você pode fazer o favor de voltar

NACIONAIS - ACHERON

pra casa? Quer que eu me desculpe, é isso?

— Mas já tá com saudade? — Disse a voz de Ben do outro lado da linha. — Voltou a tomar seus remédios?

— Não.

— Então não. Além mais, eu estou cheio de coisa para estudar, TCC para finalizar, você sabe que estou no último semestre. Não posso ficar me preocupando com você agora. — Benjamin sentia-se culpado por estar falando dessa forma com o amigo, mas decidiu pensar um pouco em si.

— Vai ser assim Ben? Me ameaçando agora? Ou me medico ou você não volta? Não quero que você seja minha babá porra. Eu só... só quero companhia. — Dante detestava ficar sozinho.

— Eu te amo cara, mas não dá pra ficar vendo você se destruir dessa forma. Dessa vez não vou ficar perto pra testemunhar isso.

— Destruir? Só porque perdi o emprego? Você sabia que eu já queria sair daquele emprego há muito tempo. É exagero da sua parte dizer que estou me destruindo. Eu sei o que eu tô fazendo.

Ainda não cheguei ao ponto de sair pelado pela rua com uma melancia no pescoço fazendo malabares com bastões pegando fogo.

— Não brinca Dante. Eu tô falando sério cara.

Dante ouviu uma voz feminina do outro lado da linha pedindo pra Benjamin desligar o telefone e parar de perder o tempo dele com esse “maluco idiota”.

— Quem foi essa que falou isso? — Perguntou.

— Ninguém. Esquece vai. Eu preciso desligar. — Benjamin estava ficando impaciente.

— Tudo bem. Mas fala pra puta da Melissa ir se foder, e aproveita e vai junto com ela Benjamin. — Desligou e jogou o telefone sem fio longe.

“Mas que raiva!”.

Sua vontade era de sair quebrando tudo dentro de casa. Essas oscilações de humor o estavam deixando maluco. Precisava de uma

válvula de escape ou iria acabar perdendo o controle de vez.

“Liguei tentando consertar as coisas e fodi com tudo mais ainda. Mas que bosta Dante, você só faz merda, seu energúmeno”.

Começou a rir. Quem na face da terra usava a palavra energúmeno para xingar? A risada começou a aumentar e tornou-se um riso histérico cheio de desespero e insanidade.

Quando finalmente parou resolveu ir até o sótão. Chegando lá observou que o local estava uma bagunça. Há duas semanas ele havia comprado várias telas de pintura, cavaletes e uma imensidão de bisnagas de tinta à óleo, além de uma diversidade de pinceis.

Desde que era criança Dante gostava de fazer rabiscos em folhas de papel, mas sempre manteve tudo o que desenhava para si. Sempre gostou de como as imagens podiam expressar os diversos tipos de sentimento sem ser preciso dizer uma palavra. Dessa vez escolheu a tinta à óleo e a

tela, iria fazer sua primeira experiência pintando quadros.

Aproximou-se da coleção de cores que tinha comprado e ficou observando-as por alguns segundos, escolheu o branco, o cinza, o preto e o azul. Pegou uma das telas e a colocou no cavalete, pegou o godê e espalhou nele as quatro cores que havia escolhido.

Então fechou os olhos e começou a refletir sobre tudo o que estava acontecendo em sua vida naquele momento, pensou em todos os sentimentos que estava vivenciando, respirou fundo, pegou um pincel e começou a pincelar os primeiros traços de sua primeira obra.

Após horas de pintura ele finalmente se afastou da tela e olhou para o seu trabalho. Estava suado, com as mãos sujas de tinta, mas tinha finalizado aquela pintura. Passou a mão pelo rosto deixando uma mancha acinzentada pela testa. A mão direita latejava, o curativo estava todo preto e fiapos de atadura encontravam-se pendurados.

Dante sorriu, estava orgulhoso de seu

trabalho. Tinha conseguido retratar perfeitamente o que estava em sua mente.

À sua frente encontrava-se um quadro onde as cores cinza e preto eram predominantes. Podia-se distinguir claramente um rosto que tomava toda a tela, mas esse rosto estava estranhamente se abrindo em dois, os olhos daquela face estavam arregalados transparecendo um estado de horror, e a única cor viva que havia em toda tela estavam naquele olhar. Um azul claro se destacava em meio àquele cinza sombrio. Eram os olhos de Dante.

De dentro do rosto algo parecia tentar sair, mãos apoiavam-se no que era a bochecha daquele rosto entreaberto. No interior daquela abertura podia-se visualizar pequenos outros rostos, alguns sorrindo de forma exagerada, outros gritando com um ódio visível, alguns gargalhando e outros com um olhar acuado refletindo uma expressão apavorante de puro terror.

Finalmente ele tinha alcançado seu objetivo. Não havia nada que gostaria de modificar naquela pintura. Dante agora conseguia enxergar a cara do

PERIGOSAS

Transtorno Bipolar.

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 8



*“Se minhas loucuras tivessem explicações,
não seriam loucuras”
Friedrich Nietzsche*

Dante passou a semana seguintes recluso em sua casa, incomunicável com o mundo. O celular estava sem carga e o telefone de casa ainda estava no lugar onde ele havia jogado da última vez que tinha falado com Benjamin. Após dois dias ignorando todas as ligações que eram feitas para sua casa, o telefone sem fio também descarregou.

O único foco que ele tinha no momento eram suas pinturas. Com o isolamento intencional, encontrava-se imerso em seu mundo de tintas e sentimentos, não havia outro pensamento que tomasse conta de sua mente, apenas seus quadros.

As pinceladas estavam cada vez mais firmes e consistentes, os olhos estavam fixos na tela. Dante nem piscava. Sua concentração foi enfim, interrompida por um *toc toc* insistente na porta que dá acesso ao porão. Ele a havia trancado pois, mesmo sabendo que estava sozinho em casa, não queria ser incomodado por ninguém. Inicialmente ignorou aquele barulho incômodo, mas passados alguns instantes subiu a escada e perguntou por detrás da porta.

— Quem é?

— Quem você acha que é Dante? Benjamin é claro, a não ser que você tenha dado a chave de nossa casa para alguma pessoa. Vamos, abre a porta — disse Benjamin de forma seca.

— DA MINHA casa você quer dizer, não nossa. — Respondeu com uma voz fria.

— Vamos Dante, não quero brigar cara. Só quero saber como você está, abre a porta — Ben colocou a mão na maçaneta e a girou mesmo sabendo que estava trancada.

— Estou ótimo, então, já tem sua resposta,

pode ir embora. E, você não deveria estar na sua aula?

— Acorda mané. Já são 12:10. Aula já acabou. Vamos, abre a porta.

Dante não sentiu o tempo passar. Já estava pintando desde o amanhecer. O estômago dele então, pareceu ouvir Benjamin falar as horas e deu uma reclamada, fazendo um barulho.

— Não. — Respondeu ele passando a mão pela barriga.

— Só saio daqui quando você abrir essa porta. Seu pai me ligou preocupado. Faz dias ele tenta falar com você e não consegue. E agora nem seu celular, nem o telefone aqui da NOSSA casa completam a ligação. Abre a porta, por favor. — suplicou o amigo.

— Manda ele enfiar a preocupação dele no cu — vociferou Dante.

— Pelo visto você está em um daqueles dias, não é? Qual é Dante, me ajuda cara. Abre a porta, deixa eu pelo menos te ver. Não somente seu pai está preocupado, eu também estou.

Dante sentou na escada e encostou a cabeça na porta. Estava com saudades do amigo. A última vez que eles haviam se falado não tinha sido muito agradável. Mas precisava terminar seus quadros. Após alguns minutos ele quebrou o silêncio.

— Ainda está aí? — Ele falou de forma suave.

— Estou — respondeu Benjamin.

A porta se abriu e Benjamin olhou para Dante e se assustou com o que viu. À sua frente encontrava-se um homem com a barba tomando seu rosto, cabelo despenteado, com pontos de tinta em alguns locais. As mãos imundas e a roupa completamente suja de tinta óleo. O curativo que havia na mão de Dante estava todo preto, pedaços da gaze que cobriam o ferimento apareciam pela atadura frouxa e desfiada.

— O que houve com você? — Perguntou o amigo levando as mãos à boca.

— Não houve nada comigo, eu estava trabalhando — respondeu ele descendo as escadas e voltando ao seu “ateliê”.

Benjamin o seguiu e visualizou quatro telas já finalizadas espalhadas pelo sótão, e uma quinta tela em branca no cavalete. Ben olhou ao redor e encontrou o sótão, antes limpo e organizado, todo sujo e completamente bagunçado. Parou para observar as telas que o amigo tinha feito e pensou que ele realmente tinha talento. Os quadros eram impressionantes. Sentiu orgulho de Dante, mas ao mesmo tempo uma aflição tomou conta de si. As imagens refletidas nas pinturas eram assombrosas, e ele ficou imaginando o que elas significariam.

— Você andou ocupado — disse Benjamin se encaminhado até o amigo.

— Andei sim — concordou voltando a pegar o godê e encarando a tela que estava na sua frente.

— Será que a gente pode ir lá pra cima pra conversar um pouco? — Ben aproximou-se de Dante e fez uma careta. — Há quanto tempo você não toma banho? Você tá fedendo cara.

— Sei lá, quatro dias eu acho — ele deu de ombros.

Benjamin ficou encarando o amigo e de

NACIONAIS - ACHERON

repente deu as costas e começou a subir as escadas.

— Aonde você vai? — Dante parou e se dirigiu ao amigo.

— Embora. Já pedi para subirmos e você se recusa.

Dante largou o godê e pegou um pano sujo que estava em cima de uma cadeira e se limpou. Não adiantou muito e a tinta molhada que ainda estava na palma de suas mãos se espalhou e deixou um rastro de sujeira. Ele jogou o tecido no chão e começou a subir as escadas. Benjamin o seguiu.

Ele se sentou no sofá e ficou encarando o amigo.

— Estou aqui. — disse. — Sobre o que você quer conversar?

— Só queria me certificar que você está bem cara. Sabe, ainda te considero meu amigo. Você está vendo onde está morando? — Benjamin chegou perto de Dante e apontou para a cozinha.

A cozinha americana da casa dos dois amigos era pura sujeira. Pratos sujos se acumulavam na pia. Uma luva amarela, daquelas
NACIONAIS - ACHERON

utilizadas para lavar louça, jazia intocada no canto da parede juntamente com o detergente ainda fechado. Na bancada da cozinha, caixas vazias de lasanha congelada se amontoavam com restos de comida dentro, envolto em moscas, dando um aspecto repugnante ao local. Um pedaço de pão mofado estava no chão, bem ao lado de uma lixeira que transbordava de restos de comida, guardanapos e copos e mais copos descartáveis de café.

Dante olhou para o amigo e não disse nada. Começou a observar toda sua cozinha e de repente se deu conta que Benjamin estava certo. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele colocou o rosto entre as mãos e começou a soluçar.

Ben aproximou-se dele sentando ao seu lado e colocando a mão no seu ombro.

— Ei, não fica assim. A gente vai ajeitar isso tudo. Aliás, eu vou. — disse ele levantando-se. — Eu vou arrumar a cozinha e enquanto isso você sobe e vai tomar um banho bem demorado, combinado?

Dante acenou com a cabeça e sem dizer

nada se levantou e caminhou até a escada. Ao colocar o pé no primeiro degrau ele parou e olhou para Ben

— Obrigado — disse e subiu as escadas em direção ao seu quarto.

Ao chegar lá entrou no banheiro e se olhou no espelho. Cacos de vidro ainda estavam na pia do banheiro e Dante viu uma imagem distorcida nas sobras do espelho que tinham resistido à sua fúria. Ainda havia sangue seco na pia o que fez ele estremecer. Tirou a roupa, e começou a desenrolar o curativo de sua mão.

Quando começou a tirar a gaze, percebeu que ela estava grudada no ferimento por uma secreção amarelada, grudenta e fétida. Era pus. Ele então abriu a torneira e colocou a mão embaixo da água até que o restante da gaze caiu. Uma ferida avermelhada, edemaciada, com presença de pus e claramente infectada surgiu. Ele fez uma careta e sentiu vontade de vomitar. Como havia deixado aquele ferimento chegar até àquele ponto de infecção?

Entrou no box do banheiro. Assim que ligou o chuveiro deixou aquela água quente escorrer pelo seu corpo dando a ele um alívio quase imediato. Colocou a mão machucada debaixo da água e trincou os dentes por causa da dor que sentiu. A ferida estava sensível e dolorida. Começou a se limpar com sabonete e a água que escorria pelo ralo começou a ficar preta. Quando terminou de se lavar sentou no chão e ficou embaixo da água até sua pele ficar avermelhada. O choro voltou e Dante deixou suas lágrimas serem levadas pela água do chuveiro. A única coisa que permaneceu em suas entranhas foi a vergonha que estava sentindo por ter se comportado daquele jeito. A sujeira da casa, de seu corpo, ele se sentiu enojado. Ele não era assim.

Quando parou de chorar, desligou o chuveiro e tentou se recompor. Saiu do banheiro e vestiu uma calça moletom cinza e uma camiseta branca, calçou um chinelo de dedos e desceu as escadas. Viu Benjamin sentado no sofá assistindo televisão.

— Já terminou de limpar tudo? — Dante perguntou dando uma olhada na cozinha e vendo que toda sujeira e todo lixo tinham ido embora.

— Você demorou mais de duas horas lá em cima cara. Achei que tinha descido pelo ralo. — Disse Benjamin pegando o controle e desligando a TV. — Como está se sentindo?

— Bem melhor. Obrigado. — Agradeceu novamente.

— Belo trabalho aquele lá embaixo — disse Benjamin. — Eu não sabia que você pintava.

— São só rabiscos, não é nada demais — disse Dante passando a mão pela barba crescida.

— Não seja modesto, são realmente bons. Tristes e impressionantes, mas bons.

— Obrigado — respondeu de forma tímida.

— Quando você vai voltar no seu psiquiatra? — Perguntou Ben.

— Não sei.

— Dante...

— Eu ainda não sei Ben, tá legal? — Ele

interrompeu Benjamin. — Olha, eu não quero discutir, agradeço sua vinda aqui, sua preocupação, mas eu realmente estou exausto e não quero brigar. — Dante falava com uma voz arrastada e cansada.

— Tudo bem, não vou mais insistir que você se trate. Eu lavo minhas mãos, jogo os panos, desisto. Eu só quero seu bem, você sabe disso. — ele colocou as mãos no ombro do amigo.

— Eu sei. E agradeço por isso, mas eu vou fazer as coisas no meu tempo, certo? Agora se você não se importar preciso voltar lá embaixo. — disse ele se levantando do sofá.

— Você precisa é cuidar dessa mão — Ben apontou para mão infeccionada de Dante.

— Depois que eu limpar aquela bagunça lá embaixo eu prometo que cuido.

— Bom — disse Ben batendo as mãos nas coxas e levantando do sofá — Acho melhor eu ir andando então. Preciso dar notícias ao seu pai.

Dante fez uma careta.

— Pode fazer a careta que quiser — Ben ignorou a reação do amigo — Mas preciso dar
NACIONAIS - ACHERON

notícias ao seu pai. Ele realmente está preocupado, quer você acredite ou não. Se cuida cara, e vê se atende a porcaria do telefone.

Benjamin se aproximou de Dante e deu um abraço no amigo. Ele respondeu ao abraço e ficou olhando Ben sair de casa e fechar porta atrás de si. Deu meia volta e se dirigiu ao sótão, mas, ao colocar a mão na maçaneta teve outra ideia. Subiu as escadas correndo e entrou no quarto onde começou a vasculhar a pilha de roupas sujas que estava acumulada. Por fim, encontrou a bermuda que usou naquele dia do café, tateou os bolsos e achou o guardanapo. Deu um sorriso, saiu do quarto e desceu as escadas.

Foi até o telefone e viu que o amigo tinha colocado o aparelho no lugar.

“Tomara que tenha alguma carga”.

Dante pegou o telefone sem fio e sorriu ao colocá-lo no ouvido e escutar aquele conhecido *tuuuuuuuu*. Olhou no papel amassado o número de Angel e discou. Após dois toques sem atender ele começou a ficar nervoso, até que ouviu aquela voz

que o deixava em um estado de tranquilidade que ele não sabia explicar.

O mundo tinha ficado mais leve e Dante começou a sorrir bobamente ao ouvir a voz de sua doce Angel.

CAPÍTULO 9



*“Mas o teu amor me cura.
De uma loucura qualquer.
É encostar no teu peito...
E se isso for algum defeito,
por mim tudo bem”
Lulu Santos*

— Alô? — disse a voz de Angel.

— Oi, sou eu. — Será que ela ainda lembrava dele? — Quer dizer, aqui é o ...

— Dante! — Disse uma voz empolgada do outro lado da linha. — Nossa você sumiu. Achei que fosse me ligar no outro dia.

Angel percebeu que havia se empolgado demais.

— Quer dizer... tá tudo bem?

Com o telefone encostado no ouvido, Dante sorria. Ela havia reconhecido sua voz. Não tinha esquecido dele. E pelo seu tom de voz ao falar ao telefone, havia ficado feliz com sua ligação.

— Passei por alguns problemas e era sobre isso que eu queria conversar, será que poderíamos nos encontrar? — Ele havia decidido que contaria a ela sobre seu problema de saúde.

A experiência dele com relacionamentos não era vasta. Já tinha tido duas namoradas antes, mas o namoro não tinha durado muito. Na primeira dificuldade que o transtorno bipolar trazia na vida de Dante, ele era abandonado. No último relacionamento decidiu esconder da companheira, seu problema, mas, meses depois, ela descobriu da pior forma possível, quando ele entrou em crise. Foi a primeira vez que alguém tinha terminado um relacionamento com ele via *Whatsapp*.

“Não tenho estrutura psicológica para te apoiar nessa sua doença. Você merece alguém que te entenda. Acho que não damos mais certo.

Podemos continuar amigos. Beijos”.

E simplesmente desapareceu da vida dele.

Por essas e outras, antes de começar qualquer tipo de relacionamento com Angel e ele estava esperançoso de que isso pudesse acontecer, decidiu ser completamente honesto com ela, antes que acabasse se envolvendo demais com aquela mulher.

— Aconteceu algo? Você parece tão sério.

— Disse ela interrompendo o devaneio de Dante.

— Na verdade estou com um sorriso bobo no rosto porque achei que você tinha esquecido de mim.

— Quem deveria dizer isso sou eu. Você não me telefonava e.... Só um minuto Dante — Angel colocou a mão no celular e começou a falar com alguém que estava do outro lado da linha.

— Se você estiver ocupada posso ligar depois — disse ele desapontado.

— Oi Dante, você disse algo? Me desculpa, tinha um cliente falando aqui comigo.

— Eu disse que se você tiver ocupada posso ligar depois — ele repetiu.

— Na verdade estou um pouco ocupada sim, desculpa.

— Olha se você não quiser que eu te ligue me fala que eu rasgo o seu telefone e não perturbo mais. — Sua voz soou apreensiva.

— Ei, calma aí. Estou trabalhando e um cliente veio falar comigo.

— Desculpa — Dante se amaldiçoou por ter perdido a paciência. Ele respirou fundo. Precisava se controlar. — Podemos nos encontrar depois do seu trabalho? O assunto é realmente sério.

— Claro que podemos, às 17hrs. Que horas são agora?

Dante olhou para o relógio que ficava na cozinha.

— Agora são 14:57.

— Graças a Deus! Está quase terminando meu turno. Então está combinado. Nos encontramos na cafeteria? — Ela perguntou.

— Na cafeteria. — Respondeu ele.

E desligou o telefone. Foi até a uma porta que ficava ao lado da entrada do sótão e a abriu, entrou em uma espécie de despensa onde guardava os produtos de limpeza e tirou de lá alguns sacos de lixo, panos limpos e alguns produtos. Desceu ao sótão e decidiu colocar alguma ordem no que agora era o seu “*ateliê*”.

Após terminar a sessão de faxina, o suor escorria em seu rosto e a mão machucada latejava. Pegou o celular e tentou ligá-lo, mas lembrou que não havia carga. Colocou o celular no carregador e ligou na tomada decidindo subir para tomar uma ducha rápida antes de sair para encontrar com Angel na cafeteria.

Quando entrou no quarto olhou para o despertador que ficava do lado de sua cama e se assustou com o horário. Já eram 16:45. Precisava correr ou ia se atrasar para o encontro. Entrou no banheiro e tomou uma chuveirada, saiu, trocou de roupa, e passou a mão pelo rosto. Não dava tempo de fazer a barba.

Saiu de casa e fez a caminhada de cinco minutos até a cafeteria. Chegando lá entrou e olhou ao redor, Angel ainda não havia chegado. Identificou no relógio que ficava na parede da cafeteria que eram 17:02. Se ela saia do trabalho às 17:00 ainda demoraria um pouco para chegar. Ele não sabia se a loja onde ela trabalhava era longe ou perto do café.

Sentou-se em uma mesa vazia e começou a esperar. O cheiro de comida do ambiente fez seu estômago reclamar de fome. Pediu um sanduíche e um suco, ele estava faminto. O pedido chegou rapidamente e ele comeu seu lanche.

Olhou novamente para o relógio. Já eram 17:24. O nervosismo começou a tomar conta de si. Finalmente viu Angel entrando na cafeteria e procurando por ele. Ao vê-lo acenou com a mão e se dirigiu até onde ele estava. Ele levantou e a recebeu com um abraço e voltou a se sentar. Ela o acompanhou e sentou na sua frente, a mesa ficou entre os dois.

— Quer algo pra beber? — Ele perguntou.

— Um chá quente, por favor. — Angel sorriu. — E esse novo visual? — Ela apontou para sua barba.

— Faz parte do assunto que quero conversar — ele disse de maneira tímida. — Não se preocupa que vou te contar tudo. — Dante fez sinal para que alguém viesse na mesa para atendê-los.

Um funcionário que ele não conhecia aproximou-se.

— Cadê o Matias? — Ele perguntou.

— De folga — disse o funcionário. — O que vocês vão querer? — Ele pegou um bloco de notas e uma caneta e ficou esperando os pedidos.

— Um café preto e um chá quente — disse Dante e virou-se para Angel. — Qual sabor? — Perguntou a ela.

— Erva doce — ela disse.

— Um chá de erva doce e um café preto — o funcionário repetiu enquanto escrevia no seu bloquinho. — É pra já. — E saiu deixando os dois sozinhos.

— E então? O que você tem pra me contar?

— Mas antes que Dante pudesse responder ela notou a mão dele que estava descoberta. Na pressa de sair ele havia esquecido de fazer um curativo. Ela segurou sua mão machucada e ele a puxou instintivamente.

— Dante isso aí tá infeccionado. Você está passando algum remédio nesse machucado?

— Não — ele disse escondendo as mãos. — Estou bem, isso aqui não é nada.

— Isso aí — ela apontou para mão de Dante — Vai se espalhar e você vai acabar perdendo essa mão e vai ficar maneta. Vamos ao hospital agora.

Ele revirou os olhos.

— Não exagera Angel, eu vou ficar bem. Foi só um corte.

— Está com infecção e precisa de tratamento. Vamos, levanta — e Angel ficou de pé e começou a puxar Dante para que ele também levantasse.

— Angel — ele parecia uma criança que não queria ir ao médico tomar vacina.

— Sem Angel! Vamos Dante, levanta! —
Ela disse com autoridade e ele não teve escolha senão levantar e acompanhá-la. Pegaram um táxi e foram ao hospital mais próximo.

Chegando lá Dante começou a olhar desconfiado para o ambiente.

— Você acha que vão precisar tirar sangue?
— Ele perguntou a Angel preocupado.

— Eu senti uma pontada de medo? —
Zombou.

— Medo não, pavor! — Ele confessou. —
Eu odeio sangue.

Ela deu uma risada ele a olhou de cara feia.

— A baixinha aqui está se vingando por
você ter rido da minha altura.

Ele deu um sorriso amarelo e levantou as mãos em sinal de rendição. Eles abriram a ficha da emergência e aguardaram o atendimento médico. Após mais ou menos 30 minutos foram chamados e ambos entraram no consultório.

— O que te trouxe na emergência hoje ... —

e o médico consultou seu computador — Dante Razosky, é isso? — Complementou o médico.

— Rozensky — corrigiu, e mostrou o machucado. O médico calçou uma luva e pegou a mão dele avaliando o ferimento.

— Como isso aconteceu? Está bastante infeccionado.

— Me cortei no espelho lá de casa, na verdade... — e Dante olhou para Angel de forma envergonhada. — Eu esmurrei o espelho e acabei me machucando.

Angel olhou para ele incrédula, mas não disse nada.

— Certo. — Disse o médico como se aquilo fosse algo que ele estivesse acostumado a ouvir. — Vou te receitar um antibiótico e um anti-inflamatório para você tomar e uma pomada para que você passe nesse machucado. Depois de alguns dias a infecção vai sumir e essa ferida vai fechar.

O médico pegou um receituário e começou a escrever na receita o nome dos medicamentos.

— Você tem alguma alergia ou problema de

NACIONAIS - ACHERON

saúde? — Ele perguntou sem levantar os olhos da prescrição.

— Alergias não. — Respondeu Dante. — Mas... — então ele virou a cabeça e encarou Angel — Eu tenho transtorno bipolar.

Ele ficou tentando analisar a reação de Angel ao ouvir o que ele tinha acabado de dizer, mas, se ela ficou horrorizada e com vontade de sair correndo para o mais longe dele, ela não aparentou. Sua expressão estava tranquila, porém séria. O médico parou o que estava escrevendo e olhou para Dante.

— Você faz o tratamento com que medicamento? — Ele perguntou. — Dependendo de qual droga você use existem alguns remédios que não posso prescrever.

— Eu faço uso de lítio, mas estou sem tomar a medicação — Dante estava tenso. Não era desse jeito que queria que Angel descobrisse sobre sua doença. — Tem mais ou menos dois meses que não tomo nada.

— Dois meses? — Perguntou o médico.

Dante acenou que sim e o médico continuou a fazer a prescrição.

— Esse antibiótico você vai tomar uma vez ao dia, até acabar a caixa e esse inflamatório duas vezes ao dia, durante cinco dias. — Dizia o médico apontando com a caneta para cada medicamento escrito na receita. — E na lesão, você faz um curativo por dia usando essa pomada.

Apontou para o último item do receituário.

— Seguindo tudo direitinho, você deve ficar bem.

— Então sem injeção? — Disse sentindo-se aliviado.

— Sim — e o médico sorriu. — Sem injeção. Tenha uma boa tarde Dante, se cuida rapaz.

Eles saíram do consultório e Dante não conseguia olhar Angel nos olhos. Ele sentou-se em uma das poltronas na recepção de atendimento e ficou fitando o chão. Ela sentou na poltrona ao seu lado e colocou a mão em seu ombro.

— Era isso que você ia me contar? —
NACIONAIS - ACHERON

Sussurrou ela.

Ele acenou com a cabeça. O medo o consumia. Medo da reação dela e principalmente o temor de que ela, assim como as outras, fosse dar uma desculpa e sair de sua vida. Ela aproximou-se dele e deu um beijo em seu rosto. Com sua mão pegou no queixo de Dante e delicadamente virou o rosto dele para que ele olhasse para ela.

— Não precisa ficar assim. — Ela disse de forma compreensiva. — Mas acho que precisamos conversar não acha?

Novamente ele acenou com a cabeça.

— Queria te mostrar algo. — Ele disse levantando de repente. — Me acompanha até lá em casa?

E Dante estendeu a mão esquerda para que Angel a segurasse. Um medo tomou conta dele. E se ela sentisse medo? E se fosse igual as outras pessoas que achavam que ele era um psicopata e que iria usar uma serra elétrica para ... Mas antes que concluísse seu pensamento, sentiu a mão de Angel segurando nas suas, e seus dedos se

entrelaçaram com os dela. A sensação foi reconfortante e ele sentiu calma novamente, o medo havia sumido.

— Tudo bem. — disse ela. — O que você pretende me mostrar? — perguntou curiosa.

— O que acontece dentro da minha cabeça.

E os dois caminharam para fora do hospital à procura de um táxi.

CAPÍTULO 10



*“E que a minha loucura seja perdoada,
porque metade de mim é amor,
e a outra metade também”
Oswaldo Montenegro*

Dante abriu a porta e convidou Angel para entrar. Deu uma olhada rápida no ambiente e viu que tudo estava no seu devido lugar. Em silêncio agradeceu a Benjamin por ajudá-lo a pôr ordem na casa. O percurso do hospital até a casa dele havia sido silencioso e a única coisa que fez com que Dante não tivesse uma crise de ansiedade foi o fato de Angel segurar sua mão durante todo o tempo em que estavam no carro.

— Quer beber algo? — Dante disse se dirigindo até a cozinha e abrindo a geladeira. — Só

não vou ter chá.

— Um copo de suco, por favor. — Angel caminhava pela sala olhando o espaço. — Casa bonita.

Dante fechou a geladeira e olhou para Angel de forma envergonhada.

— O que houve?

— Não tem suco. A única coisa que tem para beber é café — ele falou colocando as mãos no bolso visivelmente constrangido.

Ela deu um sorriso acalentador aproximando-se dele.

— Um copo de água está perfeito.

Ele sorriu, deu meia volta e voltou à cozinha. Angel aproximou-se de um móvel onde tinha várias fotos de família. Pegou um porta-retrato com a foto de um adolescente abraçado com uma mulher. Ela tinha os mesmos olhos azuis de Dante e o mesmo sorriso.

— Quem é essa?

— Não é ninguém. — Disse de forma

evasiva. Aproximou-se de Angel e tirou o retrato de suas mãos. — Aqui sua água.

Dante colocou a fotografia no local onde estava e ficou olhando por um momento.

— Me desculpa.

— Não, é só que ... — ele parou de falar e ficou olhando para ela. — Vamos lá embaixo? Quero te mostrar algo.

Desconversou e virou-se em direção ao sótão.

— Vamos. — Ela respondeu.

— Eu realmente não queria que você descobrisse meu problema daquele jeito. — Ele falou enquanto descia as escadas.

— Há quanto tempo você sabe? — Ela o acompanhou.

— Oito anos.

— Deve ser difícil para você. Eu fico imaginando como você se sen...

Angel de repente ficou muda e abriu a sua boca, que ficou em formato de um O. Estava

olhando para os quadros que Dante havia pintado. Um calafrio percorreu suas costas quando começou a identificar cada detalhe das imagens que ele havia pintado. Eram quatro quadros finalizados.

— Nossa Dante. Você que pintou?

Ele acenou com a cabeça.

— São ...

— Terríveis? — Ele falou antes que Angel pudesse responder.

— Impressionantes era o que eu ia falar. O que significam?

— Minhas emoções. Era isso que eu queria te mostrar. O que se passa dentro da minha cabeça. Você sabe o que é transtorno bipolar Angel?

— Sei. É quando a pessoa tem alterações entre alegria e tristeza. É isso?

— Sim e não. Não é tão simples assim, mas sim. A pessoa com transtorno bipolar tem alterações do humor, que variam de euforia extrema, ou então um caso de depressão. Não é simplesmente alegria e tristeza. — Está

compreendendo?

Ela acenou que sim.

— Você não controla esses sentimentos. Não é?

— Exatamente. Fazendo um resumo bem simplificado é basicamente isso. Mas a coisa é bem mais complexa. Mas quero que você saiba de tudo. Eu preciso que você saiba de tudo, pretendo ser 100% honesto com você.

— Então me diga como você se sente Dante. Fala pra mim.

— É difícil tentar explicar o que sinto. Eu gosto de você Angel. Não consigo explicar o motivo, mas desde que te vi que algo nasceu dentro de mim. E foi um sentimento bom em meio ao caos em que minha vida se encontra agora. Nenhuma mulher nunca me fez sentir isso antes. — Dante aproximou-se de Angel e pegou sua mão. — Você me traz calma.

E deu um beijo suave em suas mãos. Ela sorriu, ficou nas pontas dos pés e encostou os seus lábios nos de Dante.

— Também me sinto assim em relação a você. Ao mesmo tempo em que você despertou dentro de mim um instinto assassino que eu não conhecia, naquele dia lá no café — e ela riu. — Senti algo diferente quando olhei em seus olhos. Algo, inexplicável. Me ajuda a entender o que se passa dentro de você. Me ajuda a te enxergar.

Dante segurou na mão dela e a levou em direção ao primeiro quadro que ele havia pintado.

— Eu costumo dizer que esse aqui representa a face do Transtorno Bipolar — disse ele apontando para a tela. — Todos os sentimentos lutando dentro da minha cabeça. Cada qual querendo se revelar, algumas vezes mais de um consegue escapar ao mesmo tempo. Isso acaba trazendo confusão dentro de mim. Sabe quando você sente raiva e alegria ao mesmo tempo? Mais ou menos assim.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos olhando para o quadro. Os olhos de Angel começaram a ficar marejados. Ela se dirigiu para o quadro seguinte.

— O que significa essa palavra aqui? — Angel apontou para um nome escrito em um alfabeto diferente no canto inferior direito da tela. Abaixo desse nome estranho estava a assinatura de Dante.

— печаль. — Ele disse.

— O que? — Disse ela franzindo a testa.

— Se fala *pechal*. É russo. Significa tristeza.

— Russo? Mas porque russo?

— Quero que cada pessoa que venha a ver o quadro tenha uma sensação diferente com a tela. Se eu escrever tristeza, em português, todos iriam enxergar essa emoção. Não quero isso. Quero que a experiência seja singular. Pensei no russo porque ninguém sabe falar russo — ele sorriu.

— E você sabe?

Ele acenou que sim com a cabeça.

— Meus bisavôs por parte de pai eram russos. Vieram para o Brasil durante a Segunda Guerra. Apreendi o idioma com meu pai

— Estou impressionada. Moço inteligente.
— ela sorriu. — Mas, e o primeiro quadro? — Ela perguntou. — Não tem nome.

— O primeiro decidi não nomear. As pessoas terão que decifrar o que ele significa. Não que eu vá querer mostrar os quadros para alguém, mas enfim. Foram ideias que passaram na minha cabeça.

— Mas é interessante. E eles realmente despertam sentimentos na gente. Esse por exemplo — ela apontou para o quadro chamado tristeza, desperta em mim a desesperança.

Após momentos observando a pintura, os olhos de Angel voltaram a se encher de lágrimas. Metade de um rosto de um homem com os cabelos pretos e despenteados tomavam conta da tela, conseguia-se observar apenas um olho, de um azul claro e penetrante, reconheceu o olhar de Dante.

Na imagem, o homem chorava, mas não era lágrimas comuns, o que parecia escorrer pelo olho daquele rosto era de uma coloração vermelho vivo, sangue. Embaixo podia-se ler a seguinte frase:

NACIONAIS - ACHERON

“Você não consegue escapar da sua mente”. Uma lágrima então escorreu pelo rosto de Angel.

— Se você não quiser mais ver podemos subir — disse Dante percebendo que Angel chorava.

— Não, quero olhar todos de perto — ela enxugou as lágrimas com o dorso das mãos. Aproximou-se então da terceira imagem. — E esse como chama?

— Разочарование! Se fala *razocharovaniye*, significa frustração — esclareceu percebendo Angel arregalando os olhos ao ouvir aquela palavra gigantesca.

— Se eu tentar falar isso minha língua dá um nó. — Disse Angel. Dante deu uma gargalhada e ela também sorriu.

O terceiro quadro era um dos mais angustiantes. Um homem encontrava-se de joelhos tentando com todas as forças levantar, mas mãos cadavéricas o puxavam pelas roupas, seguravam suas pernas, seus braços o impedindo de ficar ereto. Apesar do rosto dele estar de perfil, era possível

notar uma expressão de puro desespero e frustração por não conseguir manter-se de pé.

— É difícil quando você tenta levantar e seguir sua vida, mas algo dentro de você não permite, é como se mãos invisíveis lhe puxassem para baixo sempre. É assim que me sinto em relação à minha bipolaridade — ele complementou.

Angel então aproximou-se do quarto e último quadro e antes que pudesse perguntar, Dante adiantou-se.

— O nome desse é эйфория, se fala *eyforiya*, significa euforia.

À sua frente encontrava-se um homem gargalhando, mas não era um riso de alegria, mas uma risada descontrolada, desesperada e aflita. As mãos estavam fechadas em punho, os braços parcialmente fletidos como se estivesse levantando peso. Na verdade, não havia como saber se ele estava rindo ou gritando. A testa estava franzida como se o homem sentisse dor, mas os dentes estavam a mostra evidenciando uma gargalhada assustadora.

— Ele não está feliz — ela afirmou. — É um riso angustiante.

— Exatamente — ele respondeu. — É um riso de desespero. Seu humor está eufórico, ele se sente bem, mas quando a sensação de bem-estar passar, tudo o que ele sente é a dor e a vergonha. — Dessa vez eram os olhos dele que estavam cheios de lágrimas. Então uma delas caiu.

—Dante... — Foi a única coisa que Angel disse.

Ela aproximou-se, tocou em seu rosto, amparou a lágrima com o dedo e lhe deu um beijo nos lábios. Dessa vez não era um beijo casto, mas cheio de apetite, seus lábios se fundiram com os dele e suas línguas começaram a trocar carícias e desejos em uma dança sensual e homogênea, pareciam um só. Foi intenso, caloroso e cheio de luxúria.

O primeiro passo foi de Angel. Primeiro ela tirou a própria blusa e depois foi a vez de despir Dante. Ela sentia uma urgência de tê-lo para si como se isso fosse fazer com que ela conseguisse

compreendê-lo melhor se o sentisse por inteiro. Depois tirou a calça ficando somente de calcinha e sutiã. O olhar que direcionada a Dante era de puro desejo. A tensão sexual crescia cada vez mais entre os dois. Dante olhava para ela somente de lingerie e aqueles olhos azuis expressavam uma ânsia pelo seu toque, cada vez mais, cobiçava o corpo de Angel.

Ele então começou a tirar a calça jeans e a cueca que usava a fim de libertá-lo por completo. Ficaram ambos olhando um para o outro, analisando seus corpos, ela o olhava de forma lasciva e indecente. Dante deu um meio sorriso enquanto Angel tirava o restante da roupa, olhando-a dos pés à cabeça, se sentindo cada vez mais excitado. E quando sua calcinha caiu sob seus pés, ela ficou, nua, sem pudor e vulnerável física e emocionalmente. E isso era excitante, afinal, mal conhecia Dante e havia descoberto há pouquíssimo tempo que ele tinha uma doença séria. Mas ela não sabia explicar o sentimento que crescia dentro de dela, e beijar Dante daquela forma sensual só havia confirmado o que já percebia. Queria ele do seu

NACIONAIS - ACHERON

lado.

Dante deu um passo até ficar com o corpo colado ao dela e uma nova onda de beijos e carícias reiniciou e foi se intensificando. Gemidos começaram a aparecer e a respiração dos dois foi ficando mais pesada e ofegante. E, ali mesmo, em meio aos quadros e telas eles se entregaram de forma plena.

Quando o sentiu dentro dela, Angel arqueou-se e deixou o prazer invadir seu corpo e todo o seu ser. E de repente lágrimas se formaram em seus olhos, não de dor, de arrependimento ou tristeza. Ela estava emocionada pois nunca havia experimentado uma sensação dessa com o sexo. Todos os nervos de sua pele pareciam aflorados, cada toque de Dante era como uma onda de desejo aumentando dentro de si.

Dante curvou-se sobre ela para beijá-la, um beijo salgado e cheio de emoção e seus movimentos ficaram mais rápidos e acentuados. Para ele o mundo parecia girar em câmera lenta. A cada movimento que fazia sentia seu corpo

encaixando de forma perfeita no de Angel. Os dois sincronizavam os movimentos como se já fossem amantes de longa data. Era tudo perfeito. O que importava naquele momento eram eles. O movimento rítmico, as respirações compassadas, o suor e aquele cheiro excitante de sexo. Quando finalmente atingiram o ápice do prazer, gozaram juntos e um beijo ardente selou a união dos dois. Ficaram deitados no chão, com as pernas entrelaçados, nus e com as testas encostadas uma na outra, os olhos fechados.

Não havia mais tristeza, euforia, frustração ou nenhum dos sentimentos expressados por Dante em seus quadros. Só havia Dante e Angel e um único sentimento que os dois compartilhavam naquele momento e que sabiam que era puro e verdadeiro: o amor.

CAPITULO 11



*“Todos nós nascemos loucos.
Alguns permanecem”
Samuel Beckett*

Eles ficaram naquela posição por vários minutos até que Dante quebrou o silêncio.

— Você é perfeita — ele disse dando um longo beijo em seus lábios.

— Não sou, ninguém é, nem eu e nem você. Nossa beleza está nos defeitos — ela respondeu ao seu beijo. — E quero conhecer todos os seus defeitos e também qualidades. Uma eu já conheci — Angel deu um sorriso safado. De repente ela

começou a rir.

— Qual a graça? — ele perguntou.

— Eu nunca fui uma pessoa impulsiva, pelo menos não até hoje. O que você está fazendo comigo mocinho?

Angel ainda estava deitada, apoiando a cabeça com a mão enquanto falava.

— Não sei seu sobrenome, sua idade e absolutamente nada sobre sua vida. Corrigindo, sei seu sobrenome Sr. Razosky. — la piscou o olho pra ele.

— Rozensky — disse ele bravo. — Mas eu acho que você só está me provocando, mocinha!

Angel deu uma risada jogando a cabeça para trás. Ele aproveitou e deu um beijo estralado em seu pescoço fazendo-a se contorcer de cócegas.

— Para seu bobo. Deixa eu continuar o que eu estava falando. Enfim, eu nunca fui impulsiva e agora estou aqui, em um sótão, nua, em seus braços e me sentindo a pessoa mais feliz do mundo.

Dante aproximou-se dela e lhe deu um

selinho na boca.

— Me chamo Dante Rozensky, tenho 27 anos e sou administrador, quer dizer, era administrador — ele corrigiu. — E nas horas vagas eu sou bipolar. Moro com meu amigo chamado Benjamin, só que ele está temporariamente alérgico a minha pessoa. E agora nesse exato momento estou pelado junto com a mulher mais linda que eu já vi na minha vida. E você senhorita? Também não sei nada de você.

— Me chamo Angel Mendes, tenho 23 anos, sou uma humilde vendedora de uma loja de móveis e artigos feitos de madeira. Moro com uma amiga e ainda não decidi o que vou fazer da minha vida. E nesse exato momento estou pelada junta com o homem mais lindo que eu já vi na minha vida. — Ela sorriu.

— Homem mais lindo que você já viu? Aonde? — e Dante olhou ao redor procurando alguém. — Quero saber agora onde esse outro cara está, senhorita.

— Bobo — e Angel deu um tapinha em seu

ombro.

Ela levantou e começou a procurar suas roupas.

— Ah, não vai embora — Dante fez um bico.

— Apesar desse bico ser fofo eu preciso ir. A Filomena vai ficar preocupada? Acho que já escureceu — disse Angel enquanto se vestia.

— Quem?

— A amiga que mora comigo. Vamos, se veste — Angel jogou para Dante sua cueca e suas roupas.

— Você mora com uma idosa de 90 anos?

— Claro que não, Filó tem a minha idade.

— Você fala Filomena e eu imagino uma senhora de 90 anos de idade. Ela ainda anda ou você precisa ajudá-la com a cadeira de rodas? — Ele riu da própria piada.

— Ela iria adorar ouvir isso, só que não — Angel deu uma risada. — Mas já que você não se considera mais um administrador, podia virar

humorista com essas piadinhas. Tá pronto?

— Liga pra ela e diz que você vai ficar aqui. A Dona Filomena, quer dizer, a Filó vai entender.
— Ele chegou perto dela e a envolveu com seus braços. — Não quero te deixar ir pequena.

Ela colocou ao braço ao redor da cintura de Dante e começou a olhar os quadros.

— Eu realmente acho que você deveria mostrar esses quadros para as pessoas Dante. Eles são muito bons.

— Isso é me expor demais. A única pessoa com quem eu quero compartilhar o que sinto, é você. Como você mesmo disse, quero que conheça todos os meus defeitos e qualidades.

— Falando em defeitos. Ouvi quando você disse ao médico que estava sem se medicar. — Ela então levantou os olhos para encarar Dante. — Isso não vai fazer você piorar?

Dante desfez o abraço e se esquivou.

— É difícil explicar — ele disse.

— Então tente. Eu quero te entender. E pra

isso você precisa ser honesto comigo.

— Eu me sinto preso quando começo a tomar a medicação. É como se o lítio fossem amarras que fazem com que eu não seja eu mesmo. Entende? Eu estou tentando controlar minha doença sem precisar de medicamento. Estou conseguindo, eu juro.

— Eu acho que sua mão demonstra que não é exatamente assim, meu querido. Se você tivesse no controle de tudo não teria machucado a mão.

— Falando nisso, preciso ir na farmácia comprar os medicamentos que o médico prescreveu. — Ele se dirigiu até a escada do sótão.

— Dante, olha pra mim.

Ele virou e encarou Angel.

— Acho que você está fugindo do assunto. Se não quiser falar disso agora eu entendo, é só me dizer e eu vou respeitar. Quero que tudo seja feito em seu devido tempo. Não quero ser àquela pessoa que vai te sufocar. — Ela se aproximou e pegou na mão dele. — Quero te decifrar, te entender e te ajudar. Mas não quero que se sinta sufocado com

minha presença.

Dante a encarou e como sempre fazia quando estava perto de Angel, sentia a necessidade de desabafar com ela. Era um sentimento que surgia naturalmente. Ele sempre foi uma pessoa muito fechada e o único com quem costumava ter esse tipo de conversa era com seu psiquiatra. Mas conversar com Angel não causava a ele o desconforto que ele sentia ao falar com outras pessoas.

— Eu queria ser forte o suficiente pra controlar minha doença sem precisar me submeter à medicação. Me sinto frustrado e com raiva quando não consigo. — Ele soltou a mão de Angel e passou as duas mãos pelo cabelo. — Na verdade, me sinto derrotado, como se eu não fosse capaz de ter controle nenhum sob minha vida. Isso me faz ficar mal, com raiva e extremamente irritado. — Ele baixou a cabeça.

Angel voltou a segurar suas mãos.

— Mas o equívoco está justamente em você achar isso. Você tem o poder de controlar essa

doença, mas para isso precisa utilizar uma arma para lutar contra ela, e essa arma é o seu remédio. O poder está em suas mãos, basta utilizá-lo.

— Nunca tinha pensado dessa forma. — Disse ele começando a se convencer de que Angel poderia estar correta.

— Pois então pare e pense. E enquanto isso, vamos à farmácia comprar seus medicamentos e depois eu prometo que ligo pra Filó. Fico com você essa noite sim.

Ele sorriu e ambos voltaram para a sala de estar.

— Prometo a você que irei procurar Adler e discutir sobre o tratamento. — Ele falou enquanto se aproximava de um móvel cheio de fotografias. — E essa aqui é minha mãe.

Ele pegou o porta-retratos que Angel havia visto mais cedo.

— Ela morreu em um acidente de carro quando eu tinha 19 anos, logo depois adoeci. Dizem que o gatilho para o surgimento da minha bipolaridade foi a morte dela. Um dia te conto tudo

NACIONAIS - ACHERON

sobre ela. Quero que me conheça por completo Angel, que aprenda sobre minha história e sobre tudo o que já passei.

— Obrigada por compartilhar isso comigo.
— Ela aproximou-se dele e o abraçou. — Sei que não deve ser fácil se abrir dessa forma para alguém. Quero te conhecer Dante Rozensky, quero sorrir contigo, chorar, aprender e ensinar. Agora vamos? Precisamos cuidar desse machucado. Depois cuidamos de outras feridas que precisam ser curadas.

— Primeiro as feridas físicas, depois as emocionais — Dante complementou.

E os dois saíram de mãos dadas, à procura do primeiro passo rumo a uma nova etapa de suas vidas.

CAPITULO 12



*“A psicologia nunca poderá dizer
a verdade sobre a loucura,
pois é a loucura que detém
a verdade da psicologia”
Michel Foucault*

Uma semana já tinha se passado e a mão de Dante já apresentava uma melhora significativa. Ao terminar o tratamento para seu ferimento resolveu procurar seu psiquiatra.

Ainda lembrava o modo como tinha tratado Dr. Adler e se sentia envergonhado por seu comportamento.

— Dante, que bom te ver por aqui — Dr. Adler recebeu seu paciente com os braços abertos.

Ele aproximou-se e deu-lhe um abraço e um aperto de mãos firme. Então foi sentar-se naquele mesmo sofá cor de chumbo, com aquelas mesmas manchas de café que continuava-lhe incomodando.

— Eu não acho que você deveria permitir que as pessoas comessem ou bebessem nesse sofá — ele disse sem pensar.

— E porquê? — inquiriu o médico.

— Olha que sujeira — disse ele apontando para as manchas de café.

Dr. Adler não respondeu e ficou aguardando para que Dante começasse a falar.

— Mas enfim, sobre a última vez que estive aqui, gostaria de me desculpar.

— Não há problema nenhum Dante. Mas o que me conta de novo?

— Eu estou me sentindo muito animado Adler. Estou namorando sabia? Ela se chama Angel, é aquela mulher da cafeteria lembra que te falei? — O sorriso de Dante estava estampado em seu rosto e os olhos brilhavam.

— Mas não era aquela que te odiava? — Adler de vez em quando anotava algo em seu caderno de anotações.

— Era. Mas agora não me odeia mais, pelo contrário. Acho que nos amamos, pelo menos eu sei que a amo. — Adler tirou os óculos e fitou Dante. — Não precisa me olhar desse jeito. Eu sei que faz pouco tempo, mas o que temos um com o outro é intenso e verdadeiro.

— Só estou olhando para você, nada mais. Mas devo lhe dizer que você está claramente passando por uma crise de euforia, e precisa tomar certos cuidados.

— Não estou passando por uma crise de euforia — disse de forma defensiva.

— Tem certeza?

Dante levantou do sofá e foi até a janela do consultório, entreabriu a cortina e ficou olhando o movimento da rua. Alguns minutos se passaram.

— Não, não tenho certeza. — Disse finalmente sem olhar para seu médico. — Mas isso não vem ao caso. Ela sabe que sou bipolar e está

NACIONAIS - ACHERON

disposta a me entender melhor.

— O problema não é ela Dante, é você. Tem certeza que essa paixão repentina por essa moça não é fruto de sua crise? Há quanto tempo vocês se conhecem? Você já parou e pensou nisso?

— Não é isso. Eu a conheço tem uns 15 dias, mas eu sei o que sinto por ela. — Ele começava a se irritar. — Não é nenhum transtorno bipolar que vai passar por cima do meu sentimento e confundir meu coração. É real Adler. O que sinto por Angel é real, e ela compartilha isso comigo. Eu sei que é repentino, entendo sua preocupação, mas é real! Cada noite longe dela é uma tortura, e ela foi o motivo que fez com que eu viesse pra cá. Quero voltar a tomar minha medicação.

— Fico muito feliz em ouvir isso. Mas você tem que fazer isso por você, e não por ela. É você que tem que querer melhorar.

— Mas eu quero melhorar, que bosta! — A irritação agora era aparente.

Ele parou, respirou fundo e tentou acalmar o tom de voz.

— Ela foi só o empurrão que me motivou. Eu quero melhorar — repetiu ele. — Então gostaria de saber como vai ficar a dose da medicação.

— Tudo bem Dante, não precisa se alterar.

— EU NÃO TÔ ALTERADO — gritou e logo olhou de forma culpada para seu médico — Eu não tô alterado.

Ele repetiu baixando o tom de voz.

— A dosagem do lítio vai permanecer a mesma, mas você sabe que os remédios vão resolver a parte química do transtorno, mas o equilíbrio de sua mente vai precisar de ajuda também de psicoterapia. — Dr. Adler ignorou o ataque de fúria do seu paciente. — Como está sua relação com seu pai?

— Péssima — Dante sentou novamente no sofá. — Sempre que nos falamos acabamos brigando.

— Seu amigo já voltou pra casa?

— Ainda não, só depois das provas finais, mas sempre estamos nos falando.

— Dante, o suporte da família e amigos é fundamental para sua recuperação. Eu costumo dizer que não se trata apenas o paciente, mas todas as pessoas que convivem com o bipolar. A psicoterapia é importantíssima para você, e a terapia em família também é fundamental. E se você estiver realmente disposto a voltar a se tratar, vamos precisar do suporte de todos, inclusive de sua namorada. — Ele então estendeu um pequeno cartão para Dante.

— O que é isso? — Perguntou pegando o cartão.

— Um ótimo psicoterapeuta, seu nome é Dr. Gabriel Marinho. Indico todos meus pacientes para ele. Eu vou ficar responsável pelos seus medicamentos, ele vai ficar responsável pela terapia.

— Prometo que vou procurá-lo. Adler, outra coisa. Estou com dificuldades para dormir. Você pode passar algo?

— Claro, vou fazer sua receita do lítio e de outra medicação que irá tomar antes de dormir,

chama *Zolpidem* e você irá fazer uso logo antes de deitar, combinado? — Adler levantou e foi até sua mesa pegar o receituário.

— Eu ainda tenho o frasco de lítio todo cheio — ele disse de forma envergonhada. — Então só precisa prescrever esse outro.

— Tudo bem. — Dr. Adler finalizou a receita e a entregou à Dante. — Não esqueça de procurar Dr. Marinho. E espero vê-lo aqui em breve.

— Vou procurá-lo sim — ele pegou a receita das mãos do médico e saiu do consultório.

Quando chegou na rua começou a pensar em tudo o que havia ouvido. Será que o que sentia por Angel era somente um reflexo de seu humor? Impossível. Não. O sentimento por ela era real. Ele amaldiçoou Adler em pensamento por levantar essa dúvida em sua cabeça.

Pegou o celular e começou a discar o número de sua pequena. O telefone tocou apenas uma vez e logo a voz de Angel chegou em seus ouvidos.

— Oi, meu amor, como foi no médico? —

ela parecia animada. — Não vejo a hora de te ver mais tarde. Têm algumas novidades que gostaria de te contar. Espero que você goste.

O espírito de Dante acalmou assim que ouviu a voz de Angel. Claro que era real o que ele sentir por ela. E ele iria fazer o possível e o impossível para mantê-la por perto.

— Dante? Está aí?

Os pensamentos dele foram interrompidos.

— Ahn? Oi, sim pequena, estou aqui. Minha cabeça estava longe. Certo, te espero hoje lá em casa mais tarde então. Então você me conta as novidades. Agora preciso ir ao mercado comprar algumas coisas — Dante caminhava pela rua enquanto falava com Angel. — Hoje sou eu quem vou cozinhar.

— E desde quando você sabe cozinhar? — ela perguntou incrédula.

— Aparentemente desde ontem à noite. — ele deu uma risada. — Aprendi com o Chef Ramsay, aquele *chef* britânico que é conhecido por sua. Se você acha que me viu irritado minha cara, NACIONAIS - ACHERON

precisa assistir Hell's Kitchen, o cara é insano.

Angel já havia presenciado alguns episódios de alterações de humor de Dante, e a irritação ao qual ele se referia foi quando mandou consertar o espelho do banheiro e achou o serviço realizado absurdamente caro.

Ele sabia que o coitado do rapaz que fez o serviço não tinha culpa dos preços, mas mesmo assim soltou os cachorros em cima dele. Teve que ouvir um sermão de Angel depois do ocorrido, falando o quão errado ele estava e Dante precisou ligar para a vidraçaria para pedir desculpas ao pobre rapaz.

— Não quero nem conhecer esse chef então. Prefiro você e sua culinária. E qual vai ser o menu de hoje? Ovo frito?

— Muito engraçado, mas é surpresa. E depois de se deliciar com o Manjar de Dante, quero ouvir se ainda vai soltar alguma piadinha. Agora preciso ir pequena. Um beijo e até mais tarde. — disse desligando o telefone.

Dante saiu para o mercado para comprar os

ingredientes do jantar. Ele pegou um carrinho do supermercado e começou a escolher cuidadosamente cada item que precisaria levar. Era a primeira vez que iria cozinhar para Angel e tinha que ser especial.

Quando deixava o supermercado sorria satisfeito pois aquela noite seria memorável.

CAPITULO 13



*“Conte-me e eu vou entender,
Mostre-me e eu vou lembrar,
Envolva-me e eu vou entender”
Confúcio*

Os ingredientes já estavam separados e Dante preparava o filé que já se encontrava devidamente temperado e com a carne já selada no azeite. Quando iniciou a preparação do purê de cogumelos a campainha tocou. Ele pegou um pano, enxugou as mãos e se dirigiu até a porta.

— Mas que chef mais charmoso — Angel entrou pela porta e deu um selinho em Dante. Ele estava com um domã branco e também usava um toque blanché, mas de cor preta.

Ele sorriu e voltou à cozinha.

— Se é para cozinhar, que seja em trajes adequados. Quando saí do mercado eu passei em uma loja de uniformes e comprei essa roupa. Gostou? — Dante abriu os braços e deu uma volta.

— Nunca tive tara em chef de cozinha, mas estou começando a mudar de ideia. — E deu uma piscadela. — E qual é o menu de hoje?

— Bife à Wellington. Já selei o filé — ele apontou para carne que descansava em uma frigideira. — Agora — disse ele mostrando os cogumelos que estavam em um depósito. — Vou pegar estes aqui para fazer um purê que irei enrolar no bife, depois pego isso aqui — e ele pegou um pacote onde dizia “presunto de Parma”. — Enrolo na carne e cubro tudo com massa folhada. E vai ao forno. Simples não?

— E onde você aprendeu a fazer isso? — Angel sentou em um banco que ficava do lado da bancada da cozinha e ficou observando Dante preparar o jantar.

— Vi o Chef Ramsay fazer — ele picava os

cogumelos. — Ele é apresentador de uma série de TV chamada Hell's Kitchen, o cara é foda.

— Pois estou louca pra provar sua comida Chef Rosensky, estou faminta.

— Sim senhora, e para a acompanhar nosso jantar, o ideal seria um belo vinho, mas como eu recomecei a minha medicação, vamos no suco de uva, nada de álcool pra mim.

— Ahhh, não acredito!! — Angel bateu palminhas, deu a volta pelo balcão e se jogou em cima de Dante. — Como estou orgulhosa de você meu amor. — E começou a lhe dar vários selinhos.

— Assim você desconcentra o chef. — Dante devolveu os beijos dados por Angel. — Quando o chef começar a desejar melões eu quero ver o que você vai fazer.

— Para seu tarado — e ela deu um tapa no ombro de Dante.

— Tenho um pepino saborosíssimo.

— Muito engraçadinho você. Mas acho chega de papo. Agora de volta ao trabalho. Minha barriga está roncando.

Dante sorria enquanto olhava para Angel. Ele então voltou aos seus afazeres e finalmente a carne foi ao forno.

— Agora é só esperar, e enquanto o forno faz o seu serviço — Dante tirou a toque blanché e abriu os dois primeiros botões do domã. — E enquanto isso, você vai me dizer qual era a novidade que eu ia gostar.

Ele pegou na mão de Angel e foram até a sala. Sentaram no sofá e Angel começou a passar a mão pelo rosto dele e afastou de sua testa o cabelo preto que teimava em cair em seus olhos.

— Você fica melhor sem aquela barba e, definitivamente, precisa cortar esse cabelo.

Dante aproximou-se de Angel e lhe deu um beijo longo e ardente.

— Desse.... Jeito.... a.... comida... vai.... Queimar — disse Angel e entre cada palavra que falava, um beijo entre os dois se reiniciava.

Então esqueceram as novidades, o jantar, o tempo, começaram a se despir de forma urgente e fizeram aquele sexo intenso, ali mesmo no sofá.

Foi então que o cheiro de queimado despertou os dois daquele transe pós transa.

— Puta que pariu, o bife! — E Dante saiu correndo, nu e abriu o forno onde o file Wellington agora se resumia a um grande pedaço de carvão.

— Queimou? — Angel aproximou-se da cozinha. Ela estava somente de calcinha. Ela fez uma careta ao sentir o cheiro de carne queimada.

— Você gosta de carne bem passada? — ele sorriu e mostrou a Angel o jantar queimado. — E se você continuar na minha frente vestida desse jeito, vou te atacar aqui e agora no chão da cozinha.

Ele colocou o jantar no lixo, com assadeira e tudo e saiu em direção a Angel que começou a dar passos para trás ao mesmo tempo em que sorria de forma maliciosa. De repente ele acelerou o passo e pegou Angel pela cintura e os dois acabaram no chão.

Ele ficou observando ela esparramada no piso e de repente ficou sério.

— O que houve?

— Não foi nada. — ele levantou e começou
NACIONAIS - ACHERON

a pegar as roupas no chão e a se vestir sua roupa.

— Acho melhor pedirmos uma pizza.

— Dante — e Angel também se vestiu.

Aproximou-se dele e segurou sua mão.

— Aconteceu algo?

— Foi algo que o Adler disse.

— Adler?

— Meu psiquiatra, Dr. Adler. Ele me disse que minha atração por você era devido à crise de euforia pelo qual eu estou passando.

Ela soltou a mão de Dante e deu uns passos para trás, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Então, é tudo um sintoma do seu transtorno? Nada é real? — e as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

— Ei, não chora. — E ele pegou o rosto dela com as duas mãos e lhe deu um beijo tenro nos lábios. — Claro que não. Eu disse que ele está errado. O que sinto por você é real. Vem daqui de dentro — e colocou uma das mãos em cima do peito. — E não quero que pense outra coisa.

Entendeu?

Angel aquiesceu e deu uma fungada.

— Isso aí. — beijou Angel novamente. —
Pode colocar esse catarro pra fora agora.

— Ai seu nojento — e deu-lhe um tapa no ombro.

— Pera lá que a catarrenta aqui é você.

Angel revirou os olhos e deu um abraço forte em Dante. Por um breve momento achou que tudo tivesse sido apenas uma coisa de momento. Que ele não tivesse por ela, os mesmos sentimentos que ela tinha. Apesar do pouquíssimo tempo juntos, ela já tinha um carinho profundo e sincero em relação à Dante.

— Mas e aí, vamos pedir uma pizza? — Disse ela fungando novamente. — E cala essa boca. — Falou antes que Dante dissesse algo.

CAPITULO 14



*“Assim que você confiar em si
mesmo aprenderá a viver”
Johann Goethe*

O jantar aconteceu de forma tranquila e sem mais problemas. Dante e Angel conversaram sobre seus dias e foram para cama quase meia noite.

Angel logo dormiu, mas ele começou a ficar inquieto sem conseguir pegar no sono.

“Esqueci de comprar o remédio que Adler me passou, preciso fazer isso amanhã”.

Ele levantou e saiu da cama tomando cuidado para não acordar Angel, desceu as escadas e dirigiu-se até o sótão.

Acendeu a luz e começou a descer as

escadas que levavam até seu ateliê. Fazia mais de uma semana que não pintava, o seu quinto quadro ainda estava no cavalete esperando ansiosamente pela próxima sessão de pintura.

Ele pegou o godê e espalhou um pouco de tinta preta e escolheu um de seus pincéis. Fechou os olhos e deixou que os pensamentos e emoções invadissem sua mente. Com os olhos ainda fechados começou a dar as primeiras pinceladas.

Sua concentração era absurda e a cada novo traço de tinta que a tela ganhava, Dante intensificava ainda mais seu trabalho para que sua obra fosse concluída. O tempo passou e ele foi interrompido apenas quando ouviu o ranger da porta do sótão.

“Porque portas precisam fazer esse barulho ao abrir?”

Parou o que estava fazendo e ficou olhando em direção à escada.

— Dante? — Uma voz feminina o chamou. Angel aproximou-se com os olhos ainda vermelhos de sono e viu Dante somente de calça moletom

NACIONAIS - ACHERON

cinza e sem camisa, a barriga estava suja de tinta, assim como suas mãos e seu rosto. — Já são quatro horas da manhã, o que faz acordado a essa hora?

— Não consegui dormir — ele então voltou ao seu trabalho.

— Quer beber algo?

— Café. — Disse sem desviar o olhar de sua tela.

— Vou fazer, volto em um minuto.

— Tem chá também, comprei pensando em você — ele falava sem se virar.

Angel sorriu e subiu as escadas.

Voltou com o café que deixou em um pequeno banco que ficava próximo ao balcão onde estavam as tintas e foi sentar um pouco mais afastada. Ficou observando Dante pintar e bebericou o chá que havia feito para si.

— O que está pintando? — Perguntou após alguns instantes. Ela não teve resposta. O que ela observava na tela eram duas asas brancas que pareciam sair das costas de uma mulher que estava

sentada em um banco, com a cabeça baixa, as mãos esticadas em direção ao corpo de um homem que estava deitado no chão. Ele tentava alcançar as mãos daquele anjo que tentava ajudá-lo. Ela usava um vestido branco de alça, e seu rosto estava encoberto por seus longos cabelos ruivos.

— Dante, essa aí sou eu? — Ele permaneceu sem respondê-la. Resolveu não interrompê-lo novamente e apenas continuou observando-o.

Quando finalmente Dante parou o que estava fazendo ele pegou o café e deu um gole fazendo uma careta.

— Esse café tá frio Angel.

— Claro que está, faz meia hora que eu deixei ele do seu lado.

— E você ficou sentada aí o tempo todo?

Ela fez que sim com a cabeça. Angel ficou acompanhando com o olhar ele procurar algo em meio às tintas e pincéis.

— Merda.

— O que foi?

— Acabou a tinta preta. Preciso ir comprar outra — disse dirigindo-se à escada.

— Agora? — Angel levantou de onde que estava. — Mas devem ser cinco horas da manhã, não tem nada aberto.

— Mas eu preciso dessa tinta agora — a inquietação dele começava a crescer e Angel percebeu que algo estava diferente.

— Meu amor, vem cá — e pegou em sua mão puxando-o para si.

Olhou bem no fundo de seus olhos e percebeu um olhar nervoso e apreensivo.

— Assim que as lojas abrirem você compra sua tinta e vai ter o dia todo livre pra terminar seu trabalho. — Angel passou a mão no rosto de Dante, que fechou os olhos ao senti-la.

Aquele toque era tranquilizador e na mesma hora Dante refletiu e aceitou o que Angel falava. Ambos subiram para sala de estar, ainda de mãos dadas e sentaram no sofá para conversar, as luzes permaneceram apagadas. Ele não sentia sono, ela já estava completamente desperta.

— Estou quase finalizando aquele quadro — ele disse quando ambos sentaram. — E sim, aquela é você. E o homem deitado no chão sou eu.

— Como o quadro chama?

— Спасение, ou *spaseniye*, quer dizer salvação — Dante baixou a cabeça e murmurou — Você é minha salvação Angel.

— Ah Dante, olha pra mim meu amor. Não sou eu a solução para tudo, você é sua própria salvação. A única coisa que eu posso fazer por você é segurar sua mão na sua caminhada.

Uma lágrima solitária escorreu pelo rosto de Dante, ela percebendo que isso podia fazer seu humor piorar, resolveu mudar de assunto.

— Lembrei que ainda estou te devendo uma novidade.

— É verdade — disse ele se ajeitando no sofá para ficar de frente a ela e passando a mão no rosto para limpar a lágrima — Me conte que novidade é esse que eu vou adorar.

— Lembra que falei que trabalho em uma loja de móveis e outros artigos feitos de madeira?

NACIONAIS - ACHERON

— Lembro.

— Então, temos uma cliente que sempre compra conosco molduras para quadros, ela é colecionadora e também é dona de uma galeria de arte. Comentei com ela que eu tinha visto alguns quadros impressionantes sobre expressão de sentimentos e eu disse que poderia mostrar algumas fotos para ela e para o curador da galeria. — Ela olhou nervosa para ele.

Como Dante não respondeu nada, ela continuou a falar.

— Já imaginou meu amor? Suas obras em uma galeria de arte.

Ele começou a passar as mãos pelo cabelo de forma nervosa.

— Não sei. Não me sinto confortável mostrando meus quadros para todo mundo. Não quero que as pessoas vejam meu interior. A única pessoa que quero que me conheça por completo é você — e ele pegou suas mãos e as beijou.

Angel sorriu e se aninhou no peito de Dante. Não queria forçar a barra com ele. Não agora, que

NACIONAIS - ACHERON

sabia que ele tinha decidido voltar a se medicar e que também estava começando a compreendê-lo e aprender mais sobre ele e sobre seu transtorno.

— Não precisa falar nada agora. Pense no que eu te disse e a palavra final é sua. E saiba que eu vou te apoiar em qualquer decisão que você tomar.

— E como faríamos caso eu dissesse sim?
— e ele deu um beijo na sua cabeça. Ela ainda estava aninhada em seu colo.

— Bom, pelo que eu entendi o curador vai olhar seus quadros, ou pelo menos podemos mostrar fotos. Provavelmente o curador vai querer falar com você, te conhecer e se ele aceitar expor seu trabalho na galeria, a gente faz um contrato sobre a divisão dos valores dos quadros.

— Você quer que eu venda meus quadros?
— Dante afastou Angel de forma gentil e olhou para ela.

— Porque não meu lindo? Seus quadros são maravilhosos e muito bem feitos. Você mesmo disse que está sem emprego. E pelo que percebi,

gosta de pintar. Porque não fazer da pintura a sua profissão?

Dante voltou a abraçar Angel e lhe deu um beijo na testa. Ficou refletindo sobre o que ela havia lhe dito. Ser pintor profissional. Isso nunca havia passado pela sua cabeça. Ele já estava começando a ficar preocupado pois, estava sem emprego e em breve as contas começariam a chegar.

Como, todas as vezes que ele entrava em crise de euforia, ele torrava todo dinheiro que tinha, portanto, não havia um valor muito alto em sua poupança. Além de tudo, Dante era muito orgulhoso, e se as coisas realmente apertassem, ele não iria pedir dinheiro ao pai nem que precisasse morar debaixo da ponte. Então, pensando bem no assunto, a ideia de Angel não era de toda absurda.

— Prometo que vou pensar em tudo isso pequena. — Ele começou a acariciar os cabelos ruivos de Angel e em menos de cinco minutos ela já estava dormindo.

Ele decidiu não se mover e deixá-la dormir

por mais alguns instantes. Em breve o dia iria nascer e ele sabia que ela precisava ir trabalhar. E por sua culpa ela havia acordado de madrugada. Ele começou a pensar em como sua vida tinha mudado desde o dia que tinha conhecido Angel, seu belo anjo. Ele riu de forma silenciosas.

“Se ela ouvisse eu falar isso diria que era a frase mais brega que ela já ouviu”.

Brega ou não ele não se importava, Angel era seu anjo. E ele acreditava que ela iria tirá-lo daquele inferno que ele estava vivendo. Deu outra risada silenciosa.

“O Inferno de Dante.”

E voltou a sorrir.

Ficou observando o respirar de Angel e uma paz o invadiu. Queria cuidar daquele pequeno ser e proporcionar a ela toda felicidade que um homem pudesse dar a uma mulher. O que sentia por Angel era algo tão bonito que ele não conseguia expressar com palavras, apenas sentir com o coração.

De repente uma angustia começou a tomar

conta de si. As palavras de seu médico ecoaram em sua cabeça. Ele havia reiniciado o lítio. Será que quando voltasse a se estabilizar esse sentimento que estava sentindo iria desaparecer como fumaça? Não. Era impossível. Mas aquilo martelava em sua cabeça. Não iria correr esse risco. Angel era importante demais para ele. Estava decidido a não tomar a medicação. Ela não precisava saber.

As primeiras luzes do dia começaram a iluminar o ambiente. Dante levantou-se devagar e deixou Angel dormindo no sofá. Foi até a cozinha e decidiu preparar o café da manhã. Olhou para o lixo onde havia jogar o bife tostado e sorriu.

“Como valeu a pena queimar essa carne”.

O pensamento fez com que sentisse uma fígada em seu baixo ventre. Colocou o café na cafeteira e uma chaleira no fogo para fazer o chá de Angel.

— Bom dia, Cinderela — disse ele ao ver que Angel havia se levantado e se dirigia até o balcão da cozinha.

— Por que Cinderela? — Aproximou-se de
NACIONAIS - ACHERON

Dante e deu-lhe um selinho.

— Porque você é dorminhoca. — Ele pegou dois ovos e começou a pôr na frigideira para fritá-los.

— Não seria a Bela Adormecida? Cinderela é a do sapatinho de cristal Sr. Expert em princesas. Posso te ajudar?

— Tanto faz. Pra mim a única princesa que existe aqui é você. — ela fez uma careta. — O que foi?

— Piegas. — E Angel pegou o pão e começou a passar manteiga.

— Seu romantismo me encanta meu amor. — Ele aproximou-se e lhe deu um beijo na cabeça. — Vou te chamar de Fiona a partir de agora. E vou ser seu ogro.

Angel revirou os olhos.

— Adoro conversas relevantes durante o café da manhã — ela ironizou.

E ambos riram. Eles tomaram o desjejum e Angel subiu para tomar um banho e trocar de

roupa. O telefone começou a tocar e Dante o atendeu.

— Dante, aqui é o Ben. Escuta, esse fim de semana eu volto pra casa. Como está indo?

— Estou ótimo. Voltei a me medicar — Dante havia dito uma meia verdade. — E quero que você conheça minha namorada. Acho que você vai gostar dela.

— Namorada? Nossa, temos muito assunto para conversar então. Escuta, fico feliz que esteja indo bem e satisfeito que tenha voltado a se medicar. Preciso ir, a gente se fala fim de semana então. Tchau.

Dante desligou e subiu as escadas na esperança de que ainda conseguisse pegar Angel no banho. A lembrança do bife queimado e o motivo pelo qual ele queimou haviam deixado aquele início de dia mais quente. E ele precisava se refrescar.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 15



*“Quem nunca um erro cometeu,
também nunca algo descobriu”*

Regina Shultz

Após refletir bastante sobre sua situação, Dante resolveu não desagradar a Angel, e decidiu tomar suas medicações, mas, de forma parcial. Por conta própria diminuiu a dosagem e, em vez de fazer uso de três comprimidos diariamente, resolveu tomar apenas um, pela manhã.

Benjamin voltou para casa, como prometido, e a vida começou a voltar à normalidade de sempre, a diferença era que Dante parecia uma pessoa mais feliz e com um comportamento mais controlado e adequado. Angel estava fazendo um belo trabalho com ele.

No fim de semana em que havia voltado para casa, Ben foi apresentado para ela e a afinidade entre os dois foi instantânea.

Após duas semanas do reinício do tratamento, seu humor começou a se estabilizar, mas algumas vezes, ele ainda tinha alguns ataques de raiva, ou impulsos como compras repentinas.

Certo dia Dante estava caminhando de volta à sua casa depois de uma corrida, ele realizava exercícios quando se sentia muito eufórico, e lembrou-se do cachorro que havia prometido a si, algum tempo atrás. Passou em um Pet Shop e começou a olhar os filhotes que estavam à venda. Um lindo filhotinho de pastor alemão estava em uma cestinha gradeada e olhou para ele balançando o rabo com àquele olhar pidão de filhote, que derreteu seu coração. Ele era o cachorro mais agitado dentre todos os que estavam à venda, pulava em seus irmãozinhos, tentava morder seus rabos e orelhas e chamava toda atenção para si.

“Combina comigo.”

Abaixou-se e colocou a mão dentro da

cestinha gradeada criando uma pequena guerra entre os filhotes para saber quem iria ser o contemplado com um carinho daquele simpático humano.

— Vai ser você — e pegou o filhote mais agitado no colo. O bichinho começou a lhe encher de lambidas.

Aproximou-se de uma vendedora e após negociar toda compra com a funcionária lembrou que não tinha dinheiro e foi forçado a cancelar a compra, deixando para trás uma vendedora bastante irritada e um cachorrinho com olhar decepcionado. Sentiu mais pelo cachorro do que pela vendedora. Depois agradeceu em silêncio por não ter levado o animal para casa. Benjamin iria enlouquecer.

— Eu já te disse que gostei dela, não disse? — Benjamin falou enquanto pegava um pedaço de pizza para si. — Linda, divertida e parece gostar bastante de você. Acho que você deveria tê-la convidado para almoçar conosco. Só não sei se posso chamar uma pizza de almoço. — Ele deu uma mordida na pizza. — Eu achei que você fosse

cozinhar.

— Depois te conto minha última experiência como chef de cozinha. Se bem que dessa vez não teria o menor perigo de eu deixar a comida queimar. Você é lindo, mas não faz meu tipo — E Dante soltou um beijo em direção à Benjamin e riu sozinho.

Benjamin olhou para Dante sem entender nada, mas achou melhor não perguntar. Nem sempre compreendia as colocações de seu amigo e já havia se acostumado com isso.

Angel havia acabado de sair da casa dos dois amigos após uma rápida visita, no intervalo do almoço, para conversar sobre os progressos que ela estava tendo em relação à galeria de arte e sobre a possível possibilidade de expor os quadros de Dante lá.

Ela já havia mostrado para dona da galeria as fotos dos quadros e já havia a promessa de que as imagens chegariam até o curador da galeria para saber sua opinião sobre as obras e a possibilidade de expô-las para o público. Angel estava otimista.

Os amigos permaneciam conversando enquanto almoçavam a pizza.

— E antes que eu me esqueça — Dante disse com um pedaço de pizza na mão e gesticulando para o amigo — Tira o olho que eu vi primeiro. — e ele sorriu. — Ela está fazendo meu mundo fazer sentido cara, nunca senti isso antes por nenhuma mulher. Antes era só sexo, agora com Angel, sinto que é amor.

— Além de pintor, virou poeta? — Ben pegou o refrigerante e serviu a ele e à Dante.

— Parece que sim — ele bebeu um gole e pegou um enorme pedaço de pizza. — E você e Melissa.

— Estamos bem, o namoro está engatando.

— Devíamos marcar uma saída, nós quatro.

Benjamin, que estava dando um gole na bebida, engasgou-se, começou a tossir e colocar refrigerante para fora, tanto pela boca quanto pelo nariz. E de repente começou a rir.

— Qual a graça? — Dante estava sério.

— Ela realmente iria adorar sair, sabendo que você estaria no mesmo ambiente que ela — Ben ainda ria pegando um guardanapo e limpando o rosto. — Principalmente depois de você tê-la chamado de puta.

Dante colocou uma das mãos no cabelo e coçou a cabeça.

— Me desculpa em relação a isso. — Ele parecia realmente envergonhado.

— Relaxa cara, mas não é a mim que você deveria pedir desculpas. Mas acho melhor adiar esse encontro à quatro, pelo menos por enquanto. Melissa é uma mulher muito geniosa. Como eu dou muito valor a sua vida, melhor te manter afastado dela por enquanto.

Os dois riram e continuaram seu almoço até não sobrar mais. Ben levantou, pegou o caixote da pizza e jogou no lixo, pegou os copos que haviam sujado e começou a lavá-los.

— Ouvi sua conversa com a Angel — disse enquanto ensaboava os copos. — É sério mesmo esse negócio de exposição?

— Isso é ideia dela. Quer ajuda com a louça?

— Ben apenas balançou a cabeça negativamente.

— Ela acha meus quadros bons o suficiente para expô-los em uma galeria de arte.

— E dou total apoio. — Benjamin agora enxugava os copos com um pano. Ele colocou os copos de volta ao armário e olhou para Dante. — Você ainda pensa em voltar para área de administração?

— Não.

— Então acho que você deveria fazer algo que lhe dá prazer, mas que também traga algum dinheiro. Não sou seu marido para te bancar.

— Mulher.

— Oi?

— Se fôssemos casados você seria a mulher.

— Dante começou a rir.

Benjamin mostrou a ele, o dedo do meio.

— Será que você pode ter uma conversa adulta uma vez na vida? Meu ponto é. Acho que você deveria tentar. Quem sabe não consegue

vender os quadros e ganha algum dinheiro com isso. Se ninguém gostar, você segue com sua vida e começa a pensar em outra forma de ganhar algum dinheiro.

— Vou pensar no que você disse minha querida esposa.

Benjamin novamente levantou o dedo do meio para Dante. Ambos deram risada.

— Bom, preciso voltar para faculdade.

— E eu vou tentar finalizar outra pintura.

— Já fez quantas no total? — Ben já estava na sala procurando sua mochila.

— Quando eu finalizar essa última, serão cinco no total. Acabaram minhas telas e estava em falta na loja, eu deveria ter muito mais quadros prontos. — Disse frustrado — E não precisa se preocupar caso eu não esteja em casa mais tarde. Vou passar na casa da Angel, depois que ela sair do trabalho. Ela quer me apresentar sua amiga de 125 anos.

— Como é?? — Ben olhou curioso para seu amigo,

NACIONAIS - ACHERON

— O nome da amiga dela se chama Filomena, e com um nome desses eu só consigo imaginar uma senhora de mais de 200 anos.

— E não eram 125?

— Tanto faz. — Disse dando de ombros. — Sabe aquela velhinha que cuida do Piu-Piu?

Benjamin acenou com a cabeça.

— Então, é a imagem da Filomena dentro da minha cabeça.

— Dante. Você não existe. — Disse Benjamin enquanto gargalhava. — Agora deixa eu ir embora antes que eu me atrase.

E com a mochila em um dos ombros, Benjamin se despediu de Dante e saiu para sua aula.

CAPITULO 16



*“Os loucos as vezes se curam,
os imbecis nunca”
Oscar Wilde*

Dante chegou até à porta da casa de Angel e tocou a campainha. Não houve resposta. Apertou novamente e um novo *ding dong* soou pela casa. Nada. Então ele começou a apertar a campainha freneticamente ocasionando *ding dong* repetitivo e irritante.

— Mas que merda! Não tem paciência?? —
Uma jovem abriu a porta de forma brusca e encarou Dante nos olhos.

Ela tinha o cabelo curto e preto, os olhos castanhos e um rosto com uma expressão de eterna raiva. A testa era franzida, e ela tinha um semblante

NACIONAIS - ACHERON

de poucos amigos.

“A senhora que cuida do Piu-Piu parece mais simpática”.

— Cadê a Angel? — Dante perguntou com a mesma rispidez que Filomena havia falado quando abriu a porta.

— Oi meu amor — Angel apareceu por trás de Filó passando pela amiga e abraçando seu namorado, enchendo-lhe de beijos. — Estava testando a campainha para ver se funcionava? — ela sorriu.

— E está funcionando perfeitamente pequena — ele entrou na casa abraçado com Angel e ignorando Filomena.

— Quer algo para beber meu lindo? Um café talvez?

— Pode ser. — Ele virou-se e encarou a amiga de Angel — Então essa é a sua amiga. Achei que ela fosse mais velha. — Dante fez uma cara de dor ao sentir a cotovelada que tinha acabado de levar nas costelas.

— Se comporta! — Falou Angel sem abrir a boca e de forma quase inaudível.

Ele apenas sorriu.

— Dante você se importa se eu for tomar uma ducha bem rápida? Acabei de chegar e eu já estava indo para o banho quando você chegou. A Filó vai ficar aqui com você. — Ele fez uma careta sem fazer a mínima questão de disfarçar.

Angel arregalou os olhos reprovando a atitude dele.

— É bom que vocês conversam e se conhecem melhor. Quando eu voltar eu faço o seu café. Isso se você merecer — Dante assentiu soltando um beijo para Angel, ela então subiu as escadas desaparecendo por detrás da porta de seu quarto.

Dante foi até o sofá da sala e sentou-se. Filomena o seguiu e sentou em uma poltrona que ficava em frente ao sofá.

“Isso aqui parece até o consultório do Adler”.

— O que você pretende com ela? —
Filomena foi direto ao ponto.

— Como é? — Ele a encarou.

— Eu perguntei o que você pretende com a Angel. Ela é minha amiga e estou preocupada. — A postura de Filó era de alguém que estava fazendo um interrogatório. Seus braços estavam cruzados, sua expressão era séria e Dante podia jurar que, o que ele enxergava nos olhos dela, era desprezo.

— Preocupada que ela está namorando? Você é a mãe dela ou o que? — Ele ajustou-se no sofá, apoiou os braços nos dois joelhos e entrelaçou as mãos. Continuou encarando Filomena sem desviar o olhar.

— Ela me contou do seu problema. E quer saber a verdade? Acho que ela não deveria se arriscar tanto em um relacionamento assim.

— Se arriscar?? Porque ela correria riscos comigo? Posso saber? — Dante começou a se sentir cada vez mais incomodado com àqueles questionamentos.

— Ora. Porque você é... — E a voz de
NACIONAIS - ACHERON

Filomena hesitou.

— Sou o que? — Dessa vez foi Dante que se encostou no sofá e cruzou os braços. — Responde. Eu sou o que? Doido, maluco, com um parafuso a menos? Quais das opções?

— Problemático. — Ela respondeu. — E acho que Angel merece alguém menos... — Filó estava procurando a palavra certa — complexo. É isso, ela precisa de alguém menos complexo, cheio de traumas e problemas.

— Traumas? — Ele deu uma risada irônica. — Agora sou uma pessoa traumatizada?

— Eu sei que sua mãe morreu e que foi por isso que você ficou meio *tan-tan*.

— Escuta aqui sua... — Dante levantou-se do sofá o que fez Filó dar um passo para trás. Ele olhou em direção às escadas e voltou seu olhar para amiga de Angel.

Com o indicador em riste apontou para ela. Seus olhos ferviam de raiva.

— Não abra essa sua boca para falar da minha mãe, ou...

NACIONAIS - ACHERON

— Ou o que??? Vai me bater?? — E ela colocou as mãos na cintura.

O rosto de Dante estava contraído em uma expressão de puro ódio, a respiração estava ofegante e seu coração batia de forma acelerada, os nervos estavam à flor da pele. Abaixou a mão e respirou fundo e soltou o ar por entre os lábios semicerrados fazendo um barulho que pareceu quase um silvo. Não iria perder a cabeça ali, na casa de Angel, muito menos encostar as mãos na amiga dela. Nunca havia batido em uma mulher na vida e não iria começar agora.

— Não vou sujar minhas mãos batendo em você — ele respondeu tentando se acalmar. — Eu não encosto em lixo. — E deu um sorriso cínico.

— Escuta aqui seu...

— O que está acontecendo aqui? — Angel estava descendo as escadas e notou a tensão que se instalara entre Dante e Filomena.

— Seu namorado está me ameaçando. Se você não tivesse chegado, era capaz dele me bater.

Dante olhava para Filomena incrédulo com

NACIONAIS - ACHERON

o que havia acabado de ouvir.

— Cê tá louca menina — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

— Eu louca? Acho que quem é doente da cabeça aqui não sou eu? — Respondeu Filomena olhando pra Dante de forma séria, mas dando um meio sorriso bem discreto revelando todo o cinismo e ironia daquela pergunta.

— Filó!! — Dessa vez quem falou foi Angel. — Isso é coisa que se fale? Eu apresento vocês dois esperando que vocês se tornem amigos e é isso que encontro quando desço? Minha melhor amiga e meu namorado em pé de guerra? — Dante faz menção de abrir a boca para falar algo mas foi interrompido. — Não! Não quero ouvir justificativas suas, nem suas. — E ela direcionou o olhar para Filomena. — Estou extremamente decepcionada com os dois. Dante, vai embora por favor.

— Como é?? — Dante olhava para Angel boquiaberto. — Ela começou a me falar barbaridades, de como eu não era bom o suficiente

para você, me chamou de louco e eu que sou expulso??? Qual é Angel!

— Eu moro aqui idiota! Claro que quem tem que ir embora é você! — Filomena olhava para Dante com os braços cruzados e um olhar de superioridade.

— Ah, cala boca sua vaca! — Ele não conseguiu segurar a ofensa!

— Dante! — Repreendeu Angel. — O que é isso? Que baixaria é essa? Eu não admito que você fale assim com minha melhor amiga, tá entendendo?

— Me desculpa Angel, perdi a cabeça ok? Acho melhor mesmo eu ir embora. — E voltou para olhar para Filomena. — E me desculpa por ter chamado você de vaca

Ela o olhava de forma desprezível. Com os braços cruzados, tentando parecer intimidadora.

— Entendo que não posso chamar você assim, mas acho que, talvez de vagabunda eu posso. — E ele soltou um sorriso sarcástico.

— Agora chega!! Vai embora Dante.
NACIONAIS - ACHERON

AGORA. — Angel estendeu o braço e apontou em direção da porta.

— Tem certeza de que você quer que eu faça isso??

— Absoluta.

Dante olhou para Angel de forma consternada, depois olhou para Filomena, e novamente para Angel, deu meia volta e saiu pela porta, sem dizer mais nenhuma palavra, batendo-a tão forte, que os quadros pendurados na parede foram de encontro ao chão.

CAPÍTULO 17



*“A loucura é relativa.
Quem pode definir o que é
verdadeiramente são ou insano?”
Woody Allen*

Ele chegou em casa furioso com o que havia acontecido na casa de Angel. O que tinha sido aquilo? Porque Filomena o havia tratado daquela forma. Ele não havia feito nada para que aquilo acontecesse. A antipatia tinha sido gratuita.

Então Dante parou e pensou. Ele sabia muito bem o que havia acontecido. Filomena era uma daquelas pessoas que não queriam um mínimo de contato com alguém com o problema dele. E queria que Angel também não tivesse.

“Que merda, ela ainda me expulsou. Não

posso deixar aquela vagab... Calma Dante, não vai perder a calma. Não posso deixar a Filomena encher a cabeça da pequena de besteira. Faça alguma coisa cara. Mas o que? Eu não tenho a mínima ideia”.

Enquanto Dante conversava com si mesmo sua impaciência e sua raiva cresciam mais e mais. Ele precisava espairar. Subiu as escadas e entrou no quarto para trocar de roupa, vestiu uma calça moletom e calçou um tênis, não vestiu uma camisa pois seu corpo inteiro fervia de raiva. Resolveu ir correr. Só assim esfriaria a cabeça. Esse era seu lema:

“Preciso esquentar meu corpo para esfriar a mente”.

Quando estava prestes a sair seu celular começou a tocar. Olhou para tela e viu que era Angel que ligava. Ignorou a chamada, pegou o celular, jogou em cima do sofá e saiu de casa.

Começou a correr tentando esquecer tudo o que havia acontecido, deixava que sua intuição o

NACIONAIS - ACHERON

levasse para longe, não pensava nas passadas que dava, nem para onde estava indo, seu coração o guiava. Após algum tempo começou a sentir as pernas pesando, a panturrilha começou a doer e a respiração estava ofegante. O suor escorria pelo peito e abdômen nus. Dante sentia o sangue correr em suas veias, o pulsar do coração em um ritmo acelerado e isso era uma terapia para ele. Foi então que finalmente parou, inclinou o corpo para frente e apoiou as mãos nos joelhos para tomar fôlego, o corpo todo começou a latejar e pulsar todo.

Seu organismo estava finalmente reclamando do longo tempo em que havia passado trabalhando. Ao ficar ereto novamente, olhou no relógio e percebeu que estava correndo há mais de uma hora. Quando olhou aonde estava, sorriu. Ele tinha corrido até a casa de Angel sem perceber que estava fazendo isso. Resolveu tocar a campainha.

Dessa vez tocou a cigarra apenas uma vez e aguardou. A porta foi aberta sem xingamentos dessa vez, e quando Filomena viu quem era ficou boquiaberta. Dante estava na sua frente, com os

cabelos bagunçados, apenas de uma calça moletom preta, e o peito completamente despido. Os olhos dela fizeram uma varredura completa pelo corpo dele e ela tentou disfarçar aquele olhar devasso que tinha direcionado à Dante, mas não conseguiu.

— Pode olhar à vontade boneca, mas isso aqui nunca vai ser seu — ele deu um sorriso, piscou o olho para Filó e entrou na casa sem ser convidado.

Era impressionante como uma sessão de exercícios era capaz de fazer o humor de Dante mudar de forma tão rápida. Ele se dirigiu até a sala procurando Angel e não a achou. Olhou em direção à cozinha e a viu lá, cabisbaixa bebericando uma xícara que ele desconfiou que estivesse cheia de chá.

— Você — e Dante apontou para Angel fazendo-a tomar um susto e olhar espantada para ele. — Nunca mais vai tentar me expulsar de sua vida.

Dante aproximou-se de uma Angel completamente surpresa com a presença dele ali, a

pegou no colo, fazendo ela abraçar a cintura dele com suas pernas. Então a beijou de maneira selvagem, intensa e libidinosa. Ele foi caminhando em direção à sala e depois às escadas, sempre com Angel em seu colo, beijando-a enquanto tomava cuidado para não tropeçar em nada que estivesse ao seu caminho. Entre beijos e carícias, Angel ia mostrando para Dante o caminho para seu quarto.

Filomena apenas olhava a cena, de boca aberta e completamente sem reação. Dante e Angel subiram em direção ao quarto dela. Chegando lá, ele a jogou em sua cama e ela ficou olhando para ele sem conseguir dizer nada.

— Não adianta querer me expulsar da sua vida porque eu não vou sair. — Ele dizia enquanto aproximava-se da cama. — Eu durmo e acordo pensando em você. E se eu tiver que te pedir desculpas infinitamente por algo que fiz de errado, eu peço.

Dante já estava engatinhando pela cama, ficando em cima de Angel e olhando-a diretamente nos olhos.

— Eu te quero, aqui e agora Angel, mas, se mais cedo, eu fiz algo que te magoou, eu peço perdão — e deu-lhe um beijo na testa. — Se eu fiz algo que magoou sua amiga, eu peço perdão — deu-lhe outro beijo na pontinha do nariz. — Mas, eu não vou pedir perdão por uma coisa.

Ele montou em cima de Angel, levantou seus braços de modo que ela não pudesse movimentá-los e aproximou sua boca perto da boca dela.

— Não vou pedir perdão por te desejar tanto, por te querer tanto! Não vou pedir perdão Angel, por te amar. — E finalmente encerrou àquela conversa unilateral com um beijo ardente e carnal.

Angel entregou-se completamente à Dante e a raiva que sentiu por seu comportamento mais cedo havia desaparecido completamente. Naquele momento ela era apenas dele, de corpo, alma e coração. Deixou que Dante conduzisse toda aquela dança sensual que ambos pareciam fazer durante o sexo, e amava o modo como ele era um amante romântico e cuidadoso, mas ao mesmo tempo sabia ser obsceno, vigoroso e cheio de luxúria.

Quando terminaram aquele sexo incrível, estavam exaustos. Ficaram juntinhos, Angel com a cabeça aninhada no peito de Dante, e ele com o braço envolto nela. Ele ficou acariciando os cabelos de sua amada. Estavam suados, cansados, mas extremamente satisfeitos com a companhia um do outro. E assim adormeceram, e, pela primeira vez em muito tempo, Dante mergulhou em um sono tranquilo e sereno.

CAPITULO 18



*“Sou louco porque vivo num mundo
que não merece minha lucidez”*

Bob Marley

Eles acordaram com o som do despertador do celular de Angel.

— Bom dia pequena. — E ele ficou olhando enquanto Angel fazia manha para levantar e se espreguiçava na cama. — Dormiu bem?

— Como uma pedra. — E ela se sentou na cama. — Preciso tomar um banho. Aliás, precisamos tomar um banho — e ela piscou para Dante.

Eles tomaram um banho que demorou, mais pelo sexo matinal, do que pela necessidade de limpeza. Ao sair do banheiro só de toalha enrolada

NACIONAIS - ACHERON

na cintura Dante começou a rir.

— O que foi meu amor?

— Eu não tenho o que vestir. Então, ou você me consegue alguma roupa masculina aí, o que eu agradeceria, mas iria querer uma explicação detalhada do motivo dessa roupa estar nas suas coisas, ou então preciso achar algum vestido seu que caiba em mim.

Angel gargalhou até perder o fôlego. Uma das coisas que mais gostava de Dante era de seu bom humor, apesar de todos os problemas que ele tinha. Ele sempre conseguia arrancar um sorriso de seu rosto.

— Infelizmente, ou felizmente, ainda estou em dúvidas, eu não tenho nenhuma roupa masculina nas minhas coisas. E acho que você não ficaria bem com um dos meus vestidos. Então, meu amor, sugiro que você ligue para o Benjamin e peça para ele trazer uma roupa para você. — Angel enxugava os cabelos com a toalha enquanto falava com ele.

— Estou sem celular.

— Aqui — e ela jogou o celular dela para que Dante pudesse fazer a ligação.

Quando ela trocou de roupa ambos desceram em direção da cozinha, Dante estava somente de toalha, e sentou-se em um banco no balcão da cozinha, Angel sentou ao seu lado.

— Bom dia Filó — Angel disse de forma alegre.

— Bom dia, Filó – repetiu Dante dando um sorriso.

Novamente, Filomena olhou para Dante dos pés à cabeça, mas logo se concentrou nas torradas que estava fazendo. Não queria que Angel percebesse algo.

— Bom dia — ela respondeu secamente. — Querem torradas?

— Quero sim — disse Angel.

— Eu também aceito — respondeu Dante.

Filomena começou a fazer torradas, e Angel colocou água no fogo para seu chá, e preparou o café de Dante na cafeteira. Ele ficou apenas

olhando para as duas enquanto elas cozinhavam o café da manhã. Na cozinha só se ouvia o barulho dos utensílios que estavam sendo utilizados.

— Meu amor, você lembrou à Benjamin que trouxesse sua medicação? — Angel estava tentando quebrar o silêncio que estava começando a ficar incômodo.

— Esqueci, mas depois passamos lá em casa e eu tomo. Filó? Você pode olhar pra mim? — Disse Dante de repente.

Angel ficou tensa, mas Dante olhou para ela e deu uma piscadinha tentando tranquilizá-la.

— Pois não? — ela virou e o encarou.

— Gostaria de me desculpar pelo meu comportamento de ontem. Entendo sua preocupação com sua amiga, mas eu a amo e vou fazer de tudo para fazê-la feliz. Sei que sou maluco, e que muitas vezes faço e falo o que não devo. Mas Angel é meu porto seguro e nada vai me fazer desistir dela. NADA. — Ele frisou bem a última palavra.

Ela apenas olhou para ele e não disse nada.

Angel sorriu, estava orgulhosa da atitude de seu namorado. Filó voltou aos seus afazeres e preparou três pratos com ovos e torrada.

— Angel é como uma irmã para mim — ela finalmente falou. — Não fui com sua cara, e minha simpatia diminuiu ainda mais depois de ontem. Mas posso fazer o sacrifício de te tolerar, pela Angel.

— Filó, não fala assim....

— Deixa pequena. Ela é sincera. Gosto disso. Também não gostei de você, mas meu pedido de desculpas foi sincero, porque quando falo merda eu sei me retratar. Desculpar ou não fica a seu critério. Eu fiz a minha parte.

Ele piscou para Angel que sorriu para ele, então pegou uma das torradas do prato e deu uma mordida.

— A torrada está deliciosa Filó, parabéns — falou com a boca cheia.

Angel então pegou os pratos que estavam na bancada da cozinha e os levou até a mesa onde ela costumava comer com Filó. Serviu em duas

NACIONAIS - ACHERON

xícaras, café e chá e chamou Dante para que se sentasse ao seu lado na mesa.

Quando ele levantou a toalha se afrouxou de sua cintura e caiu no chão deixando-o sem roupa nenhuma.

Filomena estava tomando um gole de seu suco de laranja, e quando viu aquela cena, o suco desceu pelo buraco errado e ela começou um ataque de tosse, seu rosto ficou vermelho imediatamente. Angel correu e começou a bater nas costas de sua amiga, até que ela conseguiu recuperar o fôlego.

—Você está bem? — Dante deu um sorriso para amiga de Angel — a toalha ainda estava no chão.

— DANTE — gritou Angel para que ele se cobrisse e ele deu de ombros e colocou novamente a toalha ao redor da cintura.

— Nunca viu um desses? — Ele perguntou para Filó.

Ela apenas olhou para ele de forma furiosa, fazendo Dante rir.

A campainha soou pela casa interrompendo aquele momento peculiar entre Angel, Dante e Filomena.

— Deve ser o Ben — respondeu Dante indo em direção à porta para atender ao chamado.

Ao abrir a porta percebeu que não era Benjamin, mas uma jovem senhora, que deveria ter em torno de cinquenta anos. Os cabelos eram curtos, mas de um ruivo que não lhe era estranho.

— Mas que bela manhã — ela disse encarando Dante e dando um belo sorriso. — Bom dia meu rapaz. O banho foi agradável?

Dante apenas olhava para ela e não conseguiu dizer nada, tudo o que conseguiu fazer foi sorrir para aquela senhora.

— Mãe?? — Angel apareceu por trás de Dante e se assustou com o que viu. — O que você tá fazendo aqui??

— Não acredito que você esqueceu que eu e seu pai viríamos esse fim de semana para cidade para que ele pudesse resolver aquela pendência sobre a venda do Capitão.

Dante olhava de Angel para mãe dela de forma confusa.

— Ah, mãe, desculpa. É tanta coisa que anda acontecendo que eu até esqueci. Mas... O papai tá aqui?? — Ela disse de forma assustada.

— Estou vendo mesmo que você andou ocupada. — E olhou para Dante de forma bem-humorada. — Não vai me apresentar o rapaz?

Angel estava completamente desconcertada, as bochechas ruborizadas e seu rosto parecia que ia pegar fogo.

— Já que sua filha está ocupada demais mudando de cor, deixa que eu me apresento. Me chamo Dante, sou namorado de Angel, muito prazer — e estendeu a mão para a sogra.

— Mas que educado. Muito prazer Dante, me chamo Eleonor. Mas acho melhor você entrar e se trocar porque se o pai de Angel lhe ver assim, serão duas pessoas mudando de cor nessa casa. Ele ia ficar vermelho, mas de raiva — e ela deu uma risada.

— Ai meu Deus, é verdade! Mãe, não deixa

NACIONAIS - ACHERON

ele entrar agora. Dante, sobe para o meu quarto e fica lá até o Ben chegar. É uma longa história mamãe, mas a única roupa que o Dante trouxe está suja e ele não tem o que usar.

Dante então subiu as escadas achando a cena que tinha acabado de passar hilária. Tinha gostado da mãe de Angel de cara, mas ficou preocupado se o pai dela iria simpatizar com ele. Não precisava de mais uma pessoa para ficar contra o relacionamento deles.

Ficou deitado no quarto de Angel e começou a pensar no quanto estava feliz ao lado de sua amada. Ainda não acreditava que finalmente tinha dito a uma mulher aquelas três palavrinhas que ele achou que nunca ia pronunciar: “Eu te amo”.

Um sorriso bobo se formou em seu rosto e ele sentiu-se completo, pela primeira vez em oito anos. Desde que a mãe havia morrido Dante sentia um vazio dentro de si e Angel havia chegado para preencher essa lacuna que faltava em seu coração.

Ele já sabia até o nome desse vazio, se chamava felicidade, e ela parecia estar voltando

para a vida de Dante, na forma de uma bela e pequena ruiva chamada Angel.

Foi interrompido com duas batidas na porta e em seguida Benjamin entrou no quarto com uma roupa para ele.

— Bom dia, pelo visto a noite foi boa — e ele jogou o saco de roupas em cima de Dante. — Aqui sua carteira, aonde já se viu andar sem documento? Trouxe isso também. — E tirou do bolso o frasco de remédios.

— Mas eu não pedi...

— Eu sei que não pediu, mas eu trouxe mesmo assim. Você não pode passar do horário de tomar as medicações.

— Eu sei das minhas obrigações Ben.

Dante se irritava toda vez que seu amigo tentava controlar certos aspectos de sua vida, principalmente aos que se relacionavam ao seu Transtorno Bipolar.

— Não precisa ficar me lembrando o que preciso fazer.

— Não vou brigar ou discutir com você Dante. Apenas toma a pílula, cara. Não precisa fazer drama por isso.

Dante não disse nada. Apenas levantou da cama, jogou a toalha no chão e começou a se vestir.

— Porra, de novo???

— Está aqui porque quer. — Dessa vez ele não ria ou brincava.

Benjamin saiu do quarto sem dizer uma palavra e fechou a porta atrás de si.

Cinco minutos depois Dante desceu as escadas e encontrou a mãe de Angel sentada no sofá da sala. Ao seu lado estava um senhor com cabelos grisalhos que provavelmente era o pai de Angel, e nas poltronas Filomena e Ben, todos estavam em uma conversa animada sobre cavalos.

— Eu sempre gostei de cavalgar, mas nunca tive muitas oportunidades, porque não existe haras aqui na cidade. Mas meu avô tinha uma fazenda em Doce Esperança onde ele tinha alguns cavalos. — Benjamin falava de forma animada.

— Doce Esperança? — Disse o pai de
NACIONAIS - ACHERON

Angel. — Nós moramos lá — ele apontou para si e para a esposa. — Tenho uma fazenda também, como chama seu avô.

— Antônio Gusmão Passarinho — ele faleceu ano passado.

— Você é o Benjamin Passarinho? Futuro neto advogado do saudoso Antônio? Mas que mundo pequeno rapaz, eu era muito amigo do seu avô. Fiquei muito sentido com a morte dele.

Benjamin assentiu com a cabeça. Dante que estava descendo as escadas havia apenas ouvido Benjamin falar seu nome completo sem escutar o restante da conversa.

— Como eu sempre digo a ele, Ben e seu passarinho pequeno.

Todos olharam para ele, mas ninguém riu. Heitor Mendes, pai de Angel, fitou Dante com um olhar desaprovador, deixando Dante imediatamente envergonhado.

— É... muito prazer senhor, me chamo Dante Rozensky, desculpe-me a brincadeira. Eu sou o na... — e de repente parou de falar.

— Meu namorado papai — respondeu Angel aproximando-se de Dante e pegando em sua mão. — Você está lindo amor.

Dante vestia uma calça jeans preta e uma blusa branca de manga curta, para completar o visual, usava um sapatênis vermelho.

— Falei merda e seu pai agora me odeia — ele cochichou no ouvido dela após lhe dar um beijo na bochecha.

— Odeia nada. Ele vai adorar você — sussurrou ela dando um selinho na boca dele.

— Voltando ao assunto — prosseguiu Heitor. — Seu avô era muito querido. E estou feliz em finalmente conhecer o neto dele. Ouvi falar muito de você meu jovem. Ele tinha muito orgulho de você rapaz.

Benjamin deu um sorriso envergonhado e a conversa sobre cavalos continuou por algum tempo. Os pais de Angel tinham vindo à cidade resolver sobre a venda de um cavalo chamado Capitão, que estava começando a dar trabalho, pois queria cruzar com todas as fêmeas da fazenda. Como ele

conhecia um amigo na cidade, interessado em comprar o garanhão para finalidade de procriação, resolveu vender o animal.

Dante fez algumas tentativas de participar da conversa, mas o pai de Angel estava visivelmente “apaixonado” por Ben e por fim, ele resolveu ir para cozinha pegar outra xícara de café. Deixou os pais de Angel, Ben e Filomena conversando e saiu. Angel o acompanhou.

— O que houve meu amor? — Ela abraçou-o por trás e ele fechou os olhos. Sempre gostava de sentir o toque se Angel.

— Estraguei tudo com seu pai. Eu e minha boca. — Ele a virou e olhou para ela. — Agora ele vai ser contra a gente.

— Claro que não estragou. Tudo bem que a brincadeira foi um pouco inapropriada e fora de hora — ela deu um sorriso tentando confortá-lo. — Mas papai tem um coração enorme e eu sei que você vai saber como conquistá-lo.

— Ele vai pirar quando descobrir que sou bipolar Angel.

— Não precisamos contar agora. Vem, vamos voltar lá para sala, precisamos socializar — deu um beijo em Dante e o puxou pela mão.

Quando chegaram na sala o assunto sobre cavalos já tinha acabado. Benjamin agora estava falando de sua faculdade e de como ele e Dante haviam se conhecido.

— Tínhamos 17 anos e estávamos estudando juntos para tentar entrar na universidade. Dante passou de primeira e hoje em dia já é formado em Administração. Eu estou no último ano de Direito.

— Você foi demitido não foi Dante? — Disse Filomena. — Angel comentou comigo que você mandou seu chefe....

— Filó, não, por favor!! — Angel suplicou.

— É falta de educação interromper os outros Angel — disse o pai rispidamente.

O clima pesado havia acabado de se instalar na sala de estar. Eleonor, Benjamin e Angel estavam completamente desconcertados. Dante olhava para o chão, a testa estava franzida e os

NACIONAIS - ACHERON

cantos da boca estava ligeiramente para baixo, as mãos entrelaçadas estavam apoiadas no queixo.

— Conte-me Dante — o pai de Angel agora olhava diretamente para ele. — O que você falou para o seu chefe.

Alguns segundos se passaram e a única coisa que se ouvia era a respiração pesada de Dante.

— Acabamos discutindo e eu o xinguei — a voz de Dante saiu quase em um sussurro.

— Deve ser difícil mesmo se controlar. Eu entendo você Dante — Filomena continuava soltando seu veneno. — Não deve ser fácil ter uma doença mental.

— Doença mental?/?/CHEGA! — Heitor e Angel falaram ao mesmo tempo.

Percebia-se um olhar triunfante no rosto de Filomena, Benjamin estava com uma expressão de pura indignação, Angel de raiva e Eleonor havia colocado a não direita na boca na tentativa de esconder um “Oh” silencioso que havia se formado em seus lábios.

Dante permanecia impassível, ele havia levantado a cabeça e agora direcionava seu olhar para Filomena. Seu rosto era a de um homem derrotado. Ele não conseguir falar, a boca estava parcialmente aberta, a respiração estava ofegante e a testa permanecia franzida, em uma expressão de tristeza misturada com uma sensação de angústia crescente.

— Achei que Angel tinha comentado com vocês que ele tinha Transtorno Bipolar — Filomena não conseguia parar de falar.

Ao ouvir as últimas palavras de Filomena, Dante saiu daquela atitude passível e levantou da poltrona onde estava. Não disse uma palavra sequer. Apenas afastou-se da sala quase correndo, foi em direção a porta, abriu e saiu da casa de Angel.

Angel quis se levantar, mas foi impedida por Benjamin.

— Eu vou. Fique pra conversar com seus pais e explicar toda situação. Eu converso com Dante.

Benjamin levantou e caminhou em direção à porta, antes de sair ele virou e olhou para Filomena.

— E você. Deveria ter vergonha do que acabou de fazer. Dante é um ser humano maravilhoso, e eu prefiro ter um amigo bipolar, que fala o que não deve em certas situações, e que precisa tomar remédio controlado, do que trocá-lo por uma amiga “normal”, mas que tem um “defeito” muito maior do que uma doença mental, que é a falta de caráter. Me desculpem pela cena que vocês acabaram de presenciar — e dessa vez Benjamin, se dirigia à Eleonor e Heitor. — O Dante é um cara maravilhoso de um coração que não cabe no peito, e ele realmente quer ver a filha de vocês feliz. Agora ela ali? — E apontou para Filomena. — Ou ela realmente não gosta nem um pouco de Angel, por desejar a separação deles dois, ou então é pura inveja do amor deles. Agora se me dão licença eu preciso ir atrás do meu amigo e tentar consertar o que essa aí acabou de causar. Foi um prazer conhecê-los.

E Benjamin partiu atrás de seu amigo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 19

*“Deixem-me exercer
minha loucura em paz”
Chorão*

Ben pegou o carro e saiu em busca de seu amigo. Algumas ruas à frente ele visualizou Dante caminhando de forma rápida, quase correndo. Encostou o carro e diminuiu a velocidade, baixou o vidro da janela e colocou uma das mãos para fora.

— Dante — diz ele com o carro em movimento, acompanhando o caminhar do amigo.
— Entra no carro, cara.

— Vai embora Benjamin, me deixa por favor. Eu preciso ficar sozinho. — Ele apressou o passo.

— Não vou deixar você em paz, entra logo

nesse carro.

— Por favor Benjamin — Dante parou e olhou para o amigo. — Eu realmente preciso ficar sozinho. Me deixa ir, eu te peço.

Benjamin ficou encarando o amigo por algum tempo.

— Me diz pelo menos aonde você vai. Por favor, me preocupo.

— Vou apenas caminhar. Vai me ajudar a pensar e colocar as ideias no lugar. Me deixa ir Ben, por favor, me deixa ir. — E ele voltou à sua caminhada.

Benjamin decidiu deixar Dante ir. Respeitava o espaço do amigo e percebeu que ele necessitava de um tempo para pensar em tudo o que havia acontecido. O sentimento que Dante tinha por Angel era algo sólido e verdadeiro, e ter esse relacionamento ameaçado estava perturbando-o.

Ele sentia somente uma coisa no momento, raiva, e ela estava começando a consumi-lo. Porque as coisas sempre tinham que acontecer com ele? Seu dia havia começado de uma forma perfeita,

mas, mal a manhã tinha iniciado, ele já estava sozinho de novo. No momento sua raiva era dirigida para duas pessoas. Filomena e Angel.

Filomena por ter feito tudo o que fez na frente dos pais de Angel, mesmo após ele ter se desculpado, e de forma sincera. Mas por incrível que pareça a raiva maior era de Angel.

Ela havia traído sua confiança contando para Filó, confissões que ele havia dito somente para ela. Porque? Ele tinha falado sobre sua mãe para Angel e ela não tinha o direito de dizer para outra pessoa seus segredos.

Ele virou por uma rua e deu de cara com um estabelecimento onde tinha escrito Bar e Lanchonete do Nilton, olhou em seu relógio, eram 10:30 da manhã. Lá encontrava-se apenas um homem sentado em uma mesa, comendo um sanduiche com um suco.

Dante sentou e começou a olhar um cardápio de plástico, um pouco surrado que estava em cima da mesa, as pontas do cardápio estavam despregando e estava com uma camada de algo

parecido com gordura, o que deixou os dedos dele pegajosos.

Ele pegou a carteira, viu quanto tinha de dinheiro, e fez o cálculo do que podia consumir.

— Me vê uma dose de cachaça por favor. — Era a bebida mais barata que havia ali.

Imediatamente o funcionário do estabelecimento trouxe uma dose de uma pinga transparente que Dante virou sem pestanejar. Tossiu um pouco quando o líquido desceu queimando por sua garganta. O funcionário que estava enxugando uns copos com um pano visivelmente sujo deu uma risada discreta.

Dante levantou as mãos indicando que desejava mais uma dose de bebida.

— Vai com calma rapaz. — disse o funcionário.

— Estou pagando para você me servir, não para opinar sobre a velocidade ou a quantidade do que estou bebendo.

— Só fiz um comentário, o fígado é seu e o dinheiro também. Não está mais aqui quem falou.
NACIONAIS - ACHERON

— E voltou a servir mais uma dose de cachaça.

E assim foi. Durante mais ou menos uma hora, Dante já havia bebido praticamente meia garrafa. Em alguns momentos ele pedia doses com intervalos próximos uma das outras, em outras, ficava apenas olhando para o nada, parado, pensando, enquanto segurava um copo nas mãos.

“Mas que merda que você tá fazendo Dante, está aqui em um Bar/ Lanchonete ou seja lá o que isso for, tomando cachaça. Cachaça Dante!!! Virou a porra de um bebum?”.

Ele iniciou uma calorosa discussão consigo mesmo, dentro de sua cabeça. De vez em quando resmungava em voz alta, o que levantava a curiosidade do balconista e dos poucos clientes que haviam chegado no local. No final de um monólogo não muito produtivo, ele finalmente decidiu o que iria fazer.

Levantou e percebeu que seu equilíbrio estava bastante alterado. Precisou apoiar-se na parede para não cair. Esperou alguns momentos até

se acostumar com o ambiente que não parava de girar. Caminhou um pouco trôpego até a direção do caixa e com bastante dificuldade tirou a carteira do bolso.

— Quanntooo — sua voz estava lenta e embargada. Após o valor total ser dito, pagou o que devia. — Chaaama um taxxiii, favor.

— Um táxi? Sem problemas patrão — o funcionário começou a discar um número e em menos de cinco minutos um carro encostava na calçada do Bar e Lanchonete Nilton.

Dante caminhou de forma lenta e cambaleante em direção ao táxi, entrou e balbuciou para o taxista o caminho a percorrer. Chegando ao destino pediu para o motorista esperar para receber seu dinheiro. Aproximou-se da porta e tocou a campainha de modo insistente.

— Mas que porr... — a porta foi escancarada com força. — Você aqui??? De novo?? Cara, você tá bêbado?? — Uma buzina soou.

— O taxiii — Dante apontou para o taxista que aguardava impaciente lá fora. — Não tenho

dinheiro.

— Era só essa que me faltava. Espera um minuto. — E Filomena correu para dentro e foi buscar sua carteira. Saiu, pagou o taxista e voltou a dar atenção a Dante. — Cê tá doido de vir pra cá nesse estado?

— Caaddee a Angeel, precciisso dellaa. — Ele apoiava a mão na entrada da porta para que não caíssem.

— Sorte sua que ela não está. Saiu com os pais. Pelo amor de Deus Dante, vai embora. Eu até podia deixar você vomitar o chão todo da minha sala e esperar que Angel e seus pais chegassem e te vissem assim, mas não vou fazer isso. Não quero mais brigar com minha amiga, e por sua causa isso aconteceu assim que você saiu. — Filomena estava no meio da porta, impedindo a entrada de Dante.

— Minhaa? — ele arregalou os olhos e encarou Filó. Dante não sabe se foi o fato de Filomena ter falado em vômito, ou o fato de olhar para sua cara enjoada, mas quando terminou de falar curvou-se para o chão e vomitou bem na

frente da porta de entrada, respingos do vômito caíram bem nos pés de Filó, que fez uma careta.

— Ai que nojo, seu idiota.

Dante perdeu o equilíbrio e antes que caísse em seu próprio vômito, Filomena o segurou e o carregou para dentro da casa.

— Você ... é.... pesado.... — Ofegava enquanto fazia esforço pra sentar Dante no sofá.

Ele ficou ali parado, encostou a cabeça no apoio do sofá e fechou os olhos. Filomena revirou os olhos e pegou produtos de limpeza e um esfregão para limpar a sujeira que Dante havia feito na entrada da casa. Quando olhou para sua própria roupa viu traços de vômito em sua camisa.

— Não acredito que você vomitou em mim Dante. — Ela gritou lá da porta. — Eu ainda te mato seu desgraçado.

Quando terminou, ela dirigiu-se até o sofá e reparou que a camisa de Dante estava toda vomitada, por isso ela tinha se sujado. Amaldiçoou ele com todas suas forças, mas lembrou da briga que havia tido mais cedo com Angel.

— Vamos, levanta — e deu um tapa na perna de Dante. Ele permaneceu parado. — Ah, mas eu não vou te carregar para cima sozinha não. Levanta Dante!! — Dessa vez deu um chute na canela dele fazendo com que ele fizesse uma careta de dor e abrisse os olhos.

Dante resmungou um xingamento que foi completamente ignorado por Filomena. Ela o ajudou a levantar colocando o braço de Dante ao redor do seu pescoço o que fez com que ela se inclinasse com seu peso. Um cheiro forte de vômito subiu pelas narinas de Filó, deixando-a nauseada, então prendeu a respiração para não vomitar ali mesmo. Com dificuldade e esforço, foram subindo as escadas vagarosamente e ao chegarem no quarto de Angel, Filó empurrou Dante para o banheiro, colocou ele embaixo do chuveiro com roupa e tudo e abriu a torneira.

A água agiu como um estimulante e Dante começou a despertar daquele torpor que o álcool havia causado. Filó o ajudou a tirar a roupa e àquela visão de Dante apenas de cueca lhe causou

arrepios, tentou ignorar o que sentia. Quando ele estava um pouco mais sóbrio ela o entregou uma toalha e ele, sem rodeios e pudor, tirou a cueca e jogou na pilha das roupas molhadas. Filomena imediatamente virou até que ele estivesse coberto.

— Vou lá embaixo fazer um café forte para você. Deita e descansa um pouco. E Dante, não sai desse quarto, pelo amor de Deus. Mesmo que a casa comece a cair, não sai desse quarto. Quando Angel chegar eu peço para ela vir até aqui. Estamos combinados? — Ele balançou a cabeça enquanto se jogava na cama. Ela deu uma última olhada e saiu do quarto.

Dante deixou-se vencer pelo porre que tinha acabado de tomar e se rendeu à cama de Angel, dormindo com o cheiro daquele perfume de aroma floral que ela sempre usava.

CAPÍTULO 20



*“A suprema felicidade da vida,
é ter a convicção
de que somos amados”
Victor Hugo*

Dante acordou com uma dor de cabeça latejante e uma náusea insuportável. Abriu os olhos e aquela luz que entrava pela janela machucou seus olhos, percebeu que o sol já estava se pondo, mas àquela luminosidade lhe doía a vista. Quando se acostumou com a claridade, sentou-se e viu uma pessoa encostada na porta, com os braços cruzados, olhando para ele, era Angel.

— Boa noite dorminhoco. Você dormiu a tarde toda. Eu já soube o que aconteceu e não estou chateada — Angel adiantou. — Entendo que você

deve ter ficado muito desnorteado com tudo, mas gostaria muito de conversar contigo meu amor.

Ela aproximou-se de Dante, sentou ao seu lado e segurou em sua mão. Dante puxou a mão para longe e virou para encarar Angel, ela o fitou surpresa devido a sua atitude.

— Não toca em mim por favor. Eu preciso ir embora Angel. Não sei nem porque vim para cá. Já me sinto melhor, mas preciso ir embora.

— Não faz isso meu amor, por favor. Me perdoa pela atitude da Filomena, me perdoa pela situação com meus pais, mas podemos resolver isso, podemos...

— Não é isso Angel — ele a interrompeu. — Dane-se a sua amiga. Dane-se o que ela fez. Posso mostrar aos seus pais que sou um homem honrado. O problema não é esse. O problema foi sua traição. — Todo rancor que ele estava sentindo parecia transparecer em seu tom de voz e em suas palavras.

— Traição?

— Eu abri meu coração para você, te falei do meu passado, te falei da minha mãe, e o que você
NACIONAIS - ACHERON

fez? Contou tudo para sua amiguinha? Eram MEUS segredos, MINHA história, e EU decido quem deve saber da minha vida Angel. EU, não você.

Angel estava sem reação. Seus olhos começaram a se encher de lágrimas e tudo o que ela conseguiu fazer em seguida foi chorar. Dante apenas a encarava. Estava com muita raiva para que pudesse consolá-la.

— Eu juro que não fiz por mal — as lágrimas não paravam se rolar pelo seu rosto. — Quando te conheci de verdade, quando conheci parte de seu passado, fiquei tão emocionada com tudo o que estava acontecendo com a gente, que acabei compartilhando tudo com ela. Eu não imaginava — e de repente ela colocou as mãos no rosto e chorou convulsivamente.

Dante não a tocou em nenhum momento.

— Eu não imaginava que ela fosse ter essa reação tão negativa ao te conhecer, que ela fosse fazer aquela cena lá em baixo com meus pais. Me sinto culpada por tudo o que aconteceu. — E baixou a cabeça envergonhada.

— Eu confiei em você — sussurrou ele.

— E eu traí sua confiança. Me perdoa! —
Angel fitava Dante, as lágrimas banhando o seu rosto. Os olhos suplicando por um toque dele, um ato de carinho, qualquer coisa.

E finalmente ele a tocou. Encostou a mão em seu rosto, fazendo-a fechar os olhos para sentir seu toque. Ele enxugou uma lágrima que caía e puxou Angel para si. Abraçando-a com toda força que podia. Ela devolveu o abraço e eles ficaram lá, por vários minutos, apenas abraçados.

— Eu te amo Angel — disse ele.

— Eu te amo Dante — ela respondeu.

E o abraço se transformou em um beijo apaixonado, salgado e cheio de perdão.

— Agora para de chorar por favor. Eu não consigo te ver assim.

Ela enxugou os olhos e deu uma fungada.

— Catarro novamente? — Descontraiu ele.

— Ah para! — Ela deu um sorriso.

E Dante relaxou.

— Agora sim. Mas deixa eu te falar. Pela segunda vez estou nu, na sua casa, sem uma roupa para vestir, e para piorar seus pais estão aqui.

Ela sorriu e beijou novamente sua boca.

— Onde estão suas roupas?

— No seu banheiro. Molhadas.

Angel entrou no banheiro e saiu de lá com as roupas molhadas de Dante na mão.

— Sua amiga me deu um banho. Acredita? Esfregou minhas costas e tudo mais.

— Para seu bobo — e jogou em cima de Dante sua cueca molhada. — Não ouse sair desse quarto só de toalha, entendeu? Vou dar um jeito de secar suas roupas e depois você vai para casa. Melhor papai não te ver saindo do meu quarto. Quanto a ele e mamãe, tive uma conversa séria sobre você e sobre o que eu sinto. Papai ficou um pouco receoso, mas mamãe me apoiou. Então é só dar um tempo a ele que vai ficar tudo bem.

— E Filomena? — Perguntou Dante. — Eu não vou suportar mais as provocações ela Angel. Minha paciência tem limites. Estou tentando me

NACIONAIS - ACHERON

comportar aqui.

— Também conversei com ela. E ela prometeu não implicar mais com você. Vamos dar um voto de confiança? Por mim?

— Assim não é justo, seu pedido é uma ordem madame — e Dante levantou da cama deixando sua toalha cair e puxando Angel para junto de si.

— Não senhor, nem venha com esse golpe pra cima de mim. Papai e mamãe estão lá embaixo. Pode acalmar esse mocinho aí — e apontou para baixo. — Que eu já estou descendo para ir secar suas roupas.

Dante fez um bico, mas voltou para cama. Sua cabeça ainda doía e o enjoo permanecia.

— Traz remédio pra mim, minha cabeça está me matando.

— Vou ver o que tenho. Volto já meu amor.

E Dante foi deixado novamente sozinho e voltou a pensar na montanha russa que era sua vida. Seu humor alterava drasticamente. Raiva, tristeza, alegria, euforia. Todos esses sentimentos

NACIONAIS - ACHERON

acometiam a cabeça dele de forma quase meteórica. Isso era exaustivo, mas ao mesmo tempo o fazia se sentir vivo. Ele sabia que isso tudo era efeito da falta de medicação, ou pelo menos a subdosagem desta.

Ele já havia recomeçado o lítio há mais de duas semanas, tinha percebido certa melhora no seu humor, mas ainda não era o suficiente. Ainda estava muito instável. Entretanto ele lutava com todas as forças contra àquela medicação, sempre havia lutado. Já começava a sentir um certo amargor na boca que sabia que era efeito do lítio. Aquilo o irritava tremendamente. O desejo de parar de vez o medicamento rondava sua cabeça há alguns dias.

Mas se fizesse isso correria o risco de magoar tanto Angel, quanto as pessoas ao seu redor. Mas, sua preocupação maior era com Angel. Ela nunca o havia visto fora de controle de verdade. E seu maior temor era perdê-la caso isso um dia acontecesse.

Após alguns minutos ela voltou com seu

medicamento para dor e o deixou novamente. Tentaria tirar os pais de casa para que ele pudesse ir embora. Em menos de cinco minutos ela estava de volta.

— Terreno livre. Eles saíram para tentar resolver o problema do Capitão, e depois vão sair para jantar, então temos algumas horas. E também, já coloquei suas roupas para secar, acho que vai dar tempo.

— E enquanto isso, vamos fazer o que? — E lançou para Angel um olhar de pura safadeza.

— Conversar, mocinho. Tenho muita coisa para te falar.

E Dante voltou a fazer um bico.

— Isso é maldade.

— Maldade ou não, preciso te contar algo.

— Puxou uma cadeira e sentou-se na sua frente.

— Ei, porque não senta do meu lado? — Protestou Dante.

— Porque a minha carne é fraca e você está pelado. Então vou ficar bem aqui, longe de suas

mãos e também de outras coisas.

Ela deu uma olhada para o lençol que cobria a nudez dele. Dante sorriu de forma maliciosa. Sabia exatamente o que se passava na cabeça dela.

— Quer que eu tire o lençol?

— Cala boca! — Disse rindo. — Mas, vamos ao que interessa. Minha intenção hoje era que nós fôssemos visitar aquela galeria que eu tinha falado, mas aconteceu essa confusão toda. Acabei deixando papai e mamãe na casa do amigo deles que está interessado no Capitão e fui sozinha. O curador estava lá e adivinha, consegui conversar com ele sobre seus quadros. Ele já estava até sabendo. Agora o mais interessante. Uma vez por mês a galeria costuma apresentar ao público um pintor revelação, ou seja, eles expõem os quadros e as obras desse artista, para que ele passe a ter um nome ou pelo menos ser reconhecido no mundo da arte. E adivinha?

— Você não quer que eu seja esse tal artista revelação, não é? Não sei Angel. Eu sou amador. Pinto para me distrair.

— Seus quadros são bons meu amor. E se ele se interessou em expor seu trabalho, sinal que ele também gostou da sua obra. A única coisa que ele quer fazer, é conhecer você, conversar contigo, enfim. Se você aceitar na próxima sexta ele pode te ver.

Dante suspirou.

— Posso ir conversar com ele, mas não prometo nada, ok?

— Aaaaaaah — gritou Angel pulando em cima de Dante, derrubando-o na cama. — Estou tão orgulhosa. Você vai adorar tudo. Eu te prometo.

E os dois terminaram aquele fim de tarde nos braços um do outro, como Dante queria.

CAPÍTULO 21



*“A imaginação é mais importante
que o conhecimento.
O conhecimento é limitado.
A imaginação envolve o mundo”
Albert Einstein*

A semana transcorreu sem mais problemas, mas Dante havia parado completamente sua medicação. Por incrível que pareça ele se sentia bem. Os acessos de raiva haviam passado e agora que ele e Angel estavam bem, seu humor só melhorava.

Os pais dela já haviam deixado a cidade e não havia ocorrido nenhum novo confronto com Filomena. A verdade, era que Angel passava mais tempo dormindo na casa de Dante do que na sua

própria. Benjamin já havia se acostumado com ela por lá.

Sexta-feira havia finalmente chegado e o nervosismo, antes inexistente de Dante apareceu repentinamente.

— E se ele perceber algo? Você disse a ele que sou bipolar? Você disse a ele o motivo de eu pintar meus quadros? Estou bem vestido? — Ele andava de um lado para o outro do quarto, checando sua aparência no espelho a cada segundo.

— Dante, se acalma que quem tá ficando nervosa sou eu. Primeiro, ele sabe que você é bipolar, e ele não se importou com isso. O que importa são seus quadros. Segundo você vai conversar com ele e dizer os motivos pelo qual você pinta seus quadros. Terceiro, você pretende paquerar com ele ou algo do tipo, pra ficar o tempo todo se olhando no espelho e pra saber se tá bem vestido?

Ele olhou para ela e fez uma careta.

— O único homem da minha vida é o Benjamin e você sabe disso. — Ele a puxou, a

abraçou e olhou para baixo encarando-a nos olhos. — O que você está fazendo comigo hein pequena. Antes de você aparecer na minha vida, eu nunca imaginaria que um dia eu poderia pensar em ser artista. Pinteí aqueles quadros apenas para expressar o que sinto.

Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo em seu rosto.

— Agora vamos, queremos chegar na hora para dar uma boa impressão, ela disse puxando-o pela mão.

Entraram no carro de Angel e foram em direção à galeria. Quando chegaram lá, Dante foi conduzido para a sala do curador e Angel ficou olhando para os quadros que estavam lá expostos. Era tudo muito lindo.

Depois de mais ou menos uma hora Dante saiu da sala. Angel já estava nervosa com tanta demora.

— E aí? Como foi? Me conta tudo.

— Xii, calma! Aqui dentro não, estamos em uma galeria de arte. Você não pode fazer uma cena

NACIONAIS - ACHERON

no local onde eu vou expor meus quadros, iria me embaraçar!

— NÃO ACREDITO!!! — Angel deu um grito, algumas pessoas olharam para ela com olhar reprovador!

— O que é isso pequena?? Tá ficando maluca gritando desse jeito? Conheço um hospital psiquiátrico muito bom, a gelatina de morango que eles servem lá é excelente. Posso te indicar o local. — Disse ele de forma zombeteira.

— Você conseguiu meu amor? — Angel abaixou o tom de voz, mas não conseguia esconder a excitação que sentia. — Você vai mesmo expor seus quadros aqui?

Ele acenou com a cabeça que sim. Os dois foram caminhando de mãos dadas até a saída da galeria.

— Daqui há dois meses. Parece que esse mês eles já têm o tal artista do mês. Então vai ficar para o próximo. No último fim de semana. E adivinha? Próxima semana vou fechar o contrato de venda dos quadros. Eles ficam com 30% da venda,

o restante é meu.

— E quanto vão dar em cada quadro?

— Aí eu já não sei, mas pelo que eu entendi, não é um preço muito barato.

— E como foi a conversa com o curador?

— Ele quis saber o motivo de eu começar a pintar, se eu já tinha feito algum trabalho parecido antes, e também de onde vinha minhas ideias, inspirações etc. Eu achei que eu ia ficar desconfortável, mas acho que ele notou meu nervosismo e não foi muito invasivo com suas perguntas. Então, acho que foi ok.

— Estou tão orgulhosa de você. — Angel colocou um dos braços ao redor da cintura de Dante e os dois continuaram a caminhar pela calçada em direção ao seu carro. — Agora precisamos convidar seus amigos e seu pai.

— Como é?

— Claro. Todos precisam estar lá na grande noite. — Angel estava muito animada. Quem você gostaria de chamar?

— Meus amigos se resumem ao Ben. E não, nada de chamar meu pai.

— Porque não?

Eles entraram no carro e Dante contou para Angel todo o relacionamento complicado que tinha com o pai, desde a época em que a mãe morreu, até o diagnóstico de transtorno bipolar e a dificuldade do pai de aceitar o Dante bipolar e de apoiar seu filho nos momentos mais críticos de sua doença.

— Eu ainda acho que é uma ótima oportunidade de mostrar ao seu pai que você tem talento e que não é o filho problemático que ele pensa — dizia Angel enquanto colocava a chave de casa e a do carro no balcão da cozinha.

— Meu pai nunca vai perceber qualidade nenhuma em mim Angel. Ele vai achar que é só mais um capricho meu. Uma de minhas loucuras, como ele mesmo fala. — Ele sentou no banco da cozinha e ficou observando Angel enquanto ela começava a preparar um chá.

Angel de repente colocou a mão na barriga e fez uma careta.

— Você está bem? — Dante levantou do banco e foi até seu encontro.

— Tô sim. É só uma cólica chata. Desde cedo estou assim.

— Então termina o seu chá e vamos subir.

Nesse momento Benjamin abriu a porta e entrou acompanhado de uma bela loira, com um corpo cheio de curvas.

— Quem é essa? — Angel sussurra para Dante.

— É a Melissa, namorada dele. — Precisamos ter cuidado para Filomena nunca conhecer ela. Senão as duas vão formar um clube chamado “*Clube Ódio ao Dante*”. — Ele riu da própria piada e Angel a acompanhou.

— O que os dois pombinhos tanto dão risada? — Perguntou Ben aproximando-se da cozinha. — Angel essa é Melissa, minha namorada. Melissa essa é Angel, namorada do Dante. — Benjamin disse antes de dar tempo de seus amigos responderem sua própria pergunta.

— Que tal uma sessão de cinema em casa?

— Dante falou de repente. — Podemos fazer pipoca, tomar com refrigerante, assistir umas comédias pastelão, ou então um filme de terror bem assustador, assim protegemos nossas donzelas do perigo. — Ele parecia bem animado.

— Ah, não sei. — Melissa que falou.

— Ah, vamos lá Melissa. Deixa eu me retratar por aquele dia. Posso te mostrar que sou um cara legal. — O humor de Dante estava em alta e ele queria agradar a tudo e a todos. Até mesmo a namorada de Benjamin.

— Tudo bem. — Disse ela desanimada.

Angel deu palminhas, Benjamin se prontificou de preparar a pipoca e Dante e Melissa foram até a sala para escolher os filmes que iriam assistir. Abriram o *Netflix* e procuraram na sessão de terror um filme bem assustador. Escolheram “*A mulher de preto*”.

— Pra mim esse ator sempre vai ter a cara do Harry Potter. — Disse Dante enquanto pegava um pouco de pipoca. Ele estava sentado no chão, e Angel entre suas pernas, Benjamin estava no sofá e

Melissa deitada em seu colo.

— Xiiii — disse Melissa. — Vamos assistir ao filme.

— Mas é verdade. — Benjamin concordou. — Estou só esperando ele tirar a varinha mágica dele e matar a tal mulher de preto.

Dante e Benjamin gargalharam, mas foram repreendidos pelas meninas. Decidiram então assistir ao filme em silêncio. O clima entre Dante e Melissa havia melhorado e ele finalmente sentiu que sua vida estava no lugar. Sem crises e sem altos e baixos. Agora tinha plena certeza de que o remédio que ele sempre precisou não era o lítio, ou o zolpidem, ou um antidepressivo qualquer. O seu remédio tinha nome, tinha cor, forma, cheiro e um sabor delicioso, sua medicação se chamava Angel.

Ele não podia estar mais enganado.

CAPITULO 22



*“A persistência é o caminho do êxito”
Charles Chaplin*

Os dias transformara-se em semanas e Dante já estava sentindo falta do dinheiro entrando em sua conta todo mês. Sua ansiedade aumentava, mas ele relacionava isso à exposição, que a cada dia estava mais próxima. Ele não havia conseguido pintar mais nenhum quadro, pois o nervosismo não deixava.

Decidiu procurar um emprego, e tudo o que conseguiu foi uma vaga em uma loja de conveniência de um posto de gasolina. Mas Dante sentiu-se extremamente orgulhoso pois, pela primeira vez, tinha conseguido algo com o próprio esforço.

NACIONAIS - ACHERON

— Primeiro dia de trabalho meu frentista gato?

— Tô nervoso — ele respondeu. — Dorme aqui hoje? Estou sentindo sua falta. Não vale passar aqui só pra tomar café da manhã comigo.

— Durmo sim. Eu prometo. E em relação ao seu emprego, você vai arrasar. Estou orgulhosa. Vamos, te deixo no serviço e depois vou para meu trabalho.

— Dois assalariados tentando ganhar o pão de cada dia. Quando vamos ficar ricos pequena?

— No dia que você for um artista famoso — ela levantou e deu um beijo estralado em seu rosto. — Vamos que estamos atrasados. — Angel deu um último gole em seu chá e Dante terminou seu café.

Os dois estavam praticamente morando juntos. Angel passava três dias em sua casa, e o restante do tempo na casa de Dante. E a vida a dois estava sendo uma experiência única e gratificante para ambos.

Angel deixou Dante no seu trabalho e deu partida no carro. O dia passou sem mais problemas,
NACIONAIS - ACHERON

mas a cabeça dele fervilhava e ele começava a sentir àquela angústia conhecida e àquela vontade de agir.

“Se acalma Dante. Não existe euforia, você só está feliz. Respira cara. Te controla”.

Dessa forma ele conseguiu passar o dia sem se meter em nenhuma confusão e terminou o serviço no trabalho com excelência.

Ligou para Angel e disse que iria voltar para casa a pé. Era um percurso de quase uma hora de caminhada, mas ele precisava gastar a energia que estava acumulada. Ele se sentia alerta, eufórico, como se estivesse sob efeito de alguma droga estimulante.

E com o próprio uniforme do trabalho ele decidiu que iria correr até em casa. Usava uma calça comprida marrom, uma camiseta verde com o logo da empresa e um boné da mesma cor da calça. Em vez de um tênis de corrida, usava um sapatênis preto, mas isso não importava.

Quando chegou em casa, 40 minutos depois, estava molhado de suor, da cabeça aos pés. Entrou

NACIONAIS - ACHERON

ofegante e com o rosto vermelho de tanto correr.

— Amor tá tudo bem? O que houve? —
Angel olhava para ele assustada.

— Está... tudo... ótimo... — dizia enquanto recuperava o fôlego. — Precisava... correr...

— Dante, você tá bem mesmo? Não está escondendo nada?

— Não — mentiu ele.

A verdade era que Dante havia parado completamente seu medicamento.

— Só preciso de um exercício as vezes para controlar meus nervos.

— Mas precisa correr com a roupa do trabalho? Estou achando que está escondendo algo. Jura que está tudo bem? Está tomando os medicamentos certinho?

— Vai ficar duvidando de mim agora? Quer contar a porcaria dos comprimidos pra ver se tô tomando? — Dante desejou do fundo de sua alma que ela não decidisse realmente contar os comprimidos, o frasco estava cheio.

— Desculpa amor, não quis ser chata ou te ofender. Não precisa se irritar. Claro que acredito em você. Eu só me preocupo, só isso. Entendo seu nervosismo pelo emprego novo, mas você vai ficar bem. Agora vai tomar um banho pra gente jantar. Preparei um super prato —disse ela sorrindo.

— Posso saber o que é?? — Ele se aproximou da cozinha.

— Miojo. Você esqueceu de comprar comida de novo. E isso foi a única coisa que eu achei na sua despensa.

— Minha especialidade. — Ele sorriu. — Se quiser podemos pedir algo pequena.

— Miojo está ótimo. Mas só depois do seu banho.

— Quer me acompanhar?

— Já tomei meu banho, obrigada. Ninguém mandou o senhor chegar atrasado. Perdeu a oportunidade — e soltou um beijo no ar para Dante. — Agora vai para o banho.

E Dante subiu, derrotado, em direção ao seu banho solitário.

Os dois jantaram em silêncio. Angel estava se sentindo cansada e com um pouco de enjoo. E Dante pensava em todas as emoções que se passava na sua cabeça. Eram tantas as coisas, que ele não conseguia se fixar em uma única ideia de cada vez. Ele se sentia confuso.

— Acho que essa comida não me fez bem.

— Disse Angel logo após terminar seu jantar. Correu para pia da cozinha e vomitou tudo o que tinha ingerido.

— Pequena, tá tudo bem?

— Agora estou melhor — disse Angel limpando a boca com um pedaço de guardanapo. — Acho melhor eu ir deitar. Vem comigo?

— Daqui a pouco. Vou lá no ateliê tentar pintar algo. Faz tempo que não pego nos quadros.

— Tudo bem. Mas não demora. Estou com saudades.

Quando chegou ao sótão Dante olhou para seus quadros. Ali estavam: A cara do transtorno bipolar, euforia, frustração, tristeza e salvação. Em breve seus mais angustiantes sentimentos estariam

expostos, à venda e, caso alguém comprasse, na casa de estranhos.

De repente começou a sentir-se irritado sem motivo aparente. E a onda de pensamentos invadiu novamente sua mente. Resolveu então, expor tudo aquilo em uma tela. Como sempre fazia, fechou os olhos e tentou canalizar tudo o que sentia para a ponta do pincel. Quando olhou para tela em branco visualizou tudo o que queria expresso no quadro. Pegou o godê e começou a misturar algumas cores, tomando o cuidado para deixar o preto e o cinza separados.

Começou a trabalhar. O dia já estava raiando quando terminou seu sexto quadro. O nome do quadro: Взрыв, ou explosão. E o que se envergava era a cabeça de um homem, olhando para frente com uma expressão no rosto que demonstrava uma insanidade crescente. Os olhos, de um azul claro, estavam arregalados, e um sorriso de orelha a orelha, finalizavam aquele rosto que estava estranhamente bizarro, até um pouco assustador.

A cabeça do homem estava aberta, como se

fosse uma caixa, e de lá de dentro saía um turbilhão de cores, no formato de um tornado. O quadro refletia os pensamentos confusos e desordenados de Dante, o homem da pintura.

Lavou as mãos, voltou ao seu quarto e encontrou Angel ainda dormindo. Vagarosamente deitou-se ao seu lado, a aconchegou em seus braços sem acordá-la, e ficou sentindo seu corpo quente até que ouviu o conhecido alarme de seu despertador, menos de meia hora após deitar.

— Bom dia meu amor, dormiu bem? — perguntou Angel enquanto continuava com a cabeça deitada no peito de Dante.

— Como uma pedra. — Ele mentiu.

E então, Dante se preocupou. Pela terceira vez, havia mentido para Angel. Isso significava uma coisa. Ele estava prestes a perder o controle da situação e ficou imaginando até quando iria conseguir prosseguir com aquele jogo de enganação.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 23



*“Não existe maior loucura no mundo
do que um homem entrar no desespero”*

Miguel de Cervantes

A cada dia que passava Dante fazia mais e mais esforço para esconder de Angel que estava sem tomar seus remédios. Estava ficando cada vez mais complicado explicar para sua namorada as constantes alterações de humor que ele tinha.

Até que o dia da exposição finalmente chegou. Ele acordou nervoso e suando frio. Angel tentou acalmá-lo.

— Não fica assim, vai dar tudo certo. — E começou a beijá-lo suavemente, até que sua boca começou a buscar a de Dante de forma mais intensa.

NACIONAIS - ACHERON

Os dois acabaram fazendo um sexo terapêutico, como Angel chamou. Uma transa sem pressa, tranquila, com movimentos suaves e ao mesmo tempo intensos e excitantes. Quando chegaram ao ápice, juntos, Dante estava mais tranquilo e com a energia renovada.

— Preciso de mais dessas transas medicinais
— ele disse enquanto se vestia.

— Bobo.

Desceram até cozinha e, pela primeira vez, ela o proibiu de tomar café e o forçou a beber um chá de camomila, quem sabe ele não se acalmaria ainda mais.

Era um dia de sábado, e a exposição de Dante iria dar início às 21 horas.

O dia havia começado de forma perfeita, mas à medida que o tempo ia passando, ele parecia se arrastar e a cada hora, Dante ia ficando cada vez mais nervoso, irritado e necessitava urgentemente de espaço.

— Angel decidiu então ir para sua casa para que ele tivesse um tempo sozinho e pudesse se
NACIONAIS - ACHERON

preparar para seu grande dia. Mais tarde o pegaria em sua casa e os dois iriam juntos para a galeria.

Quando ficou sozinho, Dante pegou o celular e fez uma ligação.

— Oi meu filho. — Disse uma voz do outro lado da linha.

Alguns segundos se passaram antes que Dante quebrasse o silêncio.

— É hoje — foi a única coisa que ele disse.

— Não vejo a hora de dar uma olhada em seus quadros. Estou muito orgulhoso. — A voz do pai soava sincera.

— Então você vai? — Dante parecia uma criança que gostaria de ver o pai em seu primeiro jogo de futebol.

— Claro que vou. Não perderia essa noite por nada. Sua mãe deve estar muito feliz.

E Dante não conseguiu responder. Apenas desligou o telefone. Pensar na mãe sempre doía, mas ouvir àquelas palavras do pai dizendo que sua mãe estava feliz por ele, foi acalentador.

A tranquilidade então o visitou por algumas horas. Mas à medida que a noite chegava e o horário da exposição se aproximava o nervosismo voltou a tomar conta de seu ser.

Benjamin chegou em casa e encontrou o amigo sentado no sofá, olhando para o nada.

— O que houve? — Benjamin olhou para Dante preocupado.

Dante despertou daquele torpor e encarou o amigo.

— Acho que está na hora de nos vestirmos. Angel deve estar chegando. — Ele disse tentando desconversar.

Benjamin se aprontou rapidamente e logo Angel e Filomena chegaram. Filó não estava muito feliz em ir para grande estreia de Dante como pintor, mas desde a briga que havia tido com Angel, estava se comportando como uma boa amiga.

Quando Dante desceu as escadas, Angel deu um sorriso e correu para abraçar seu namorado.

— Você está lindo. Está quase na hora.
NACIONAIS - ACHERON

Vamos? — E pegou no braço de Dante.

— Acho melhor vocês irem primeiro, preciso de uns minutos.

— Mas amor — questionou Angel.

— Só mais alguns minutos pequena. Eu pego um táxi e encontro vocês lá. Só preciso de alguns minutos. Por favor.

Benjamin já conhecia Dante o suficiente para entender que o amigo realmente precisava ficar sozinho naquele momento.

— Angel, escuta ele. Confie em mim, ele precisa desse tempo.

E Ben levou Angel, que, embora contrariada, resolveu respeitar o espaço do namorado. Então ela e Filomena foram no carro de Ben para a galeria. Dante pegaria um taxi e os encontraria em seguida.

Quando a porta fechou ele subiu as escadas e foi até seu quarto ele se olhava no espelho e via o reflexo de um homem vestido de calça preta, uma camisa social branca e o smoking preto, a gravata borboleta estava impecavelmente alinhada à sua

NACIONAIS - ACHERON

roupa.

"Virei a porra de um pinguim".

Dante não soube por quanto tempo ficou encarando seu reflexo no espelho, mas começava a sentir os pés latejarem. Era aquele sapato.

"Porra Angel, te disse meu número mil vezes e tu me compra uma porcaria de número menor".

Tirou os sapatos, as meias e o alívio foi imediato. Olhou para o relógio de cabeceira da cama. Já devia estar lá. Estava meia hora atrasado. Não percebeu como o tempo havia passado. Todos estavam lá esperando por ele. Todos iriam ver suas pinturas, seus pensamentos, sua alma. O pânico começou a tomar conta de si.

"Meus quadros são uma bosta. Aonde eu estava com a cabeça quando aceitei expô-los desse jeito. Que merda você fez Dante?".

Ele desceu as escadas e foi em direção ao sótão. O que encontrou foi o vazio. Todos seus quadros haviam sido levados. Para que? Para que

desconhecidos pudessem enxergar dentro de sua mente? Ele tinha que impedir isso. Dante já não conseguia mais pensar com nenhuma racionalidade. Mas antes de pegar seus quadros de volta, sentia que necessitava relaxar. Foi até o armário onde guardava as telas em branco e escondido no fundo do móvel retirou uma garrafa de whisky, que havia comprado antes mesmo de conhecer Angel, nunca a havia tocado, até aquele dia.

Abriu e deu o primeiro gole, no próprio gargalo. Sentiu o líquido descer queimando pela garganta. Franziu os olhos, fez uma careta e deu outro gole, dessa vez o líquido desceu de forma mais fácil. O tempo foi passando e ele começou a sentir o efeito do álcool e decidiu que iria pegar seus quadros de volta antes que fosse tarde demais. Sentia raiva de Angel, afinal, a ideia tinha sido dela. E virou a garrafa novamente. À medida que o álcool ia fazendo efeito, a insanidade dentro dele crescia mais e mais, já não pensava direito, e tudo o que queria fazer era invadir àquela galeria e pegar seus quadros de volta.

Ouviu então aquele rangido da porta se abrindo e começou a olhar pela escada.

— Vai embora. — Ele disse com a voz pesada.

— Dante? — era Benjamin.

— Seus sapatos não te incomodam?

— O que??

— Eu perguntei, se a porra do teu sapato não te incomoda. — Benjamin então percebeu a garrafa na mão de seu amigo.

— Que porra você pensa que tá fazendo? Angel está esperando por você. Todos estão esperando por você. E te encontro aqui enchendo a cara?

— Não enche a porra do saco. A culpa é dela que me convenceu dessa merda. — Dante gesticulava de forma exagerada. Seu equilíbrio estava começando a deixá-lo na mão.

— Não começa a colocar a culpa das suas merdas nos outros. Vem cá. Me dá essa garrafa e vai tomar um banho. Vou fazer um café e vamos a

exposição. Você é a estrela da noite cara. Não estraga tudo. — Ben aproximou-se de Dante e tentou tirar a garrafa de suas mãos.

— Fica longe de mim caralho. — Disse Dante se desvencilhando e caindo no chão.

Benjamin tentou ajudá-lo, mas ele se recusou.

— Me solta. Eu levando sozinho. — De forma desajeitada ele conseguiu se levantar.

Então Dante percebeu que Benjamin havia pegado a garrafa de suas mãos.

— Me dá essa garrafa Benjamim.

— Não. Vamos subir e você vai tentar se controlar. E vamos à sua exposição.

— Me dá essa garrafa seu merda — ele ignorava as palavras de Benjamin.

— Eu já disse que não! — Benjamin soava firme, mas ao mesmo tempo com a voz suave. Então ele virou a garrafa de whisky e derramou o resto do líquido no chão.

— Seu filho da puta! — Dante foi para cima

de Benjamin deferindo-lhe um soco no rosto.

Ben foi pego desprevenido e mal percebeu quando perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Sentiu o gosto de sangue na boca e quando olhou para cima, viu Dante de pé, encarando-o, com os olhos ardendo em fúria. Ele levantou-se, cuspiu o sangue que se acumulou na boca e com a manga da camisa limpou o que havia escorrido de seus lábios, sua camisa antes impecável agora estava manchada.

— Se é assim que você quer Dante, ótimo. Pelo visto já parou novamente o remédio e aí está o resultado — então apontou para o amigo. — Completamente descontrolado, em crise e pateticamente bêbado. Só escuta o que eu tô te falando meu caro amigo, eu aguento essas suas merdas, não sei porque, mas aguento. Agora a Angel uma hora vai cansar de tudo isso.

Dante permanecia parado, olhando para Ben sem falar nada.

— O esforço que ela fez para que você tivesse a noite de hoje foi imensurável, e é dessa forma que você a agradece? Para de pensar no seu

umbigo e pensa um pouco nos outros. Deixa de ser egoísta ao ponto de achar que é o fim do mundo engolir a porra de uma pílula. — E Ben virou as costas e deixou o amigo sozinho com seus pensamentos.

Dante não se movia. Tentava digerir tudo o que o amigo havia dito. A sua cabeça estava a mil, e os pensamentos pareciam se embaralhar dentro de sua mente.

Subiu as escadas e quando chegou na sala viu que as chaves do carro de Angel estavam em cima do balcão da cozinha.

"Ela foi de carona com o Ben".

Decidiu então ir até a maldita exposição. Dante sabia que tinha a habilitação suspensa, mas não se importou. Com a chave nas mãos, foi até a garagem, ligou o carro e saiu cantando pneu. A cada marcha que ele passava, o pé do acelerador pisava mais fundo. Sinais vermelhos eram ignorados de forma quase suicida. Sua sorte era que o trânsito naquele horário era mais ameno.

Em menos de dez minutos ele parou o carro

NACIONAIS - ACHERON

em frente à galeria onde seus quadros iriam ser expostos. Estacionou em cima da calçada ignorando todas placas de proibido estacionar e adentrou à galeria.

Quando se dirigiu até a sessão onde estavam suas pinturas as pessoas começaram a olhar para ele de forma assustada, ele começou a procurar por Angel até que a viu.

Ela usava um vestido vermelho longo, de alça e com uma fenda que deixava uma de suas pernas a mostra. Quando o avistou Angel aproximou-se e sorriu.

— Meu amor você está atras.... — E então olhou para o estado em que ele se encontrava. — Os olhos vermelhos, o cabelo desgrehado e os pés descalços. — O que houve com você? Dante, cadê seus sapatos?

Ele aproximou-se dela e deu-lhe um abraço urgente e começou a beijar sua boca. Ela o afastou colocando a mão em seu peito e o empurrando.

— Você bebeu??? Que cheiro de álcool é esse. O que está acontecendo Dante??? — Sua voz

agora era alta e estridente.

— Eu não posso deixar Angel, não posso permitir que as pessoas me vejam. — Ele aproximou-se novamente dela.

— Do que você está falando? — Ela dizia enquanto colocava a mão em seu peito, afastando-o. — O que está acontecendo. Me explica pelo amor de Deus.

Dante começou a olhar ao redor. As pessoas pararam o que estavam fazendo e todos estavam olhando para aquela cena bizarra. Algumas cochichavam, outras apontavam para os pés dele, e as demais apenas olhavam boquiabertas.

— Estão gostando do show? — E ele se dirigiu para todos os que estavam o encarando. — Não queriam ver o artista? Pois aqui estou. — Abriu os braços e fez uma reverência.

— Dante, para!! — Angel suplicou.

Ele ignorou os seus pedidos.

— Dante Rozensky pessoal, muito prazer, sou a porra do artista desses quadros que estão expostos hoje.

NACIONAIS - ACHERON

Um garçom passava com uma bandeja cheia de taças com espumante e Dante pegou uma delas, deu um gole e depois a levantou.

— Quero aproveitar e fazer um brinde à mulher responsável por tudo isso. — E apontou para Angel.

Ela encolheu os ombros, parecia ao mesmo tempo assustada e envergonhada.

— Chega perto pequena. — Ele se aproximou e a puxou pelo braço de forma rude. — Graças a ela, agora estou exposto à todos vocês. Graças a ela, eu virei uma mera mercadoria.

E de repente ele começou a gargalhar de forma descontrolada.

— Como é que vocês gostam dessa bosta? — Disse ele apontando para os quadros. — São péssimos. Vocês têm um mal gosto do caralho. — E continuou a gargalhar de forma insana.

— Dante pelo amor de Deus vamos sair daqui. O que está havendo com você?? — O olhar de Angel era de desespero.

— Sair daqui? Mas a festa agora que
NACIONAIS - ACHERON

começou baby. — E aproximou-se para beijada, forçando-a contra seu rosto.

Angel não pensou no que estava fazendo, mas sua reação foi quase imediata. Deu um tapa com a palma espalmada no rosto de Dante. Ele a encarou de forma surpresa e colocou a mão na própria bochecha, que ardia. Antes que alguém pudesse fazer ou dizer algo ele se dirigiu para fora da galeria.

— Dante! — Gritou Angel e correu atrás dele.

Quando ela o alcançou ele estava entrando no carro e antes que pudesse dar a partida, Angel correu até a porta do passageiro e entrou também.

Os dois ficaram se olhando sem dizer uma palavra. Dante então deu a partida no carro e saiu.

— Para onde estamos indo? — Angel quebrou o silêncio e perguntou.

Ele não respondeu. Seus olhos estavam fixos na pista a sua frente. O carro foi indo cada vez mais veloz.

— Você está me assustando. Dante diminui a

NACIONAIS - ACHERON

velocidade. — Ela olhou o velocímetro, que estava a 80km/h.

Quando olhou para frente o sinal estava vermelho.

— Dante olha o sinal!!

O carro foi se aproximando do semáforo e a velocidade somente aumentava.

— Dante para!! O sinal está vermelho!!

Não dava mais tempo de diminuir a velocidade.

— PARA.... – E Angel colocou as mãos nos olhos enquanto Dante ultrapassava o sinal vermelho sem olhar para os lados.

— Pelo amor de Deus para esse carro. Você vai acabar matando nós dois. — Ela agora chorava compulsivamente.

A velocidade do carro foi diminuindo até que chegaram em casa. Ele desceu silenciosamente e ela o seguiu.

— Fala comigo. Eu te imploro meu amor, fala comigo — as lágrimas não paravam de cair dos

olhos de Angel.

— CALA ESSA BOCA ANGEL. CALA A PORRA DESSA BOCA.

O silêncio havia sido finalmente quebrado. Angel deu um pulo quando Dante falou com ela daquela forma. Ela não ousava dizer uma só palavra. Quem era aquele que estava na sua frente? Essa era realmente a cara do transtorno bipolar? Ela olhou nos olhos de Dante e tentou enxergar o homem amável, engraçado e carinhoso por quem havia se apaixonado, mas não encontrou. O que via na sua frente era a loucura personificada na forma de um homem, e sentiu medo.

Pela primeira vez estava com medo de Dante. Mas seu amor por ele lhe deu coragem para tentar ajudá-lo e trazê-lo para realidade.

— Me fala o que está acontecendo. Me ajuda a te entender. — Ela falou quase sussurrando.

— Você me expôs ao mundo. Eu só queria você, só queria me entregar a você, e agora... — Ele emudeceu. — O mundo todo sabe quem eu sou, o que faço, o que sinto. Meus pensamentos não são

mais meus. Eles roubaram meus pensamentos Angel. EU VENDI A PORRA DOS MEUS PENSAMENTOS. — Dante estava cada vez mais insano, os olhos vermelhos injetados de raiva e rancor.

— Escuta o que você tá falando meu amor. Volta pra mim. Você está delirando. — Ela deu um passo tímido em direção a ele e pousou a mão em seu ombro. Ele estremeceu. — Eu só queria te ajudar a se ajudar. Eu te amo, não faz isso por favor. Eu te amo, olha pra mim.

E Dante encarou Angel. Lágrimas escorriam de seus olhos, mas ela conseguia enxergar a fúria e raiva dentro dele, que parecia não ter fim.

— Volta pra mim — ela sussurrou novamente.

Ele queria parar, respirar, se controlar, mas não conseguia. Sentiu o toque de Angel e um sentimento bom tomou conta de si, mas foi algo momentâneo. Logo a raiva começou a crescer novamente e aquele toque começou a incomodá-lo.

— NAAO! — Gritou ele de repente e tirou

de forma abrupta a mão de Angel de seu ombro.

Com o susto ela perdeu o equilíbrio e acabou caindo na mesa de vidro que ficava na sala de estar. O vidro se estilhaçou com o peso dela.

— Angel — por um momento Dante parecia ter voltado à realidade e ele, assustado, aproximou-se para ajudá-la.

— Não encosta em mim — Angel estava atordoada. Levantou sem a ajuda de Dante e quando olhou para os braços eles estavam arranhados, sujos de sangue, mas os cortes eram superficiais. Os machucados ardiam.

— Fica longe e não encosta em mim — ela chorava copiosamente.

A porta da frente de repente se abriu e Benjamin entrou. Pousou o olhar sobre a mesa e viu os pedaços de vidro no chão, olhou para Angel com os braços machucados, e depois para Dante.

— Que merda que você fez com a Angel?

— E-eu... — ele começou a gaguejar.

— Eu caí Ben — Angel interrompeu. — Me

leva embora daqui por favor.

— Angel — Dante disse chegando perto.

— Dante melhor você ficar parado onde está — ameaçou Benjamin.

O seu braço estava esticado, impedindo Dante de se aproximar.

— Não torna as coisas mais difíceis do que já estão. Filó me ligou desesperada e me contou tudo o que aconteceu na galeria, achei que vocês poderiam ter voltado pra casa e vim checar. Só não imaginava uma cena dessas. Ela tá sangrando por sua causa cara. Então fica longe e não piora tudo.

Dante obedeceu e ficou parado olhando para porta enquanto Angel e Benjamin saiam. Ele sentou-se no sofá e ficou fitando para a mesinha que agora se resumia a uma armação de madeira e estilhaços de vidro no chão. Foi quando começou a chorar desesperadamente.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 24



*“A vida é curta, aproveite-a.
O amor é raro, agarre-o.
A raiva é ruim, jogue-a fora.
O medo é ridículo, enfrente-o.
Memórias são doces, saboreie-as.
Não as jogue fora”
Caio Fernando Abreu*

Depois de mais ou menos duas horas Ben voltou para casa e encontrou Dante sentado no sofá, as mãos estavam na cabeça e ele permanecia encarando o que havia sobrado da mesinha de vidro da sala. Quando ouviu o amigo se aproximando, levantou a cabeça, e encarou Benjamin.

— O que eu fiz Ben? Me ajuda, o que foi que eu fiz? — Ele se levantou e segurou Benjamin pelos ombros. — Ela tava sangrando, eu fiz aquilo

com ela. Meu Deus do céu Benjamin, o que foi que eu fiz. — Ele voltou a desabar no sofá.

— Se acalma Dante. Ficar assim não vai adiantar de nada. Você precisa começar a pensar em como vai resolver essa bagunça toda que você criou. — Ele foi o armário de limpeza onde pegou uma vassoura e uma pá. Iria começar a limpar aquele caos.

— Eu criei?

— Sim, você. E não começa a fugir das responsabilidades. Você é a única causa disso tudo que está acontecendo. Seja sincero comigo. Você parou sua medicação não foi? — Dizia enquanto juntava os cacos de vidro com a vassoura.

— Parei. — Dante levantou tomando cuidado para não pisar nos vidros, ele ainda estava descalço, e então deu espaço para Benjamin. — Mas eu estava me sentindo bem, estava tudo sob con...

— PARA DANTE! PARA DE TENTAR SE CONVENCER QUE TUDO ESTAVA SOB CONTROLE, MAS QUE MERDA — Benjamin começou a gritar jogando a vassoura no chão. —

NACIONAIS - ACHERON

Olha pra mim, você me deu um murro! Olha pra essa sala! Lembra do estado em que a Angel estava! Há semanas que você vem apresentando mudanças de humor, e eu fingia que não via. No fundo eu queria que, dessa vez, você estivesse levando seu tratamento a sério. Mas me enganei não foi? E agora? Vai pedir perdão? Como sempre faz? Pra depois, cometer os mesmos erros?

Benjamin desabafava tudo o que estava preso em sua garganta.

— Só você pode interromper esse ciclo.

— Eu

— Você o que? Está arrependido? Sim, eu sei que está. Eu sei que você não queria machucar a Angel. Eu sei disso tudo. Mas isso não é suficiente.

Dante sabia que Benjamin estava certo. Por isso escutou tudo sem questionar nada. Mas no momento tudo o que conseguia pensar era em Angel. Precisava encontrá-la, vê-la, abraçá-la e sim, precisava lhe pedir perdão.

— Ela está em casa? — Ele perguntou timidamente.

— Não. — Respondeu Benjamin pegando a vassoura que havia jogado no chão e continuando sua limpeza. — Passamos lá para que ela pudesse trocar de roupa e se limpar. Depois a deixei na rodoviária.

— Rodoviária? — Dante arregalou os olhos.

— Ela vai passar um tempo na casa dos pais.

O barulho de vidro sendo varrido estava começando a irritá-lo.

— Eu preciso vê-la. E você vai me levar lá agora.

— Você precisa é se cuidar. E também agora não adianta mais. O ônibus já saiu tem mais de 30 minutos. Não vai mais encontrá-la lá. Agora me ajuda aqui e pega aquele saco preto de lixo que está no armário da cozinha.

Dante obedeceu ao amigo, e os dois terminaram de limpar a sala de estar sem trocar mais uma palavra. Até que o celular de Benjamin começou a tocar quebrando o silêncio.

— Alô?

Dante apenas olhou para o amigo enquanto terminava de dar um nó no saco preto onde estavam os pedaços de vidro.

— Filó? Ah, oi, o que houve? — Ao ouvir o nome de Filomena, Dante parou o que estava fazendo e encarou Benjamin.

A medida que a conversa entre Ben e a amiga de Angel ia se desenrolando no telefone, a expressão no rosto de Ben ia mudando, e agora ele estava com um semblante ao mesmo tempo surpreso e preocupado. Finalmente desligou o telefone.

— O que houve Ben? Que cara é essa?

Benjamin não disse uma palavra. Aproximou-se do rack onde ficava a TV, pegou o controle e ligou o aparelho. Sintonizou no canal de notícias local e a imagem de uma filmagem realizada por helicóptero mostrava um ônibus, com metade de seu comprimento imersa em um lago que ficava próximo à estrada que levava para fora da cidade.

“Até o momento não se tem notícias sobre o

que causou o acidente. O que se sabe é que ônibus da empresa Anchieta partiu às 23:40 em direção à cidade de Doce Esperança e aparentemente perdeu o controle descendo à ribanceira e indo de encontro ao lago que corta a cidade. Até o momento, não há sobreviventes”.

Dante apenas olhava para a tela. De repente as pernas ficaram fracas e ele caiu sob seus joelhos, sem tirar os olhos da TV. Não era possível. Aquilo não podia acabar daquele jeito. Sua história com Angel não podia acabar daquele jeito. Ele conseguiu se levantar tirando forças de onde não tinha.

— Preciso ir até lá. — Falou olhando para Benjamin. — É o ônibus dela, não é? Benjamin, por favor, eu te imploro. Eu preciso ir até lá.

— Eu não vou deixar você sair de casa nesse estado Dante. A Filomena já está indo para lá. Me prometeu dar notícias.

— PORRA DE FILOMENA! — E ele esbravejou e novamente desabou no chão. — Ela
NACIONAIS - ACHERON

não pode estar... Benjamin, diz pra mim que ela não está....

— Ela não está morta Dante.

— Mas você ouviu o jornal. Sem sobreviventes. Não. NÃO — e deu um grito que ecoou por toda casa. Era um grito de desespero. E, pela segunda vez na sua vida, Dante sentiu àquela dor da perda.

— Fica calmo Dante. Olha, vamos fazer o seguinte. — Ele abaixou-se e colocou as mãos no ombro de seu amigo. — Eu vou até lá, vou buscar notícias, mas você precisa me prometer que vai ficar aqui em casa. Você precisa me prometer que vai esperar notícias minhas.

Dante apenas acenou com a cabeça sem se mover.

— Não, não! Eu preciso ouvir. Preciso que você me diga. Prometa que vai ficar aqui quietinho enquanto eu vou até lá.

— Prometo — ele disse num sussurro.

Benjamin pegou as chaves de seu carro, por segurança também levou as chaves do carro de
NACIONAIS - ACHERON

Angel. E partiu em busca de notícias.

Ao perceber que estava sozinho Dante levantou e subiu as escadas Ele entrou no quarto e fechou a porta. Girou a chave e se certificou que realmente estava trancado.

Não queria interrupções.

CAPITULO 25



*“A esperança é um alimento da nossa alma,
ao qual se mistura sempre o veneno do medo”*

Voltaire

BENJAMIN

Benjamin dirigia o carro velozmente imaginando tudo o que poderia encontrar ao chegar até o local do acidente. O rádio do carro estava sintonizado no canal de notícias e, portanto, ele sabia exatamente aonde tinha acontecido o fato.

O tempo estava frio e uma leve chuva caía, dificultando a visão. A medida que ia se aproximando do local percebeu o aumento da movimentação de carros de polícia, ambulâncias e

NACIONAIS - ACHERON

vários carros de reportagem.

Até que um bloqueio policial surgiu, impedindo a passagem dos carros. A pista precisava estar livre para os carros de socorro. Parou no acostamento e foi até o encontro das fitas de isolamento amarelas que impediam qualquer um de passar. Procurou por Filomena entre os curiosos, mas não a encontrou.

— O que está acontecendo? — Perguntou para um homem que estava ao seu lado. Olhando de forma curiosa para a movimentação dos policiais. — Não dá pra ver nada daqui. Você sabe o que aconteceu?

Benjamin esticava o pescoço tentando enxergar algo mas era impossível. O local do acidente estava a pelo menos 500 metros de distância dali.

— Parece que o pneu estourou — respondeu o homem. — O motorista não conseguiu controlar o ônibus, desceu a ribanceira e foi parar lagoa abaixo. Tinha até criança lá dentro.

Benjamin engoliu em seco.

— Alguém sobreviveu? — Ele estava com medo de ouvir a resposta. — Ouvi no jornal que ainda não tinham achado ninguém vivo.

— Não sei, mas acho que teve gente viva sim. Senão não teria tanta ambulância por aqui. Mas parece que morreu muita gente afogada.

A cada palavra dita pelo homem o medo de Benjamin aumentava. Mas ali ele sabia que não iria conseguir muita informação.

“Se tem tanta ambulância, isso é um bom sinal”.

Começou a ter esperanças de que poderia encontrar Angel viva.

— Sabe aonde estão levando os feridos?

O homem balançou a cabeça negativamente. Benjamin permaneceu alguns minutos esticando o pescoço e cada vez que uma ambulância passava tentava enxergar algo, mesmo sabendo que nunca iria conseguir. A chuva começou a ficar mais grossa e Ben revolveu voltar ao carro para se proteger.

Ele tirou o celular do bolso e resolveu ligar para Dante, o telefone começou a chamar, mas logo depois parou. Seu amigo havia recusado a ligação. Uma angústia o atingiu. Porque Dante não atenderia um chamado dele? Ele deveria aguardar notícias de Angel ansiosamente e agora recusava-se a atender o celular? Ben começou a achar que não deveria ter deixado o amigo sozinho, não naquele estado paranoico em que ele se encontrava. Engoliu em seco novamente.

A dúvida entre ir para o hospital mais próximo do local do acidente em busca de notícias e checar como estava seu amigo estava deixando-o aflito. Resolveu então voltar para casa, e quem sabe, se Dante estivesse mais calmo, poderiam ir juntos para o hospital à procura de Angel. Isso se ela não estivesse....

Ligou o carro e dirigiu de volta para casa. O local do acidente não havia sido muito longe. O ônibus caiu na ribanceira que ficava logo nos primeiros quilômetros da saída da cidade, então Benjamin não demorou para chegar em casa.

— Dante? Cê tá aí? — Disse entrando em casa. Tudo estava no mais absoluto silêncio.

Procurou o amigo na sala e cozinha e não achou. Subiu as escadas e foi em direção ao quarto. Bateu.

— Dante, cheguei. — Esperou uma resposta e nada.

Bateu novamente, girando a maçaneta. A porta estava trancada. Dante nunca se trancava. Uma coisa que o seu amigo não tinha problemas era com privacidade e pudor.

— Dante, abre logo essa porta — Disse ao mesmo tempo em que pegava seu celular e ligava para ele. Ouviu o telefone tocar dentro de quarto, mas ninguém atendeu. Começou a se preocupar.

— Vamos cara. Abre essa porta. Preciso te dar notícias do que aconteceu — as batidas na porta estavam mais intensas, mas em nenhum momento Benjamin teve qualquer tipo de resposta.

Lembrou então das chaves sobressalentes que tinha de todos os cômodos da casa. Foi até o armário de limpeza e procurou em algumas caixas

NACIONAIS - ACHERON

de sapatos as tais chaves. Finalmente as encontrou e correu para o quarto de Dante.

Benjamin abriu a porta, acendeu a luz e encontrou Dante em sua cama. Se não fosse pelo vômito ao lado dele, acharia que ele pudesse estar dormindo.

— Mas que... — Benjamin aproximou-se de seu amigo e ao arrodar a cama percebeu que, na porta do banheiro, que estava aberta, havia dois frascos de medicação no chão. Estavam vazios.

Agachou e pegou os frascos colocando nos bolsos. Aproximou-se da cama onde seu amigo estava.

— O que você fez Dante? — E correu balançando Dante pelos ombros.

— Abre o olho cara! O você pensa que tá fazendo? — Ben balançava os ombros do amigo de forma vigorosa.

Dante mexeu a cabeça e resmungou algo. Abriu os olhos e tentou empurrar Benjamin, mas o corpo estava pesado e ele estava muito sonolento devido ao excesso de medicações que havia

NACIONAIS - ACHERON

ingerido.

Ben pegou o celular e começou a ligar para emergência, mas lembrou do acidente e desistiu da ligação. Com certeza o efetivo de ambulâncias estava todo voltado para socorrer as vítimas daquele terrível acidente. Resolveu levá-lo, ele mesmo, ao hospital.

Pegou o braço de Dante e colocou atrás do seu pescoço e puxou o amigo da cama. Ele resmungava palavras desconexas. Estava muito sonolento, mas não desacordado. Aos trancos e barrancos Benjamin conseguiu arrastar Dante para fora do quarto e desceu as escadas.

Cada passo que ele dava, o seu corpo doía e reclamava. Dante apesar de porte atlético estava com o corpo pesado e ajudava muito pouco na descida, as pernas não o obedeciam, e pareciam tropeçar umas nas outras.

Finalmente, Benjamin conseguiu colocar Dante no banco de passageiros do carro e saiu cantando pneu. Ele estava suado, ofegante e extremamente cansado. O medo começou a se

apoderar dele. Não sabia a quanto tempo Dante havia feito uso daquelas medicações, ele havia vomitado, o que era um bom sinal, mas quanto do medicamento ainda restava em seu organismo?

— ALGUÉM ME AJUDA! — Ben gritou quando parou o carro na frente do hospital.

Uma enfermeira veio correndo até a porta do carro dando uma olhada dentro. Dante parecia desmaiado no banco dos passageiros.

— O que houve com ele?

— Moça, ele tomou vários comprimidos. Ele é bipolar e tentou se matar. Ajuda ele por favor.
— Ben estava aflito.

A enfermeira pediu uma maca e eles tiraram Dante com dificuldade do carro e o colocaram em uma sala de emergência.

O hospital estava lotado. Várias pessoas que estavam no acidente com o ônibus haviam sido levadas para àquela emergência e cada vez um número maior de pessoas chegavam até o Pronto Atendimento em busca de notícias de possíveis sobreviventes da tragédia.

— O que vai acontecer agora? — Benjamin perguntou a enfermeira que havia ido buscar o médico. — Moça, ele vai ficar bem?

Em poucos instantes o médico chegou e antes de entrar na sala começou a fazer várias perguntas a Benjamin deixando-o zozinho.

— Como ele chama?

— Dante Rozensky, ele tem 27 anos. Tem transtorno bipolar. Ajuda ele por favor.

— Você sabe dizer o que ele tomou?

— Foram esses aqui — disse Ben tirando do bolso os dois frascos de comprimidos que havia encontrado no quarto de Dante. O médico pegou os frascos e leu.

— Você acha que os frascos estavam cheios? Olha, eu preciso saber do máximo de informações possíveis sobre o que aconteceu. Só assim posso ajudar seu amigo.

— Eu... — Benjamin estava perplexo e em choque. — Não sei, mas... sim, eu acho que estavam cheios. Ele não tomava as medicações há um bom tempo, eu acho. Ele vai ficar bem?

— Nós vamos cuidar bem dele. — Disse enquanto pegava no braço de Benjamin de forma a tranquilizá-lo. — Agora preciso que você espera aqui fora.

E o médico fechou a porta atrás de si deixando Benjamin no meio daquela emergência abarrotada de pessoas. Cada uma com suas preocupações, seus medos e suas angústias.

Ele colocou as duas mãos na cabeça e ali ficou, assustado, boquiaberto e sem acreditar que àquele dia tinha acabado daquele jeito.

CAPÍTULO 26



*“Aquele que nunca viu a tristeza,
nunca reconhecerá alegria”*

Khalil Gibran

ANGEL

— Você tem certeza? — Benjamin perguntou a Angel enquanto ela descia do carro, na entrada da rodoviária.

— Tenho sim Ben. Preciso de um tempo para colocar as ideias no lugar. Eu amo o seu amigo e não pretendo desistir dele, mas preciso pensar. Muito obrigada por tudo. — Angel fechou a porta do carro.

NACIONAIS - ACHERON

— Angel — chamou Ben. — Tem certeza de que tem ônibus a essa hora?

— Olhei no celular e o último ônibus pra Doce Esperança sai em 20 minutos.

Ela olhou para o relógio, eram 23:20.

— Então, preciso correr — e Angel soltou um beijo para Benjamin e entrou na rodoviária.

Correu para os guichês de venda e conseguiu comprar uma das últimas passagens que estavam à venda para àquele horário. Procurou o terminal aonde o ônibus iria partir e conseguiu subir no veículo minutos antes da partida. As poltronas da frente estavam todas ocupadas e Angel só conseguiu um assento nos fundos do ônibus, bem ao lado do banheiro. Quando ela sentou, o cheiro de urina invadiu suas narinas a deixando extremamente enjoada.

Apoiou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos tentando espantar, além da náusea, todos os fatos que tinham acontecido àquela noite com ela e com Dante. Os braços ainda ardiam um pouco, mas a dor maior não era física, mas

emocional.

Angel sentia-se extremamente infeliz por não ter conseguido ajudar Dante a voltar à realidade. Ela não estava com raiva dele, muito pelo contrário, o que mais desejava naquele momento era tê-lo em seus braços, acalenta-lo e libertá-lo de todos os pensamentos negativos que permeavam sua cabeça, mas ela sabia que, naquele momento, precisava pensar um pouco em si e se afastar de Dante. Vê-lo daquele jeito a assustou e, por mais que isso significasse que tinha fracassado com ele, precisava de um tempo para pensar em tudo o que sentia por Dante e até onde ela estaria disposta a ir para ficar ao seu lado.

O ônibus começou a se movimentar intensificando o enjoo de Angel. Ela colocou a mão na boca e fechou os olhos. Aos poucos foi relaxando e ela deixou que os pensamentos a carregassem para longe. Então começou a chorar de forma silenciosa.

Quando já estavam saindo da cidade Angel finalmente abriu os olhos e começou a olhar pela

janela. Uma chuva fina caía naquela noite, o céu estava cheio de nuvens e o clima tinha começado a esfriar. De repente ouviu um barulho ensurdecedor. Parecia que algo havia acabado de explodir. Imediatamente Angel sentiu como se o ônibus estivesse se inclinado bruscamente para direita. Seu corpo inclinou-se para frente e ela só não caiu do banco por causa do cinto de segurança. Um barulho de metal arrastando no solo podia ser ouvido, então os gritos começaram e Angel sentiu o momento em que o coletivo deixou de tocar a pista e passou para um terreno instável fazendo todos lá dentro pularem em seus assentos.

Angel tinha a sensação de que todos os órgãos dentro dela estavam batendo de maneira violenta dentro de si.

O ônibus agora estava inclinado para frente, em uma descida descontrolada rumo ao desconhecido. Até que um baque surdo colocou um fim nos movimentos do coletivo. A cabeça de Angel bateu no assento à sua frente e o mundo dela ficou completamente escuro.

Angel acordou com os gritos e gemidos das pessoas que estavam dentro do ônibus, ela tentou olhar em volta, mas a vista ainda estava embaçada. Sua cabeça doía e sentia um líquido viscoso escorrer pelo rosto, era sangue. Tentou se mexer, mas estava presa ao cinto de segurança. Aos poucos tudo à sua frente voltou a entrar em foco e ela enxergou o que estava acontecendo.

Percebeu que estava com o corpo inclinado, e sentiu as pernas molhadas. Metade do ônibus estava mergulhado dentro de um rio, ou lago. Não sabia dizer. As luzes de dentro do coletivo piscavam e o que ela testemunhou foi uma cena de horror.

Corpos se amontoavam e algumas pessoas gritavam pedindo socorro. Os sobreviventes lutavam para tentar sair do ônibus, tentando fazer uma escalada usando os próprios passageiros como apoio, outras tentavam se livrar das ferragens que entravam em suas entranhas, uivando de dor a cada movimento e, infelizmente, algumas dessas pessoas não se moviam, haviam sucumbido àquele terrível

acidente.

Metade do veículo estava imerso em uma água escura e gelada e ela se deu conta de que não havia morrido por pura sorte. O assento que ela havia sentado era um dos poucos que estavam fora d'água. Ela olhou ao redor em busca de alguma saída e percebeu que a janela que ficava ao lado da poltrona à sua frente estava quebrada. Algumas pessoas já haviam conseguido pular pelo buraco que restou, em direção à água do lago. Outras, infelizmente, haviam se afogado.

Com dificuldade, soltou o cinto de segurança e foi se arrastando até a janela. Conseguiu sair, mas arranhou os braços já machucados nos pedaços de vidro que ainda restavam da janela quebrada. A adrenalina estava tão forte que não sentiu dor. Queria apenas deixar àquele ônibus que cheirava a desespero e morte.

Quando passou a segunda perna pela janela, perdeu o equilíbrio e caiu na água gelada. Ela olhou para os lados a procura de auxílio, o pânico começava a se instalar, o frio invadia todo seu

corpo e ela começou a tremer violentamente. Estava começando a ter dificuldade de manter a cabeça fora d'água e acabou bebendo alguns goles daquela água suja, o que a fez tossir.

Pensou em seus pais, em seus amigos e em Dante. Aquilo não podia terminar daquele jeito. Não depois de tudo o que havia acontecido. Precisava vê-lo de novo, tocá-lo, beijá-lo. Ela não poderia morrer ali. Não iria morrer ali. Começou a ensaiar algumas braçadas e afastou-se um pouco dos destroços. Até que viu algumas pessoas acenando para ela, com movimentos para que ela nadasse até a margem, que não estava longe. Eram outros sobreviventes.

Isso lhe deu um ânimo e Angel procurou se acalmar e então começou a dar braçadas na água gelada até que finalmente alcançou à margem do lago, onde foi resgatada por algumas pessoas. Seu corpo tremia de frio, a cabeça doía, mas ela estava aliviada de ter saído de dentro daquele monte de ferro retorcido.

Com pouco tempo começaram a ouvir de

longe sons de sirenes e então, ela começou a chorar. Um choro convulsivo e contínuo. Estava viva. Ferida, mas viva.

Após o resgate, chegaram ao Pronto Atendimento e ela, juntamente com as pessoas que haviam sido socorridas na margem do lago, foram atendidas de forma imediata. Vestiram em Angel e nos outros sobreviventes, roupas verdes da própria emergência, eles estavam encharcados quando haviam chegado ao hospital.

— Estou bem, só estou com minha cabeça doendo — dizia enquanto a deitavam em uma cama e colocavam vários fios em seu tórax e seu braço e um pequeno aparelho, que parecia mais um pregador, que puseram em seu dedo.

— Precisamos verificar todos seus sinais vitais senhora. O médico já vem dar uma olhadinha em você. Enquanto isso tente ficar deitada e procure descansar — dizia uma enfermeira enquanto apertava em vários botões de um monitor que ficava acima da cama e anotava algumas coisas em sua prancheta.

— Estou nauseada, engoli muita água do lago.

— Vou colocar um acesso no seu braço para que possamos dar medicação direto na sua veia. Quando o médico chegar ele vai dizer o que você deve tomar. Logo você vai se sentir melhor.

A enfermeira então apertou um pedaço de elástico azul no braço de Angel fazendo suas veias saltarem. De forma rápida e profissional furou seu braço, e logo instalou um soro fisiológico. Então começou a lavar os ferimentos nos braços de Angel e os enrolou com gaze e atadura.

— Você está menstruada querida? — Angel espantou-se com a pergunta.

— Não. — disse ela envergonhada. — Eu tomo pílula anticoncepcional.

— Pois você está sangrando. — e apontou para uma mancha de sangue na calça que Angel usava. — Precisamos descobrir de onde vem esse sangramento. Vou chamar o médico novamente querida.

Deixou Angel sozinha que se sentou e
NACIONAIS - ACHERON

curvou-se para olhar àquela mancha vermelha, bem no meio de suas pernas. Pouco tempo depois a enfermeira voltou na companhia de um dos médicos do plantão.

— Vamos. — disse. — Venha até uma salinha mais reservada. Lá o médico poderá lhe avaliar melhor.

Após um exame criterioso e completo, o médico pegou uma prancheta com vários papeis e começou a fazer algumas anotações.

— Aparentemente você está bem Srta. Mendes, mas precisamos fazer um ultrassom para descartar uma gravidez. Você me disse que usa anticoncepcional, não é?

— Gravidez? Impossível. Sim, eu uso. Tem certeza de que não é por causa do acidente? — Angel olhava para o médico sem acreditar no que estava ouvindo.

— Seu sangramento é vaginal senhorita e pelo exame físico não há indícios de que esteja com alguma hemorragia interna. Seus sinais vitais estão normais, a senhora não se queixa de dor, a não ser

na cabeça devido a pancada que levou. Seu abdômen também está flácido, outro indicativo de ausência de sangramento. Além disso, precisamos fazer uma tomografia na sua cabeça, mas só será possível se você não estiver gestante. Um exame de sangue tiraria a dúvida, mas levaria mais tempo.

Angel não conseguia acompanhar o que o médico falava. Grávida? Impossível. Ela sempre havia tomado pílulas anticoncepcionais. Sua cabeça agora latejava e a náusea havia aumentado.

Tentou buscar na memória se havia pulado alguma dose, mas não lembrou. Era muita informação ao mesmo tempo e àquela dor não estava ajudando-a a pensar, a náusea estava insuportável. Angel virou o rosto e não conseguiu mais se segurar. Vomitou no chão, ao lado da cama. O médico voltou a escrever algo em sua prancheta e entregou para enfermeira, então saiu da sala.

— Ele acabou de prescrever um medicamento para dor e para náuseas querida. E não se preocupe com isso aí — disse apontando

para a sujeira que ela havia feito. — Depois limpamos.

Pouco tempo depois das medicações serem injetadas em sua corrente sanguínea ela começou a melhorar. O médico então voltou até o leito onde Angel estava, e dessa vez, carregava consigo uma máquina de ultrassom portátil.

O médico pediu para que Angel tirasse a calça e a enfermeira colocou um lençol em cima de suas pernas para lhe dar um pouco de privacidade. Ele então lubrificou o aparelho, que estava protegido por um preservativo, abriu as pernas de Angel e colocou dentro dela, causando um incômodo passageiro. Pouco tempo depois ele virou o monitor para Angel e apontou para um pequeno ponto que estava na tela.

— Está vendo isso? É seu filho, ou filha. Agora vamos ver como esse mocinho ou esta mocinha está. E de repente Angel começou a ouvir um pequeno coraçãozinho que batia de forma acelerada, mas firme e forte.

— Isso aí é.... — Angel disse com os olhos

cheios de água.

— Seu filho. Pelo que posso ver aqui, a senhorita está com aproximadamente 12 semanas, o que quer dizer mais ou menos três meses. Apesar do sangramento o coração do bebê está forte e ele está bem.

O médico então retirou o aparelho de dentro de Angel. Ela se contraiu um pouco e fez uma careta.

— Mas agora você precisa ter certos cuidados. Infelizmente a senhorita não poderá fazer a tomografia e aqui não temos máquina de ressonância magnética, por isso iremos deixá-la em observação por algumas horas para nos certificarmos que não há nenhum sangramento devido a essa pancada na cabeça que você levou. E vamos observar também esse sangramento vaginal. Quer que entremos em contato com alguém?

— Eu... — Angel estava desnorteada. — Preciso de um tempo pra refletir sobre tudo isso. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Sem problemas — o médico disse. —

Daqui a poucos vamos coletar alguns exames de sangue. Você deve ficar bem. — E ele se retirou levando consigo o aparelho de ultrassom.

— Aqui estão roupas limpas e um absorvente que consegui para você, minha querida — a enfermeira simpática estendeu as roupas para Angel.

— Obrigada. — Angel sentou-se e começou a se vestir. Ficou de pé e de repente colocou as mãos na barriga.

“Grávida”.

Aquela palavra ressoava em sua cabeça. Como ela podia estar esperando um filho. Um meio sorriso se formou em seu rosto.

“Estou esperando um filho de Dante”.

Decidiu sair daquela salinha pequena e desconfortável em que se encontrava. Abriu a porta e arrastando o suporte de soro e olhou ao redor. A emergência estava cheia. Algumas macas estavam nos corredores onde pacientes aguardavam atendimento. Reconheceu algumas das pessoas que

a ajudaram a sair do lago.

Foi quando reparou em um homem sentado em uma cadeira, do outro lado da emergência. Ele estava com as mãos entrelaçadas e apoiadas no queixo, as pernas pareciam nervosas e inquietas. Apertou os olhos, pois achava que o conhecia de algum lugar.

Empurrou o suporte de soro e aproximou-se do rapaz. Quando estava a poucos passos dele um sorriso se formou em seu rosto.

— Benjamin?

E Ben levantou a cabeça e simplesmente não acreditou no que estava vendo.

CAPITULO 27



*“Estranho seria se eu
não me apaixonasse por você.
Não vejo a hora de te reencontrar
continuar aquela conversa
que não terminamos
ontem ficou pra hoje”
Nando Reis*

— Mas... Como é possível — Benjamin não acreditava na sua visão.

Piscou os olhos várias vezes até se dar conta de que realmente era Angel que estava na sua frente.

— Angel! Eu não acredito! Tive tanto medo — e ele levantou da cadeira e deu um abraço forte na amiga.

Quando ela percebeu Ben estava chorando.

— É você mesmo? Está tudo bem? Você se machucou?

Benjamin olhava para Angel dos pés à cabeça tentando achar alguma coisa de errado. Ela estava com uma roupa de hospital verde, os braços enrolados em ataduras e um machucado na testa, os cabelos estavam molhados. Angel estava pálida, mas aparentemente, não parecia ter acontecido nada de grave com ela.

— Está tudo bem comigo sim. Só preciso fazer alguns exames e ficar em observação porque bati a cabeça — e ela apontou para o machucado. — Na verdade, estou fugindo um pouco da sala onde eu estava. Mas como você sabia que eu estava aqui?

Benjamin então se deu conta de que Angel não sabia do que estava acontecendo com Dante.

— Na verdade... — ele procurava a melhor forma de dizer o que tinha acontecido — Eu vim trazer outra pessoa. É o Dante Angel.

— O Dante? Como assim o Dante. O que
NACIONAIS - ACHERON

aconteceu com ele?

— Ele tentou se matar.

— Como é??? — As pernas de Angel fraquejaram e ela precisou ser amparada por Benjamin. — E cadê ele? Pra onde o levaram?

— Ele está dentro daquela sala — disse Ben apontando para uma porta onde havia escrito “*Sala de estabilização*”. — Não deixaram eu entrar.

— Isso não pode estar acontecendo. Como Ben? Como ele tentou fazer isso? Porque ele tentou fazer isso?

— Ele estava fora de controle. Ele viu a notícia do seu acidente, e pensou, aliás, nós pensamos que você estivesse morta. Quando o deixei sozinho para

— Você deixou ele sozinho?

— Deixei — e Ben abaixou a cabeça envergonhado. — Fui procurar notícias suas e quando voltei ele tinha tomado os dois frascos das medicações que ele faz uso. Tomou tudo. O encontrei semiconsciente no quarto e o trouxe pra cá. Chegamos há mais ou menos 10 minutos.

NACIONAIS - ACHERON

Então, Angel e Benjamin ouviram gritos vindo da sala de estabilização. Reconheceram a voz de Dante. Uma porta se abriu e uma enfermeira saiu da sala de forma apressada. Voltou acompanhada de dois maqueiros do hospital e quando viu Benjamin olhando de forma assustada apontou para ele e o chamou.

— Você. Entra e vem ajudar. Seu amigo acordou e está dando trabalho.

Ao entrar na sala Benjamin encontrou seis pessoas tentando segurar um Dante que estava completamente agitado e fora de si. Duas pessoas estavam segurando suas pernas, que faziam força para tentar chutar quem estivesse ao seu alcance, uma outra funcionária tentava esticar o braço dele para que uma quarta pessoa conseguisse puncionar sua veia para que fosse feita alguma medicação para acalmá-lo. O médico praticamente se dobrava em cima do tórax de Dante enquanto a enfermeira segurava o outro braço dele.

— Vem aqui e segura esse braço. Precisamos passar uma sonda no nariz dele até o

estômago para fazer uma lavagem. Ele estava quietinho, mas assim que comecei a colocar a sonda ele despertou e ficou muito agressivo.

Benjamin aproximou-se de Dante e então segurou seu braço.

— Fica calmo cara! Essas pessoas só querem te ajudar — ele disse de forma preocupada.

Dante resmungava e balbuciava palavras desconexas e indecifráveis.

— Ele não vai deixar passar essa sonda doutor. E está difícil pegar um acesso nele. Enquanto ele estiver agitado desse jeito, ele não vai deixar — ela tentava colocar um cano de plástico dentro do nariz de Dante, mas ele balançava a cabeça de um lado para o outro.

— NÃO — era tudo o que os médicos e enfermeiros conseguiam decifrar dentre todas as palavras que Dante falava.

— Faz uma ampola de *Haldol* e uma de *Fenergan*, intramuscular. Vamos ver se assim ele se acalma — o médico que estava à frente do atendimento disse.

Um dos técnicos de enfermagem soltou as pernas de Dante foi até um carrinho de metal que ficava na sala, abriu uma gaveta e tirou de lá duas ampolas de medicação. Misturou as duas em uma seringa e após cortar a calça de Dante com uma tesoura, aplicou a agulha em sua coxa direita, injetando toda medicação em seu músculo. Ele gritou e protestou tentando chutar quem estava segurando suas pernas.

Após alguns minutos, que pareceram horas, ele parou. Os movimentos foram ficando mais lentos e a enfermeira conseguiu finalmente puncionar um acesso periférico na veia dele e a outra passou a sonda em seu nariz.

Ele ainda tentou puxar o dispositivo após a passagem, mas as mãos dele foram amarradas e a enfermeira finalmente começou a fazer a lavagem gástrica a fim de retirar toda medicação que estava em seu estômago. Finalizou o procedimento colocando um líquido preto pela sonda.

— O que é isso dessa cor? — Benjamin perguntou.

— Carvão ativado. — respondeu o médico.
— Vai neutralizar qualquer resto de medicamento que, por ventura, tenha ficado no estômago do seu amigo.

— E agora? — Benjamin perguntava enquanto olhava para Dante naquele estado.

Ele estava com os braços e pernas amarrados, com vários fios ligados em seu tórax, e com aquele cano de plástico, relativamente grosso, saindo por uma de suas narinas.

— Por quanto tempo ele vai ter que ficar com aquilo?

— Ele tem família? Precisamos de alguém que seja responsável por seu amigo enquanto ele estiver aqui no hospital. De preferência algum familiar.

— Claro, eu vou entrar em contato com o pai dele, mas, doutor, você pode me adiantar algo?

— Seu amigo provavelmente deve ter tomado uma grande quantidade de medicamentos, conseguimos retirar uma grande parte desses comprimidos durante a lavagem, e o restante

estamos tentando neutralizar com o carvão ativado. Agora não temos como saber o quanto o organismo dele já havia absorvido até a sua chegada. Pela agitação que ele teve, acredito que não tenha sido muito, mas precisamos agora fazer exames de sangue para saber como estão funcionando os órgãos dele, e também deixá-lo em observação. Ele é acompanhado por algum profissional?

Benjamin acenou que sim.

— Então entre em contato com ele. Acredito que ele vai sair daqui da emergência direto para uma internação em leito psiquiátrico. Se tentou uma vez, pode tentar de novo. Agora preciso ir atender outros pacientes, hoje estamos sobrecarregados.

Enquanto observava o médico sair da sala, Benjamin aproximou-se de Dante.

— Posso trazer a namorada dele para vê-lo?

— Perguntou à enfermeira que trocava o soro de hidratação que corria nas veias de Dante.

— Pode. Ele está estável agora, vai dormir por um tempo por causa das medicações que demos

e também pelo que ele tomou, mas logo ele acorda.

Benjamin assentiu e saiu da sala à procura de Angel. A encontrou sentada no banco em que ele estava momentos atrás, com os olhos fechados e em um choro silencioso. Ela parecia rezar.

— Angel? — Benjamin a chamou de forma suave. — Venha. Você já pode vê-lo. Ele está dormindo, mas a enfermeira disse que provavelmente vai ficar tudo bem.

Ela levantou sem dizer uma palavra, enxugou as lágrimas com o dorso das mãos e caminhou em direção à sala de estabilização. Benjamin a auxiliou empurrando o suporte do soro.

Quando visualizou Dante as lágrimas não puderam mais ser contidas e escorreram de forma livre por seu rosto.

— Posso pegar nele? — Perguntou à enfermeira. O medo de machucá-lo era enorme. Ele parecia tão frágil ligado a tantos aparelhos. O *bip bip* do monitor deixava o ambiente tenebroso e mórbido.

— Pode sim, minha querida. Fale com ele.

Talvez ele consiga escutá-la. Vou deixá-los um pouco e caso precise de algo estarei lá fora.

A enfermeira saiu da sala e Benjamin a acompanhou. Dante e Angel precisavam daquele momento juntos. Mesmo que ele não conseguisse ouvi-la ou senti-la. Angel segurou a mão de Dante e apertou-a levemente. Com a mão livre começou a acariciar seus cabelos. O choro recomeçou. Ela aproximou o rosto da testa dele e deu um beijo em sua fronte, molhando-o com suas lágrimas.

— Não me deixa sozinha meu amor — sussurrou em seus ouvidos. — Eu preciso de você mais do que nunca agora. Preciso do seu sorriso, do seu abraço, dos seus beijos. Volta pra mim. Eu preciso de você! Nosso bebê precisa de você.

E Angel inclinou-se em direção a ele, pousou a cabeça em seu peito e deixou que as lágrimas escoassem e levassem consigo toda dor que estava sentindo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPÍTULO 28



*“Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras
e faz doces. Recomeça”
Cora Coralina*

Benjamin entrou na sala após alguns minutos e levou Angel para descansar. Ela não queria deixar Dante sozinho, mas sentia-se extremamente cansada, tanto física quanto mentalmente.

A enfermeira que tinha realizado o primeiro atendimento de Angel conseguiu um leito onde ela poderia deitar para recuperar as forças. No momento em que deitou, Angel dormiu um sono pesado, cansado e sem sonhos.

Benjamin sentou em uma cadeira ao seu

lado e resolveu ligar para o pai de Dante, para avisá-lo do ocorrido. Apesar do horário, o senhor Iuri atendeu o celular e Ben contou tudo o que havia ocorrido. Ele prometeu que chegaria ao hospital o mais rápido possível. Em seguida ligou para Filomena e disse que havia encontrado Angel e que ela estava bem.

Levantou e resolveu checar como Dante estava. Chegando na Sala de Estabilização não encontrou mais o amigo, apenas alguns funcionários da limpeza que estavam organizando a sala, que ficaria à espera do próximo paciente.

— Você sabe para onde levaram o paciente que estava nessa sala até pouco tempo atrás? — Ben perguntou para o funcionário da limpeza, mas ele balançou a cabeça negativamente.

Saiu e começou a procurar por Dante. Ele não poderia ter simplesmente evaporado. Respirou aliviado quando encontrou a enfermeira que o havia atendido e ela o levou até o leito para onde tinham transferido seu amigo.

Quando abriu a cortina Dante permanecia

dormindo tranquilamente, as mãos e os pés ainda estavam amarrados.

— Ele já está calmo. Isso aí é realmente necessário? — Disse ele apontando para as amarras.

— Sim, meu querido. Não sabemos como ele vai estar quando acordar. — Benjamin então puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do amigo. Os olhos estavam começando a pesar. O cansaço físico finalmente havia atingido seu limite. Ele apoiou a cabeça na cama do amigo e dormiu.

Acordou com os movimentos de Dante no leito. O dia já havia amanhecido. Benjamin estava com uma dor no pescoço, resultado da posição desconfortável em que havia ficado nas últimas horas.

— Ei — ele disse levantando da cadeira e encarando Dante. — Como você está? Que susto que você me deu cara.

— O que houve Benjamin? Onde é que eu tô? Me solta por favor — ele mexia os braços tentando se livrar das amarras.

— Tenta ficar calmo. Você está no hospital. Lembra de ter tomado todas aquelas pílulas?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Vou chamar o médico. — Benjamin se afastou do leito.

— NÃO — gritou Dante. — Fica! Me desamarra, por favor. Tá doendo.

— Acho melhor não. Deixa eu chamar o médico. Você tá bem? Tá sentindo algo?

— Me desamarra. Prometo que fico quieto. Só me desamarra.

Benjamin não resistiu ao pedido do amigo e afrouxou a bandagem que prendia uma das mãos de Dante à grade da cama. Imediatamente ele segurou a sonda que estava em seu nariz e a puxou com força. O ato de retirar o dispositivo fez com que ele tivesse um ataque de tosse e seus olhos começaram a lacrimejar.

— Porra cara!! Pra que cê fez isso? — Foi a única coisa que Benjamin conseguiu dizer.

Dante começou a tentar desamarrar a outra

mão que estava presa, mas sua coordenação motora ainda não estava completamente restaurada. Ele precisava sair daquele hospital para terminar o que havia começado. Angel estava morta. E para ele, não havia mais razão nenhuma para continuar vivo.

— Dante para com isso! — Benjamin temia encostar no amigo com medo de que ele tivesse um acesso de raiva ou começasse a ficar agitado. — Para com isso cara!

E ele não ouvia.

— Ela tá aqui! — Disse Benjamin.

Dante continuou ignorando o amigo e permaneceu na tentativa de desatar os nós que o prendiam à cama.

— Angel tá aqui!

Escutar o nome de Angel fez Dante parar. Por alguns segundos ele ficou como se estivesse sido congelado. Sentado na cama, com uma das mãos livres tentando soltar a outra mão que estava presa na atadura que o prendia ao leito.

A enfermeira que estava assumindo o plantão apareceu de repente no leito onde Dante

NACIONAIS - ACHERON

estava e presenciou a cena que estava acontecendo. Olhou para o paciente sentado na cama e percebeu a sonda arrancada no chão, ao lado do leito.

— O senhor soltou a mão dele? — Perguntou severamente para Benjamin.

— Ele prometeu que não ia fazer nada. — Ben estava envergonhado.

— Ele é um paciente psiquiátrico — a enfermeira não se importou se Dante ouvia ou não tudo o que ela dizia — Uma tentativa de suicídio. — Ela frisou. — E você ainda acredita no que ele fala?

Dante olhou da enfermeira para Benjamin e depois de volta a enfermeira.

— Vou chamar o médico para saber se preciso repassar essa sonda — e saiu irritada.

— Olha só o que você fez Dante.

— Me deixa Benjamin. Não sei porque você não me deixou em paz no meu quarto. Se tivesse deixado não estaria tristonho uma hora dessas porque a enfermeira malvada brigou com você.

— Não vou brigar com você. Não aqui e não agora. — Ben começou a massagear a testa com a ponta dos dedos. — Me escuta pelo amor de Deus! A Angel tá aqui! Entendeu? Ela tá viva! E tá aqui!

Benjamin tentava fazê-lo entender que Angel estava sã e salva. Mas estava difícil. Mas Dante finalmente o escutou e Benjamin contou a ele tudo o que havia acontecido desde o momento em que havia cruzado com Angel no hospital.

— Onde ela está?

— Eu a trago aqui se você me prometer que vai cooperar com os médicos. Eles ainda precisam checar seus exames. Saber se essas medicações todas que você tomou não fizeram algum mal.

— Onde ela está Benjamin? — ele estava impaciente.

—Dante, PARA. Eu só vou trazer ela aqui se você prometer que vai cooperar. Eu já disse. Não adianta querer discutir comigo.

A conversa dos dois foi interrompida com a chegada da enfermeira e do médico. E Dante
NACIONAIS - ACHERON

resolveu seguir os conselhos do amigo e começou a cooperar com a equipe. Respondeu a várias perguntas, deixou-se ser avaliado e por final, foi-lhe permitido ficar sem a sonda e sem as amarras que tanto o incomodavam.

— Seu amigo já passou o contato do seu psiquiatra e já falamos com ele. Em breve ele chega aqui para avaliá-lo. — Disse o médico. — E seu pai está lá fora para vê-lo.

— Meu pai não. — Disse Dante. — Se ele entrar aqui eu paro de ajudar e vocês vão ter que me dar um tiro na cabeça se quiserem que eu fique quieto.

— Dante, deixa ele te ver — Ben interrompeu.

— NÃO. Eu já disse. Ele nem se deu ao trabalho de ir para exposição. E não adianta falar nada, porque eu sei que ele não foi. Se tivesse ido não teria deixado eu fazer as merdas que eu fiz lá. Então, sim, eu sei que ele não foi.

— Como você quiser — e Benjamin saiu ao encontro do pai de Dante para dar as notícias de
NACIONAIS - ACHERON

que o filho não queria lhe ver.

— Vamos continuar então meu jovem — o médico estava com um exame de laboratório nas mãos. — Seu exame não mostrou alteração nenhuma. Isso é uma ótima notícia. Isso significa que você está de alta da emergência daqui do hospital, mas precisará esperar seu psiquiatra para decidir o que ele irá fazer daqui em diante.

Dante ficou deitado no leito à espera do Dr. Adler. Ele sabia o que viria em seguida. Mas isso não importava muito. A notícia de que Angel estava viva havia tirado um peso enorme de suas costas. A única coisa que ele queria fazer agora era encontrá-la e pedir perdão por tudo o que ele havia feito. Iria recomeçar do zero. E dessa vez, faria Angel sentir orgulho do homem pelo qual ela havia se apaixonado.

— Onde ela está? — disse Dante quando Benjamin retornou.

Benjamin parecia desconcertado e ao mesmo tempo tenso e com medo de falar.

— Onde ela está Benjamin?

— Acabei de falar com a Filomena. Ela me ligou dizendo que Angel está indo para casa dos pais, em Doce Esperança. Eles vieram logo cedo ao hospital e a levaram. Por favor, não fica nervoso Dante.

Mas indo contra todas as probabilidades, Dante não ficou nervoso, não gritou, esperneou e nem se comportou como um garoto de cinco anos de idade. Ele sorriu.

— Porque está sorrindo? — Benjamin estava incrédulo.

— Adler vai chegar e vai querer me internar, eu tenho certeza. E essa vai ser minha chance.

— Chance de que? — A curiosidade de Benjamin aumentava cada vez mais.

— De mostrar pra Angel que eu posso dar a volta por cima. Eu quase a perdi uma vez. E por Deus Benjamin, eu não vou deixar isso acontecer de novo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPÍTULO 29



*“Novas folhas, novas flores,
na infinita benção do recomeço”
Chico Xavier*

Um mês já havia passado desde que Dante havia se internado no Hospital Psiquiátrico da cidade para estabilização de seu quadro de humor. Ele estava aceitando bem o novo tratamento que Dr. Adler havia implementado.

As medicações haviam sido todas alteradas e os efeitos adversos que Dante estava apresentando eram quase inexistentes. As sessões de terapia com Dr. Gabriel Marinho estavam indo de vento em popa, e até mesmo o relacionamento com seu pai, havia melhorado.

Em algumas ocasiões Dante e seu pai faziam sessões conjuntas de terapia. Benjamin
NACIONAIS - ACHERON

também estava constantemente presente, seja nas visitas hospitalares, ou até mesmo participando de alguns encontros entre as famílias e os pacientes internos.

— Conte-nos como você está hoje — perguntou Dr. Marinho à Dante.

Dante e mais outros quatro pacientes estava em uma sessão de terapia em grupo. Seis cadeiras formavam um círculo e o objetivo era que cada um desabafasse seus sentimentos e pensamentos.

— Hoje acordei me sentindo bem, mas tive alguns altos e baixos no decorrer do dia. Mas nada exagerado — ele balançava as pernas de forma rítmica.

Apesar de estar fazendo uso das medicações corretamente, ainda estava se adequando ao novo tratamento, seu nervosismo ainda era visível.

— Algumas vezes eu fico me perguntando o motivo disso tudo acontecer, vocês sabem o que quero dizer? A maioria dos médicos dizem que é necessário um gatilho, um acontecimento para a doença se revelar. Perdi minha mãe há quase 9

anos, esse foi meu gatilho. Se caso ela estivesse viva, será que seria normal? — Dante deu uma risada desconcertada. — Vocês sabiam que eu já senti raiva dela por ter morrido? Que louco não? — Então ele voltou a ficar sério. — Isso faz de mim uma pessoa má? Ter raiva da mãe morta?

— Você acha que isso faz de você uma pessoa má? — Dr. Marinho gostava de fazer seus pacientes responderem seus próprios questionamentos.

— Acho que só me faz uma pessoa normal. Bizarro não? Sei lá — ele deu de ombros. — Todo mundo já teve algum pensamento do qual se arrependeu. E mesmo se ela não tivesse morrido, talvez essa merda toda ainda tivesse acontecido na minha vida. Acho que é algo de que eu não conseguiria escapar. Sinto que cada dia eu luto com um monstro diferente dentro de mim, e pra me manter sob controle preciso vencer essa briga diariamente. É desgastante.

Fazer terapia ajudava e Dante sabia disso. Antes ele tinha dificuldade de expor seus

sentimentos e seus pensamentos às pessoas. Falar na mãe era algo inimaginável e ele se surpreendeu consigo mesmo ao conseguir falar sobre a morte dela de forma tão natural e sem surtar ou perder o controle.

A internação estava sendo fundamental para sua recuperação. O único motivo pelo qual ele não via a hora de deixar àquele hospital era a saudade que estava sentindo de Angel. A última vez que eles haviam estado juntos, tinha sido naquela noite do acidente e de sua tentativa de suicídio. O modo como a tratou ainda o deixava incomodado. Não tinha tido a oportunidade de pedir perdão.

Em algumas ocasiões, ele soube, por meio de Benjamin, que Angel havia tentado visitá-lo, mas o medo que tinha de surtar novamente e acabar machucando-a de novo impedia Dante de deixar que Angel se aproximasse.

Entretanto, após um mês de internação sentia-se pronto para vê-la, matar a saudade, abraçá-la, beijá-la e senti-la em seus braços. Esperava que em breve, pudesse ser liberado e ir

para casa.

Após mais duas semanas, finalmente, o tão esperado dia da alta de Dante chegou. Benjamin foi buscá-lo no hospital e antes mesmo de passar em casa, ele pediu para que Ben parasse na cafeteria que ficava próximo à casa deles. Desceu rapidamente e deixou Benjamin esperando dentro do carro. Voltou poucos minutos depois com um copo nas mãos.

— O que é isso?

— Não é nada — e sorriu. — Agora vamos na Angel. Você avisou que eu sairia hoje? Avisou que eu passaria lá? Ela disse algo? Parecia feliz? Triste? — Dante exalava ansiedade.

— Avisei, avisei, disse e ela não parecia triste, pelo contrário, ficou vibrante. Agora — Ben ficou sério e encarou Dante. — Não tô gostando nada desse nervosismo. Você tem certeza de que está bem?

— Pode ficar tranquilo papai. Eu estou bem. É sério. É uma agitação saudável, não relacionada com minha bipolaridade. Quero apenas tê-la em

meus braços. Só isso.

Benjamin respirou aliviado. Ele também estava nervoso. Já sabia da gravidez de Angel, e, assim como ela, não tinha a mínima ideia de como Dante reagiria quando soubesse da novidade.

A barriga dela já estava bem visível. Então não haveria tempo para explicar. Dante perceberia assim que a visse.

Chegaram na casa de Angel e mal Benjamin parou o carro, Dante desceu e foi em direção à porta da casa de sua amada. Tocou a campainha e esperou pacientemente.

Quando a porta abriu, ele deu aquele sorriso radiante que Angel tanto conhecia.

— Afim de tomar um chá gelado boneca?
— Disse ele entregando um copo para Angel. — Mas dessa vez você tenta não.... — Dante parou e ficou olhando para Angel. Seus olhos foram em direção àquela saliência aparente em seu abdômen.

Ela usava uma calça legging e uma camiseta um pouco folgada, mas ele conseguiu perceber um aumento em sua região abdominal.

— Angel

— Não era para você notar assim de cara, mas... — ela ficou na ponta dos pés e deu um selinho em sua boca — surpresa!

O mundo de Dante começou a rodar e de repente parecia fazer um novo sentido. Seu tratamento estava funcionando, seu humor estava controlado, ele não sentia aquela necessidade quase doentia de parar de se medicar, Angel ainda o amava, afinal, ela havia esperado por ele, e agora.... Uma alegria imediata e repentina tomou conta de si.

— Grávida? — E ele sorria de forma boba.

Um filho. Dante se deu conta de que iria ser pai. Tirou o copo de chá das mãos de Angel e o jogou no chão. A pegou pelo colo e a carregou para dentro de casa. Angel começou a dar gritinhos e a gargalhar. Foi então que ele notou uma pequena plateia assistindo àquela cena.

Heitor e Eleonor Mendes, além de Filomena, estavam na sala de estar, olhando para aquela cena inusitada. Ele então colocou Angel no chão e se

aproximou do trio.

— Sim. Eu sou apaixonado pela filha de vocês. E sou capaz de tudo para vê-la feliz — ele começou a falar. — Tenho Transtorno Bipolar e nada vai mudar isso, nem mesmo o amor que sinto por ela pode curar o meu problema. Mas posso aprender a me controlar, por meio do tratamento. E eu sei que posso mudar minhas atitudes. Nesses últimos meses eu não tenho feito nada para me ajudar. Mas agora vai ser diferente. Estou saindo de uma internação que me fez enxergar as coisas de uma nova forma. E eu prometo ao senhor... — Ele agora se dirigia diretamente para o pai de Angel. — Que depois de tudo o que aconteceu, eu sou uma nova pessoa, pelo menos estou tentando ser. E sinceramente, eu não preciso da aprovação do senhor para estar com Angel, mas eu ficaria extremamente feliz se eu a obtivesse.

E estendeu a mão para o pai de Angel. Uma tensão imediata instalou-se no local. Segundos, que pareceram horas, se passaram antes que o Sr. Mendes apertasse com firmeza a mão de seu genro.

Dante sorriu aliviado e o Sr. Mendes sorriu satisfeito.

— Bem-vindo à família Dante.

— Muito obrigado — Dante ainda estava apertando a mão do pai de Angel. — Ah vem aqui e me dá um abraço sogrinho. — E puxou a mão dele em direção ao seu corpo e lhe deu um abraço forte.

Todos riram satisfeitos, menos Filomena que olhava séria para todos. Heitor e Eleonor Mendes haviam se mudado para casa de Angel temporariamente desde o acidente, mas já estavam fazendo planos para voltar para Doce Esperança. Só precisavam se certificar que a filha ficaria bem após o retorno de Dante em sua vida.

Angel deixara bem claro para os pais que não havia desistido do namorado e que iria apoiá-lo nessa fase difícil pelo qual ele estava passando. Filomena já havia desistido de lutar contra o relacionamento dela com Dante, e não abria mais a boca para opinar sobre nada. Ela inclusive pensava em ir morar com uma outra amiga, em uma cidade

vizinha. A alegria de Angel e Dante a irritava.

Quando presenciou àquela cena entre Dante e seu pai, Angel ficou extremamente satisfeita e sentiu que finalmente, as coisas iriam entrar nos eixos e a vida seguiria seu curso normal, sem mais surpresas.

— Agora se vocês me dão licença — disse Angel pegando Dante pelas mãos. — Preciso falar a sós com meu namorado. Temos muito o que conversar.

Dante e Angel foram até o quarto. Quando fechou a porta atrás de si, ela agarrou Dante pelo pescoço e começou a beijá-lo incansavelmente.

— Calma pequena. Estou aqui. — Disse ele enquanto a afastava delicadamente. Quando olhou para Angel seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Ei... o que houve — e ele colocou uma das mãos no rosto dela.

— Eu tive tanto medo — Angel então começou a chorar. — Tive tanto medo de te perder. Quando te vi daquele jeito no hospital. Meu coração quase parou.

Ela aninhou-se no peito de Dante e começou um choro abafado.

— Xiii, já passou. — Dante começou a acariciar os cabelos de Angel. — Não vai mais acontecer. Me perdoa. Não consigo expressar o quanto eu me arrependo de tudo o que aconteceu. Eu achava que tinha te perdido. Me perdoa por fazer você passar por tudo aquilo. Me perdoa por ter te machucado. Durante esse tempo internado eu aprendi bastante sobre saber perdoar a si mesmo, mas eu preciso, antes de me perdoar, pedir que você me desculpe.

E levantou a cabeça de Angel com os dedos e a fez olhar para ele.

— Eu te amo Angel, e vou sempre estar aqui do seu lado, não importa o que aconteça. Aliás — e Dante ajoelhou-se e colocou as mãos na barriga de Angel. — Eu vou sempre estar aqui ao lado de vocês dois.

E deu um beijo na barriga dela. Angel passava as mãos nos cabelos de Dante enquanto ele a beijava.

— Você está mesmo feliz, meu amor? Quer dizer. Com essa gravidez?

— Feliz? — então Dante levantou e olhou Angel nos olhos. — Eu estou radiante. Agora não somo mais dois. Somos três. Se eu já tinha motivo para ficar com a cabeça no lugar, agora tenho dois. Você e nosso filho.

— Ou filha — ela disse.

— Quem sabe gêmeos — e Dante deu uma risada. — Mas, agora, preciso matar essa saudade que eu estava sentindo de você.

Ele foi se aproximando de Angel fazendo com que ela desse passos para trás até que ela encostou a parte de trás dos pés da cama.

Os dois caíram na cama e começaram a trocar beijos e carícias. Então, nada mais tinha importância. Não importava se os pais dela estavam lá embaixo, ou se alguém iria escutar os sons que, com certeza, iriam ser ouvidos lá do quarto. A única coisa que importava naquele momento era o amor que eles sentiam um pelo outro.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 30



*“Quero a certeza
dos loucos que brilham.
Pois, se o louco persistir
na sua loucura,
acabará sábio”
Raul Seixas*

A vida de Dante e Angel finalmente começou a entrar pelos trilhos. Ele seguia rigorosamente o seu tratamento e, mesmo após sua alta do hospital, frequentava religiosamente às sessões de terapia com Dr. Marinho e também com Dr. Adler.

Os pais de Angel haviam voltado para Doce Esperança e, menos de quatro meses depois da fatídica noite na galeria, Angel e Dante estavam morando juntos. Nem tudo era perfeito e, apesar de

NACIONAIS - ACHERON

tomar suas medicações de forma correta, seu organismo ainda estava se adequando às novas drogas e ele ainda tinha momentos de altos e baixos.

Quando estava feliz, Dante podia ser o cara mais surpreendente do mundo. Seu humor era único e ele conseguia arrancar gargalhadas de Angel mesmo quando ela estava mal-humorada por causa dos incômodos que a gravidez estava causando. Ela já estava com quase sete meses de gestação. Mas quando estava com o humor deprimido, algumas vezes ele se trancava no quarto e não queria ver ou falar com ninguém.

Angel se refugiava com Benjamin quando isso acontecia. Eram três pessoas morando na casa agora e ela e Benjamin agiam como dois irmãos. Eles aprenderam, juntos, a perceber os sinais que indicavam que Dante não estava bem, e a deixá-lo sozinho quando achavam que ele necessitava de espaço.

Mas à medida que a gravidez de Angel avançava ela se sentia cada vez menos paciente. E

apenas uma pessoa iria acabar pagando o preço.

— Estou provando do meu próprio veneno — disse um dia quando Angel estava soltando os cachorros em cima dele por causa de uma simples louça que ele não havia lavado. — Faz cinco minutos que estávamos bem e agora de repente você fecha a cara e fica reclamando de louça suja?

— Eu já te pedi quatro vezes pra lavar essa louça Dante. Não tá vendo a sujeira?

Ela levantou do sofá onde estava sentada e aproximou-se da cozinha, onde Dante fazia um lanche. Apontou para o acúmulo de pratos sujos com uma mão, enquanto acariciava a barriga, já enorme, com a outra.

— Eu preciso ficar te falando a mesma coisa várias vezes. Estou ficando cansada disso. Vai cair sua mão lavar a porcaria dos pratos?

— Você fala várias vezes porque quer. Eu sempre acabo lavando e minha mão nunca caiu. Posso pelo menos terminar de comer? Olha, eu sei que você tá assim por causa de seus hormônios então....

— Não vem colocar a culpa da SUA bagunça nos meus hormônios e na nossa filha!

— Mas eu não tô ... — e Dante desistiu de falar. — Quer saber? Vou limpar agora essa bagunça. — Jogou o restante do sanduíche que estava comendo no lixo, levantou com raiva e dirigiu-se à pia.

Dante pegou os pratos sujos, um saco de lixo e começou a jogar tudo dentro. Fez a mesma coisa com os copos e talheres.

— Mas o que você pensa que tá fazendo? Tá doido? — Angel estava irritada.

— Tô! Maluco, lelé da cuca e bipolar. Então vou limpar essa bagunça do meu jeito. Não era isso que você queria, ver tudo limpo? Então não reclama! Agora me dá licença que eu vou jogar isso aqui fora e vou comprar pratos novos. Sua cozinha já está limpa. Então não enche.

Saiu de casa com raiva e jogou com violência o saco na lixeira, ouvindo o barulho dos pratos quebrarem quando bateram no fundo da lata de lixo.

Na mesma hora se arrependeu de ter quebrado à louça. Ele havia conseguido o emprego no posto de gasolina de volta, mas o salário não era muito alto, e ele não podia se dar ao luxo de gastar dinheiro em coisas desnecessárias. Sua filha estava perto de nascer e ele precisava honrar com suas responsabilidades de pai.

Uma hora depois um Dante arrependido voltou para casa, com uma caixa contendo vários pratos em uma mão, e uma rosa na outra. Viu Angel sentada no sofá assistindo televisão. Deixou a caixa com os pratos no chão e timidamente foi aproximando-se de sua namorada.

— Me perdoa — ele disse presenteando-a com a rosa.

Ela aproximou-se dele e lhe deu um beijo.

— Odeio quando nós brigamos — Dante falou com a cara emburrada.

— Bem-vindo ao mundo dos relacionamentos. — Angel sorriu.

Dante colocou a mão na barriga de Angel e ficou fazendo carinho.

— Você acha que seremos bons pais? Que EU serei um bom pai? Me preocupo tanto que possa fazer algo que vá machucar nossa filha.

— Xiii. Não pensa assim. Você será um pai maravilhoso e a pequena Valentina vai ser apaixonada pelo papai dela.

Angel colocou uma das mãos no rosto de Dante acariciando-o.

— Meu amor, mudando de assunto, você entrou em contato com a galeria? Há meses que eles tentam falar com você.

Dante se esquivou e levantou em direção à caixa que tinha deixado no chão. Começou então a tirar os pratos de dentro e ajeitá-los nas prateleiras da cozinha.

— Dante. Porque você não liga pra eles?

— Vou ligar. Eles devem estar querendo que eu vá pegar os quadros de volta. Quer a verdade, pequena?

— Sempre.

— Eu não quero assumir que fracassei, e ter

os quadros de volta aqui em casa significa que falhei miseravelmente com a exposição, com minhas pinturas e com você — e seus olhos encheram de lágrimas.

Angel levantou-se com dificuldade devido ao tamanho de sua barriga e aproximou-se de Dante.

— Não fracassou. Não quero mais escutar você falando isso. Está ouvindo. A maior prova que você não fracassou está aqui — e apontou para a própria barriga. — Essa é a maior prova de que você é um sucesso. E em relação aos seus quadros. Eles refletem quem você é e eu ficaria orgulhosa de tê-los aqui em casa. E acho que você deveria voltar a pintar. Você é muito talentoso meu amor.

Dante pegou então o telefone e resolveu ligar para galeria de arte, desceu até o porão, pois queria ter aquela conversa sem nenhuma testemunha. Angel já o conhecia e respeitou o seu espaço.

Quando voltou para cima Angel estava preparando o jantar para os dois. Era sábado e

Benjamin iria passar a noite na casa da namorada.

— O que eles disseram? — Angel estava cortando alguns legumes. — Coloca água naquela panela que tá em cima do fogão por favor amor.

— Perguntei quando eu poderia ir pegar os quadros.

Dante levou à panela para torneira debaixo da pia e a encheu de água.

— Mas eles disseram que eu não poderia ter os quadros de volta.

— E porque não? Os quadros são seus. Eles não têm esse direito de....

— Todos foram vendidos — ele olhava para Angel com um sorriso no rosto.

— O QUE?

— Isso mesmo que você escutou. E posso te dizer que deu um dinheiro bom. — Ele continuava a sorrir. — Mas estou me sentindo uma prostituta, por me vender desse jeito.

— Aaah, não acredito — Angel deu um gritinho estridente e animado. — Você é a

prostituta mais linda que eu já vi em toda vida.

Ela largou o que estava fazendo, aproximou-se dele e lhe deu um beijo.

— Eles querem que eu prepare uma nova exposição. Para daqui há quatro, ou seis meses, ainda vão confirmar. Eu disse que iria pensar.

— Pensar? Mas pensar no que? Vai ser um sucesso meu amor.

— Não sei Angel. Fico lembrando da última vez. E também não sei o que pintar, tenho medo de que não fique bom.

— Meu amor.

Angel segurou Dante pelas mãos. Isso sempre o acalmava.

— Não vai acontecer igual a última vez porque agora as coisas mudaram e você está se cuidando. E seu trabalho é magnífico, não tem porque ter medo de que não vá ser bom. Eu confio em você. E mais uma coisa. Daqui há seis meses a Valentina já vai estar por aqui. Nossa filha iria adorar ir na exposição de arte do pai dela.

Dante deu um beijo rápido em Angel e saiu correndo da cozinha.

— Aonde você vai? — Ela perguntou curiosa.

— Pintar ué. Tenho uma exposição de arte para preparar — e desceu em direção ao seu ateliê.

CAPÍTULO 31



*“Se quiseres poder suportar a vida,
fica pronto para aceitar a morte”*

Sigmund Freud

Três semanas já haviam se passado e Dante já estava com quatro quadros prontos. Ele sabia que, após o nascimento do bebê, teria menos tempo para pintar então resolveu adiantar seu trabalho até Valentina nascer.

Angel já estava perto de entrar no nono mês de gestação e à medida que o parto se aproximava, a ansiedade dos jovens pais crescia. Benjamin havia decidido procurar um local para ele morar de modo que Dante e Angel pudessem iniciar uma vida a três de forma mais privada.

O quarto de hóspedes agora havia se transformado no aposento do bebê. Dante havia

NACIONAIS - ACHERON

pintado as paredes de branco e desenhado enfeites no formato de borboletas rosas, que pareciam voar do berço de Valentina até o teto. Do lado do berço uma poltrona, com um tecido rosa claro, havia sido colocada para que Angel pudesse amamentar a bebê. Um guarda roupa branco com detalhes rosa ficava do lado oposto ao berço. Dante havia, orgulhosamente, montado todo o quarto. Era simples, mas especial.

Ele andava pelo quarto enquanto lembrava de tudo o que havia acontecido na sua vida desde o dia daquele banho de chá na cafeteria. Lembrou-se então de quando havia descoberto o sexo do bebê.

Eles estavam no consultório médico, Angel deitada em uma cama, a barriga à mostra. Aguardavam ansiosamente à chegada do obstetra. Dante segurava a mão de Angel com as duas mãos. Ele tentava não parecer nervoso.

— Bom dia — disse o médico ao entrar no consultório. — Vamos ver como estamos indo?

O médico sentou-se em um banco e o arrastou para perto da maca onde Angel estava deitada. Colocou um gel na barriga de Angel e começou a movimentar o aparelho à procura do batimento cardíaco da criança. Em poucos instantes o achou. Aumentou o volume da máquina e Dante escutou, pela primeira vez, o coração de seu filho bater. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos e a emoção tomou conta dele. Era como se a ficha finalmente tivesse caído, ele iria ser pai. As chances de consertar todos os erros de sua vida estavam projetadas no filho que iria nascer.

— Mas que beleza — disse o médico. — O coração está forte. Agora, vamos dar uma olhadinha para ver se conseguimos enxergar o sexo do bebê. Vocês querem saber?

— SIM — disseram Angel e Dante ao mesmo tempo.

O médico então continuou a movimentar o aparelho pela barriga de Angel, parando para fazer algumas anotações.

— Lembro que você me disse que sobreviveu àquele terrível acidente de ônibus que foi notícia em todos os jornais. Você já estava grávida naquela época, não estava?

— Estava, porque? Tem algo de errado com o bebê. — Angel sentou-se na maca assustada.

— Não, claro que não. Deite-se para eu continuar seu exame e fique tranquila.

O médico continuou a olhar para a tela do aparelho enquanto procurava algo.

— Apenas quero dizer que seu bebê é um pequeno guerreiro. E que mamãe e neném estão de parabéns. AHA, aqui está. — O médico disse de repente. — Estão vendo isso? — Ele apontava para máquina de ultrassom.

— *Na verdade, só estou vendo uma tela cinza aí – respondeu Dante de forma sincera.*

Angel deu uma cotovelada nele.

— *Ai. Porque me bateu? Eu só respondi a pergunta do doutor.*

O médico deu uma risada.

— *Deixa o médico falar Dante, desculpa ele doutor. Mas e aí? É um menino ou uma menina?*

— *É uma pequena guerreira – e ele sorriu.*
– *Uma pequena e valente guerreira.*

Angel começou a chorar de emoção e Dante deu a volta na maca, foi até o médico e lhe deu um beijo estralado na bochecha.

— *Eu te amo! Eu poderia te dar um beijo na boca, mas ela poderia ficar com ciúmes – disse apontando para Angel.*

O médico riu envergonhado e saiu da sala

após finalizar a ultrassom deixando Angel e Dante radiantes dentro do consultório.

— Vamos ter uma menina – ele disse. A alegria parecia transbordar dele em forma de sorrisos e de lágrimas, que agora escorriam por seus olhos. Ela vai se chamar Valentina.

— Valentina?

-Sim, respondeu ele. Quer dizer menina valente.

— Amor?

Angel interrompeu as lembranças de Dante. Ele olhou para ela e sorriu ao vê-la com aquela barriga enorme.

— Tá pronto amor? O que você estava fazendo? — Ela ficou observando-o. Ele estava parado no meio do quarto de Valentina.

— Nada. Só lembrando de quando descobrimos que era uma menina — ele se aproximou de Angel, deu-lhe um beijo na testa e segurou em suas mãos. — Vamos.

Eles saíram para a última consulta pré-natal antes do nascimento de Valentina. Chegaram no médico e esperaram mais ou menos 40 minutos antes de entrarem no consultório.

— Como está, Angel? — Perguntou o médico apertando sua mão. — Dante, e você?

— Estamos bem — ela respondeu pelos dois. — Esperando ansiosamente.

— Então vamos logo dar uma olhada em como está essa moça.

Angel deitou na cama, levantou a blusa e abaixou um pouco a calça deixando à mostra sua barriga que estava enorme. O médico aproximou-se dela, colocou o já conhecido gel em sua barriga e ligou o aparelho. Começou a procurar os batimentos cardíacos do bebê. A máquina não emitia nenhum som. Alguns minutos passaram e o médico movimentava o aparelho de um lado ao outro na barriga de Angel à procura dos batimentos fetais. O semblante dele estava preocupado.

— Está tudo bem? — Perguntou Dante.

— Estou só demorando um pouco para

achar o batimento da bebê. Quando foi a última vez que você sentiu a neném se mexer Angel?

— É... eu não sei. Ontem talvez. Tem alguma coisa de errado? Porque não estamos ouvindo o coraçãozinho? — Ela estava começando a se preocupar.

O médico não respondeu à pergunta de Angel e continuou procurando o batimento cardíaco do bebê. Passaram-se quase dez minutos e nenhum som apareceu do ultrassom. O médico então olhou para o casal que estava à sua frente e não soube o que falar. Dante segurava a mão de Angel firmemente. Ele então colocou o aparelho no suporte e olhou para os dois.

— Porque você parou? Ainda não escutamos nada. Volta a procurar. — Dante agora estava desesperado. — Procura doutor. Você tem que achar alguma coisa aí. PROCURA.

Angel estava em choque e não conseguia dizer uma palavra. Não acreditava no que estava acontecendo.

— Sinto muito. Infelizmente eu não

consegui achar os batimentos do bebê. Também não percebi nenhum movimento fetal.

— Sente muito? Como assim sente muito? Procura!!

Dante levantou da cadeira em que estava e foi em direção ao médico. Angel havia começado a chorar.

— PEGA ESSE APARELHO E PROCURA — ele havia começado a gritar. Angel estava em choque e tudo o que fazia era chorar.

— Dante. Eu sinto muito. É provável que o coração tenha parado ontem. Por isso ela não mexeu o dia inteiro — ele tentava parecer o mais calmo possível.

— NÃO!!! — Ele gritou.

O médico então continuou a falar.

— Muitas vezes não há uma explicação. Essas coisas simplesmente acontecem. Eu sinto muito pela perda de vocês.

E Dante caiu sobre seus joelhos e começou a chorar. As palavras do médico ecoavam em sua

cabeça. Uma dor imensurável começou a tomar conta de seu peito e ele começou a ficar sem ar. O médico abaixou-se e colocou as mãos no ombro de Dante.

— Você precisa ir segurar a mão dela. Ela vai precisar de todo o seu apoio agora Dante. A parte difícil está só começando. Precisamos dar medicamentos para induzir o parto. Angel não pode ficar com o bebê dentro dela — disse ele com a voz baixa, quase num sussurro.

Ele levantou a cabeça e olhou atônito para o médico?

— Parto? Vocês vão submeter ela a um parto?? — Ele levantou e foi até o lado de Angel. — Não vou deixar eles fazerem isso com você.

— Vou acionar um psicólogo para conversar com vocês, e quero deixá-los à vontade para tomar essa decisão, que eu sei que é difícil. Mas vocês precisam decidir como vai ser a via do parto, vaginal ou cesárea. Vou deixar vocês um pouco sozinhos.

O médico saiu fechando a porta. Angel

estava em choque com tudo o que havia escutado. Dante aproximou-se dela e lhe deu um beijo na testa. Encostou a mão em sua barriga e de repente começou a chorar.

CAPITULO 32



*“Todo mundo é capaz
de dominar uma dor,
exceto quem a sente”
William Shakespeare*

Após uma conversa com uma psicóloga que atendia na clínica onde Angel e Dante haviam ido, eles decidiram que o melhor a fazer, seria uma cesariana. Não iriam submeter Angel a todas as dores do parto, sabendo, que no final, teriam que enterrar o bebê que iria nascer.

Angel estava desconsolada. Seus pais já haviam sido comunicados. Ela seria encaminhada à um hospital para que pudesse ser internada, e dessa forma, submetida a uma cesariana. O obstetra que acompanhou Angel durante toda a gestação providenciou toda burocracia e, ele mesmo, levou

Dante e Angel para o hospital.

Chegando lá ela foi admitida na ala obstétrica do hospital. Quando estava sendo levada até o quarto, na cadeira de rodas, observou que várias gestantes andavam pelos corredores, algumas sentindo as primeiras dores do parto, outras apenas aguardando a tão esperada hora. Ela colocou as mãos no rosto e começou a chorar. Dante caminhava de forma silenciosa ao seu lado. Seu semblante era de pura tristeza. Uma angústia havia crescido dentro dele desde o momento em que havia descoberto sobre a morte de Valentina. Ele sentia-se sufocado. Tentava controlar o tremor que apresentava em suas mãos.

Angel foi acomodada em seu leito de internação. Uma enfermeira veio e pegou um acesso venoso periférico em seu braço e pendurou um soro.

— Aqui dentro tem um remédio que vai ajudar no processo — e ela saiu deixando Dante e Angel sozinhos.

— Eu preciso dar uma volta — Dante disse

se levantando.

— Aonde você vai? — Perguntou Angel.

— Não sei. Dar uma volta, respirar. Vou enlouquecer se eu ficar aqui — ele estava andando de um lado para o outro.

— Não vai, por favor. Fica comigo. Eu preciso de você aqui.

Dante parou e olhou para Angel. Aquela situação toda o estava deixando nervoso e inquieto. Ele sentia que precisava respirar, espairecer um pouco ou ia acabar perdendo o controle. Mas ao mesmo tempo sabia que Angel precisava dele ao seu lado. A angústia já havia tomado conta de todo seu corpo. Aquela sensação conhecida de urgência o dominava. Dante não conseguiria ficar ali por muito tempo.

— Me desculpa. — disse ele.

E saiu do quarto batendo a porta e deixando Angel sozinha.

Ao deixar as dependências do hospital ele começou a correr como se sua vida dependesse disso. Correu até o fôlego começar a faltar, até seus

NACIONAIS - ACHERON

pulmões arderem e suas pernas começarem a tremer. As lágrimas secavam de forma rápida à medida que o vento ia batendo contra seu rosto. Ele achava que quando finalmente seu corpo desabasse de exaustão, a dor que estava sentindo passaria, mas ele estava errado.

Quando finalmente parou, ele apoiou as mãos nos joelhos e tentou respirar, mas todo oxigênio do ambiente parecia ter sumido. Caiu de joelhos e o choro ficou mais convulsivo, até que um grito saiu de sua garganta. Era quase um urro. A dor contida naquele grito era verdadeira. As pessoas que passavam olhavam, de forma assustada, para aquele homem caído ao chão.

Ele começou a bater as mãos, com toda força que tinha, no solo, dando socos na calçada, querendo descontar sua dor em qualquer coisa que pudesse encontrar na sua frente. As mãos começaram a ficar machucadas. Levantou desnorreado.

Seu celular começou a tocar.

— Dante onde você está? — A voz de

Benjamin soava preocupada. — Angel me ligou desesperada. Ela me contou que você a deixou sozinha no hospital. Porque você não está lá com ela? Dante. Me responde, onde você está?

Dante encerrou a ligação sem responder ao amigo. Imediatamente o celular voltou a tocar. Ele atendeu.

— Dante! Não desliga esse telefone. Onde você está?

— Eu vou pra casa. — respondeu Dante apático.

— Casa? Você tem que ir ficar com a Angel. Ela tá precisando de você!

— Eu vou pra casa!

— Tudo bem — Benjamin achou melhor não contrariar o amigo. Pelo menos em casa ele poderia conversar com Dante e convencê-lo a voltar ao hospital. — Te espero por lá.

Dante olhou para os lados e viu que existia um supermercado em frente aonde estava. Dirigiu-se até lá e entrou. Minutos depois saiu com uma garrafa de Wisky em uma das mãos. Abriu a

NACIONAIS - ACHERON

garrafa no meio da rua e deu o primeiro gole, fazendo uma careta. Quando viu um táxi se aproximando na rua, deu sinal e quando o carro parou, ele entrou.

Vinte minutos depois estava entrando em sua casa. Benjamin se levantou quando ouviu o barulho da porta e observou o amigo passar direto por ele, com uma garrafa de álcool nas mãos e se descer as escadas em direção ao sótão, Ben o acompanhou.

— Que você pensa que tá fazendo? Eu já vi essa cena antes Dante! VOCÊ já viu essa cena antes. Vai repetir o mesmo erro? Larga essa garrafa cara. Angel está precisando do seu apoio. Tenta enxergar isso. — A voz de Benjamin era quase uma súplica. Ele necessitava que Dante caísse na realidade.

— Eu desejei tanto essa criança Ben. Eu a deseje tanto — Dante recomeçou a chorar. — Eu não consigo. — E deu mais um gole na bebida.

— Você precisa conseguir. Por Angel, você precisa conseguir.

— Eu preciso desaparecer isso sim. Você não sabe de nada Benjamin. É MINHA FILHA QUE ESTÁ MORTA DENTRO DA ANGEL, MINHA FILHA — e inesperadamente ele começou a gritar e a ficar extremamente irritado e agressivo. — ESSA MERDA DE VIDA SÓ ME PREGA ESSAS PEÇAS BENJAMIN. — E ele começou a chutar e quebrar tudo o que estava na sua frente. — EU TIVE A ILUSÃO DE QUE TUDO IRIA FICAR BEM. VOCÊ VAI SER PAI DANTE. VOCÊ TEM UMA MULHER QUE TE AMA DANTE. VOCÊ PODE SER UMA PESSOA NORMAL DANTE. — Ele havia começado uma conversa consigo mesmo. Benjamin só conseguia olhá-lo e assistir àquela cena.

— AO INFERNO COM VIDA NORMAL.

Dante começou a pegar todos os quadros que havia pintado para a exposição e jogou-os no chão chutando-os violentamente. As telas começaram a rasgar e depois de alguns minutos naquela fúria, não havia sobrado uma tela inteira para testemunhar o que tinha acontecido.

— AO INFERNO COM MINHA VIDA — e ele caiu de joelhos no chão. Estava exausto depois de tanta fúria.

— Vai ser assim então? — Benjamin finalmente se pronunciou. — Vai se trancar na porra do seu quarto e se encher de medicamento de novo? Pois vai, que dessa vez eu não vou te impedir Dante. Aliás, tenho uma ideia melhor. Porque não sobe em cima de um prédio, de uma ponte, do caralho que for e se joga lá de cima? Porque você quer saber de uma coisa? Eu estou cansado desse seu egoísmo!

Benjamin estava extremamente furioso com seu amigo.

— Eu estou cansado de todo mundo ter que recolher seus pedaços quando você surta e liga a sua plaquinha do foda-se. O problema não é nenhum transtorno bipolar não, Dante. O problema é você!! Você é egoísta, é mesquinho e só consegue pensar no seu próprio umbigo. Nesse exato momento a mulher que você diz que ama está sozinha, em um hospital, dando à luz a sua filha,

dando à luz a um bebê que nunca vai chorar, que nunca vai abrir os olhos, dando à luz a um bebê que está morto e ela vai ser a única a presenciar isso. Porque o homem que era para estar do lado dela, segurando sua mão, compartilhando toda dor e tristeza com ela, está enchendo a cara e com pena de si mesmo.

O desabafo de Benjamin havia deixado Dante boquiaberto e incapaz de responder nada. Ele nem se mexia.

— Então, vira homem pelo menos uma vez na sua vida, volta naquele hospital e vai apoiar a mulher que está dando à luz à sua filha. — Benjamin então subiu as escadas e deixou Dante sozinho.

As palavras de Benjamin ecoavam em sua cabeça e ele finalmente se deu conta de que tudo o que o amigo tinha dito era verdade. Sentiu uma vergonha instantânea e o constrangimento tomou conta de si. Resolveu se recompor e voltar ao hospital.

Quando chegou na unidade hospitalar

encontrou Filomena na sala de espera.

— Aonde ela está? — Ele perguntou a Filó.

— Aonde você estava? Essa é a pergunta certa. Angel ficou o tempo todo chamando por você. Levaram ela para o centro obstétrico, mas já vieram me falar que tudo já acabou. No final das contas não foi preciso fazer uma cesariana. A medicação que colocaram nela acelerou o trabalho de parto e a neném acabou nascendo de forma normal.

— E aonde ela está Filomena?

— No quarto — os olhos de Filomena se encheram de lágrimas. — Ela está com a bebê. Me pediu para ficar sozinha com ela alguns instantes.

— A bebê tá no quarto? — Ele engoliu em seco.

Filó acenou a cabeça. Dante se dirigiu até o quarto onde Angel estava e abriu a porta vagarosamente. Encontrou Angel lá dentro, sentada na cama com um pequeno pacotinho nos braços. Ela cantava uma música de ninar enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. Levantou a cabeça e viu

NACIONAIS - ACHERON

Dante parado na porta.

— Por favor Dante. Vai embora — sua voz era quase um sussurro.

— Angel — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

— Você me prometeu — prosseguiu ela. — Você me prometeu que nunca mais iria me deixar sozinha. Prometeu que cuidaria de mim, prometeu que cuidaria de nossa filha.

Lágrimas caíam com facilidade do rosto de Angel. Ela então deu um beijo carinhoso na cabeça da filha.

— Posso vê-la?

Angel não respondeu. Dante aproximou-se timidamente e deu a volta na cama. Então olhou para o pequeno pacote que Angel estava segurando. Viu aquele pequeno rosto de sua filha, com os olhos fechados. Ela parecia dormir. Na cabeça de Valentina podia-se enxergar vários fios de um cabelo fino e loiro. Ele aproximou-se do rosto da filha e deu um beijo em sua face, ela estava fria. Dante estremeceu. Tentou pegar nas mãos de

NACIONAIS - ACHERON

Angel, mas ela o afastou.

— Agora vai embora Dante. Por favor. Eu não quero nunca mais te ver na minha frente — e ela reiniciou a canção de ninar que estava cantando. Uma música que sua filha nunca ouviria.

— Angel, não faz isso por favor — Dante sussurrava. Como se a qualquer instante, sua voz fosse assustar sua filha e fazê-la chorar.

Novamente ela interrompeu a cantoria e olhou Dante nos olhos. Ele então percebeu decepção, mágoa e tristeza profunda no olhar de Angel.

— Se você me ama — disse ela. — Se você realmente diz que me ama e que eu sou tudo na sua vida. Vai embora e nunca mais aparece. Eu te imploro Dante. Vai embora.

E Dante finalmente se deu conta que a havia perdido. Ele não disse mais nenhuma palavra. Deu mais um beijo no pequeno corpo de sua filha, olhou uma última vez para Angel, e saiu do quarto, deixando para trás sua alma e sua vontade de viver.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 33



*“Deus fez do arrependimento
a virtude dos mortais”
Voltaire*

Com a mudança de Angel de volta à sua casa, Benjamin resolveu continuar morando com Dante. Ele havia pedido afastamento do seu trabalho no escritório de advocacia de um primo, para que pudesse cuidar de seu amigo que tinha entrado em uma depressão profunda.

Já haviam se passado três semanas desde que Valentina tinha morrido e Dante ainda não tinha saído de seu quarto. Ele não compareceu nem ao enterro da filha, que tinha sido realizado no cemitério localizado perto da fazenda dos pais de Angel, na cidade de Doce Esperança.

Todos os dias eram iguais e a mesma rotina

NACIONAIS - ACHERON

se aplicava. Benjamin, ao acordar preparava o café da manhã e levava comida e os medicamentos para Dante. Era uma dificuldade para que ele aceitasse comer algo, mas Ben sempre conseguia com que ele tomasse pelo menos um copo de suco e comesse alguma torrada. Após isso, Ben precisava levar o amigo para o banheiro para que ele pudesse tomar um banho, na verdade Benjamin era o responsável pela higiene do amigo. Depois do banho Dante era colocado novamente na cama e só era importunado por Ben para uma nova alimentação e um novo coquetel de medicações.

Ele estava tomando antidepressivos fortíssimos e se encontrava em um estado praticamente catatônico. Não tinha interesse em absolutamente nada.

Durante as primeiras semanas Benjamin ligava para Angel implorando para que ela viesse ajudar a tirar Dante daquela situação, mas a mágoa que ela estava sentindo dele era maior do que sua vontade de ajudar. Ela havia ficado sozinha durante o trabalho de parto de sua filha. Seus pais não

tinham chegado, e Filomena, apesar de ter ido para o hospital, não soube dar a ela o apoio necessário. A única pessoa que ela precisava naquele momento era de Dante, mas ele a havia deixado só. E isso era imperdoável.

Com o passar do tempo as ligações foram diminuindo e agora, Benjamin só ligava para Angel para saber notícias dela, eles nem citavam mais o nome de Dante nas conversas que tinham.

Aos poucos Angel foi se recuperando da perda da filha, mas a saudade que tinha tanto de Valentina, quanto de Dante ainda era dolorosa. Quando recebia as ligações de Benjamin ficava com muita vontade de perguntar como Dante passava e como estava sua reação à morte da filha, mas sempre lembrava o que ele havia feito e não tocava em seu nome. Benjamin tinha aprendido a respeitar isso.

Quando o primeiro mês passou e Benjamin se viu na obrigação de voltar ao trabalho, ele chamou o pai de Dante para que ele viesse ajudar a cuidar do filho. Aos poucos Dante começou a

reagir, mas ainda não saía de casa e nem tinha interesse em trabalhar ou fazer qualquer atividade. A apatia havia dominado toda sua personalidade.

Um certo dia as ligações da galeria de arte voltaram a acontecer. Eles queriam saber se os quadros para a exposição, que aconteceria já estavam prontos, e queriam, se possível, dar uma olhada nas telas. O pai de Dante, que havia atendido a ligação disse que em breve todos os quadros estariam prontos, e que eles não deveriam se preocupar.

— Como assim os quadros vão ficar prontos até o dia da exposição — perguntou Benjamin quando Sr. Iuri contou para ele sobre a ligação. — As telas foram todas destruídas por ele, eu te falei sobre isso.

Sr. Iuri e Benjamin estavam conversando na cozinha enquanto Dante estava sentado no sofá da sala, com o olhar vazio em direção à TV que estava desligada.

— Você não consegue enxergar? — Sr. Iuri se aproximou de Benjamin, olhou para Dante e

então falou. — Essa é a chance dele. Quando ele começou a pintar, era uma forma de expressão de sentimentos, certo? Então. Ele precisa reaprender a expressar seus sentimentos. E ele vai fazer isso pintando.

Benjamin estava cético.

— Não acho que vá funcionar, mas, mal não vai fazer. Qual seu plano?

Benjamin e Sr. Iuri começaram a cochichar e a bolar seu plano, na intenção de trazer Dante de volta ao convívio com a sociedade. Após a conversa Benjamin desceu ao sótão enquanto o pai dele saiu para fazer algumas compras. Dante permaneceu imóvel, sentado em seu sofá.

Quando Iuri voltou para casa, estava carregando várias telas de pintura, pinceis, tintas e outros materiais. Passou pela sala, deu um beijo na cabeça do filho e seguiu para o sótão.

— E então, arrumou tudo aqui? - Iuri perguntou para Benjamin enquanto descia, com dificuldade, as escadas. As telas faziam com que seu equilíbrio ficasse comprometido.

Ben correu para ajudá-lo.

— Acho que está tudo ok. Agora vamos montar esse cavalete aqui e a gente encaixa a tela bem em cima — enquanto Benjamin falava ele ajeitava, bem no meio do sótão, que era o local onde Dante costumava pintar, um cavalete com uma tela em branco. Ficou olhando para a tela por alguns minutos e então virou-se para Sr. Iuri. — Agora só falta o pintor.

— É pra já! — e Iuri subiu as escadas.

Minutos depois ele desceu as escadas juntamente com Dante, ele segurava no braço de seu filho de maneira delicada, guiando-o pelas escadas.

— Desce com cuidado filho. Isso, muito bem.

Dante obedecia aos comandos do pai de forma automática. Seus movimentos eram quase robóticos. Ele não expressava nenhum tipo de emoção em seu rosto. Os olhos, antes cheios de vida, estavam inertes, seus movimentos eram letárgicos e passivos.

Ele então foi levado até um banco que Benjamin colocou em frente à tela de pintura. Ele gentilmente sentou Dante no banquinho, em uma de suas mãos colocou um pincel, que Dante segurou com firmeza. Benjamin deu um sorriso esperançoso. Na outra mão de seu amigo ele colocou o godê que já estava previamente preenchido com algumas cores. Dante também segurou, com firmeza, o objeto.

— E agora? — Benjamin olhou para Iuri.

— E agora a gente sobe e espera.

E eles subiram e fecharam a porta atrás de si.

Dante ficou sentado olhando para a tela em branco por mais de uma hora. Até que ele abaixou sua cabeça e olhou para suas mãos. Pincel e tinta e então ele fechou os olhos.

Sem sentir ou pensar no que estava fazendo, ele levantou em direção ao quadro, melou um pouco do pincel na tinta preta, e começou a pincelar os primeiros traços do que seria sua mais nova obra.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 34



*“Chego a chorar,
manso de tristeza.
Depois levanto
e de novo recomeço”
Clarice Lispector*

Quando terminou o quadro, Dante sorriu satisfeito, era seu primeiro sorriso em mais de um mês. Dessa vez os quadros eram em português. Ele queria que todos soubessem o que aquela imagem significava. Então escreveu no canto inferior da tela: O começo, e logo embaixo assinou seu nome.

Retirou a tela com cuidado do cavalete e colocou uma nova. Foi até o local onde guardava as tintas e escolheu as cores cuidadosamente. Pegou novos pinceis e fez uma nova mistura de cores em outro godê. Quando iria começar as novas

pinceladas sua barriga fez um barulho e seu estômago tremeu.

Ele subiu as escadas e encontrou o pai e Benjamin sentados na mesa da cozinha, jogando baralho. Quando viram Dante olhando para eles, ficaram espantados. Ele aproximou-se dos dois e deu um sorriso para eles.

Benjamin e Iuri trocaram olhares.

— Funcionou! — disse Benjamin radiante.

— Eu sabia que ia funcionar — Iuri respondeu convencido. — Eu conheço meu filho.

— Sabia que o que ia funcionar? — Dante perguntou. Mas antes que alguém pudesse responder ele chegou perto do pai e lhe deu um beijo no rosto. — Eu te amo pai. E muito obrigado!

Iuri então levantou da cadeira e abraçou o filho. Lágrimas haviam se formado em seus olhos e ele chorou. Dante devolveu o abraço. Durante todo o período em que ficou naquele estado deprimido o pai havia cuidado dele com zelo e ele sabia tudo o que tinha acontecia em sua volta.

Ele soltou o pai e deu um pigarro tentando

NACIONAIS - ACHERON

espantar o choro que estava prestes a chegar.

— Então — ele disse. — Vamos jogar o convencional ou o Texas Hold' em? — Perguntou.

— Como? — Disse Benjamin.

— Poker. Não é isso que vamos jogar? Eu dou as cartas. Cinco centavos a ficha.

Dante sentou na mesa com o pai e o amigo, pegou as cartas da mão de Benjamin, que apenas o encarava, e começou a cortar e dividir as cartas.

— Qual é, porque estão me olhando assim? Vamos jogar. E também estou faminto. Pede uma pizza Benjamin.

Iuri e Benjamin despertaram daquele susto que haviam tido e, enquanto Ben ligava para pizzaria, o pai de Dante pegava feijão cru para usar como fichas de poker.

Os três então jogaram, deram risadas, e conversaram sobre assuntos comuns, como se aquele fosse um dia qualquer, de uma pessoa qualquer. Não havia bipolaridade, depressão, euforia, nem qualquer sentimento de dor ou tristeza. Eram apenas três homens, comendo pizza,
NACIONAIS - ACHERON

bebendo refrigerante e se divertindo.

Quando o jogo já estava acabando, e Dante já havia ganho todas as fichas/feijões da mesa, ele de repente ficou sério.

— Eu vou conquistar ela de volta, podem apostar que eu vou — disse ao pai e a Benjamin. — Sabe. Quando eu estava lá embaixo, olhando aquela tela em branco, eu percebi que minha vida estava daquele jeito, vazia. E que a solução de tudo era muito simples.

Ele pegou as cartas da mesa, sinalizando que o jogo havia chegado ao fim.

— Eu teria somente que me levantar e começar a pintar. Não é óbvio? — E encarou seu pai e seu amigo. — Isso significa uma coisa. Eu preciso colocar cor na minha vida. E a única pessoa capaz disso é Angel. Ela é quem traz cor pra minha existência.

Dante levantou e foi em direção à sala. Aproximou-se do telefone e ficou passando os dedos pelo aparelho.

— Acha que devo ligar para ela? —

Perguntou à Benjamin. — Como ela está Ben?

— Magoada. — Benjamin respondeu. — E eu acho que você não deve ligar pra ela agora. Se é pra resolver alguma coisa Dante, que seja olhando no olho. O que você fez com ela....

— Eu sei. — Dante impediu o amigo de continuar falando. — Eu falhei miseravelmente com ela. Eu sei que falhei. E também falhei miseravelmente com minha filha — e os olhos dele começaram a marejar. - E por Deus, eu vou mover céus e montanhas, mas eu vou ajeitar as coisas com a Angel.

— Assim que se fala. — Iuri falou. — E você não sabe o como estou orgulhoso de você meu filho.

Dante então deixou as lágrimas banharem o seu rosto. Tudo o que havia acontecido até ali, tinha servido para, pelo menos, aproximá-lo do pai. Durante todo o tempo em que Dante havia permanecido em crise profunda de depressão, seu pai esteve sempre ao seu lado, banhando-o, alimentando-o e dizendo a ele palavras de fé e

esperança. Ele ouvia tudo, absorvia tudo e a cada gesto que carinho que o pai tinha por ele, os alicerces do relacionamento pai e filho, antes frágeis, se fortificavam.

— Obrigado por tudo. — E virou-se para Benjamin. — Obrigado a você também. Sei que tudo o que você me falou eu mereci ouvir.

— E agora qual o próximo passo?

— Primeiro, preciso procurar Adler ou então Dr. Marinho. Tenho que me certificar que estou bem. Até ontem eu estava deprimido, mal querendo comer e levantar da cama. E agora olha pra mim. — Ele abriu os braços como se quisesse mostrar o seu estado de espírito. — As vantagens de ser bipolar — ele complementou. — Deprimido em um dia, radiante no outro. Mas não quero me arriscar.

E pegou o telefone e discou o número de seu médico.

— Pronto. Consulta marcada — disse ele ao desligar momentos depois. — E agora. Vou pintar. — Ele começou a caminhar em direção ao seu ateliê.

— Dante — o pai o segurou pelo braço. — Não exagera meu filho. Não acha melhor descansar? Você já passou horas lá embaixo pintando. Amanhã você termina sua pintura.

— Eu estou bem. Você me colocou lá embaixo. Então sabe como pintar me ajuda a pensar em Angel e em... — sua voz tremeu — E em Valentina, e de uma forma saudável. Sinto tanta falta delas papai. Eu lembro do rostinho dela. Era perfeito. Ela era perfeita. — E Dante abaixou a cabeça e começou a chorar.

— Chore meu filho. — Disse o pai. — Chore até você não conseguir mais. Você precisa sentir a dor da sua perda, para que possa se recuperar dela e a partir daí lembrar da sua filha não com tristeza, mas com carinho e aceitação de que ela virou um anjinho.

Ele segurou o braço de Dante e o levou até seu quarto.

— Agora deita na sua cama e chore até dormir. E amanhã você vai acordar diferente. Não vou prometer que a dor sumiu, mas ela vai estar

mais suportável. E a cada dia que passar, vai doer menos, até que só vai restar uma lembrança boa e carinhosa. Sempre vai doer, mas será suportável.

Iuri sentou na cama e Dante deitou a cabeça em seu colo, como uma criança.

– Eu não te ajudei a superar a perda de sua mãe, não deixei você chorar a morte dela, mas agora eu estou aqui. E você vai chorar a morte da sua filha, vai sentir toda dor que for possível, e amanhã vai ser um novo dia, e você vai acordar se sentindo um novo homem.

E finalmente Dante desabou no colo do pai. Não foi dita mais uma palavra entre os dois. Iuri apenas passava as mãos pelos cabelos do filho, enquanto ele sentia toda dor da perda de Valentina. O choro convulsivo e insistente aos poucos foi se dissipando, até que ele finalmente adormeceu. E sonhou com Angel e Valentina e um leve sorriso apareceu em seus lábios, enquanto dormia. Angel, de mãos dadas com um bebê de aproximadamente dois anos. Então o bebê largou as mãos da mãe e correu em direção a ele, em um lindo campo

PERIGOSAS

coberto de flores.

NACIONAIS - ACHERON

CAPITULO 35



*“O amor não vê com os olhos,
vê com a mente; por isso é alado,
é cego e tão potente”
William Shakespeare*

A sessão de terapia conjunta entre Dante, Dr. Adler e Dr. Marinho havia terminado. Saindo do consultório, Dante decidiu que iria para sua casa andando. Uma caminhada de trinta minutos seria mais do que suficiente para ele refletir sobre os próximos passos que tomaria, para colocar sua vida de volta nos trilhos e também, para reconquistar Angel.

O desabafo da noite anterior, no colo do pai, fizera ele se sentir mais leve. A dor da perda da filha ainda permanecia, como o pai tinha dito, mas a oportunidade que ele teve de colocar para fora

tudo o que estava sentindo, tinha sido fundamental para aceitar a morte de Valentina de forma mais tranquila.

Dante caminhava devagar, prestando atenção no movimento das ruas, dos carros e das pessoas. Um homem caminhava de mãos dadas com uma criança, uma mulher carregava um bebê no colo enquanto falava ao celular. Então ele se deu conta de que, a partir daquele momento, tudo ao seu redor faria lembrar sua filha e tudo o que ele poderia ter vivido ao seu lado, caso ela não tivesse morrido.

Àquela dor já conhecida o atingiu novamente e ele chorou, mas não se entregou. Limpou o rosto e continuou seu caminho em direção à sua casa.

Quando estava passando pela cafeteria onde tinha encontrado Angel pela primeira vez entrou. Foi até o caixa, viu três pessoas na fila. Reconheceu, então, aquele cabelo ruivo ondulado, caindo de forma solta pelas costas. Ela era a próxima pessoa a ser atendida. Ele decidiu aproximar-se do balcão que ficava ao lado do caixa.

— Ô moço que não é o Matias, me vê um

café preto, bem forte por favor. Essa fila tá muito grande e eu não quero esperar — Disse Dante olhando para lado em direção à Angel.

Algumas pessoas que estavam aguardando para serem atendidas reclamaram, mas quando Angel ouviu a voz de Dante estremeceu. Ela olhou para o lado e o viu.

Dante usava uma camiseta verde clara, uma calça jeans e um sapatênis branco, seus cabelos caíam daquela forma desajeitada sobre a testa, a barba estava crescendo, e ele estava visivelmente mais magro. Mas ainda continuava um homem bonito. Os olhos permaneciam o mesmo, um azul claro, mas com o brilho um pouco apagado.

Nem Angel, nem Dante notaram quando o atendente da cafeteria se aproximou do caixa para pegar o próximo pedido, que seria o dela. Eles ficaram se encarando sem dizer nada.

— Moça? — O funcionário chamava por Angel, mas ela não olhava.

As pessoas da fila começaram a reclamar e ela finalmente voltou a si. Olhou para o caixa,

depois para as pessoas que também aguardavam e finalmente para Dante. Sem dizer nada saiu da fila e caminhou em direção a porta da cafeteria, de forma apressada, como se quisesse fugir.

— Angel — Dante chamou seu nome e a seguiu.

Já na rua, Angel caminhava de forma apressada, sem olhar para trás.

— Angel, por favor. Me escuta, precisamos conversar — ele a seguia pela rua.

— Não Dante! — Disse ela virando de repente, o que fez ele parar bruscamente. — Eu não preciso te ouvir. Eu não preciso conversar com você. Eu só preciso ir para minha casa. Por favor, você pode parar de me seguir?

— Não — ele não iria desistir. — Não vou parar de te seguir até você me escutar. Olha, eu não planejava te encontrar lá na cafeteria, mas já que aconteceu eu vou aproveitar a oportunidade e falar tudo o que está entalado dentro de mim desde que nossa filha morreu. E você vai me escutar. Ah se vai.

Dante não piscava ou desviava o olhar de Angel. Ela abriu a boca para protestar, mas voltou a fechar. Conhecia Dante o suficiente para saber que ele não iria deixá-la em paz. Desejou ardentemente um chá gelado ao seu alcance e de forma acidental deu um leve sorriso.

— Qual é a graça? — Ele perguntou tentando conter a irritação.

Ela então percebeu que havia sorrido e ficou séria novamente, fazendo uma cara feia para Dante. Por mais que quisesse negar, Angel estava sentindo falta dele. De seu jeito tempestuoso de ser, de suas ironias, seu bom humor, e até mesmo das suas irritações e peculiaridades. O jeito único de Dante havia conquistado o coração de Angel, mas então ela se lembrou daquele dia.

— Eu tô cansada Dante. Me deixa ir, por favor? — Ela suplicou.

— Angel — ele aproximou-se até seus corpos ficarem quase colados. — Você não precisa falar nada. Não precisa me responder, refutar, discordar, brigar ou o que quer que seja. Você pode

ficar calada o tempo todo que eu estiver falando. A única coisa que eu quero é que me escute. Por favor. É a única coisa que eu te peço.

E então ela cedeu.

— Tudo bem. Mas depois você nunca mais vai me procurar. Promete?

— Bom, tecnicamente eu não te procurei — ele tentou quebrar um pouco o gelo.

— Não me provoca Dante! — Angel rosnou.

— Tá bom tá bom — ele levantou os braços como se estivesse se rendendo. — Prometo que não lhe procuro mais. Agora, vamos conversar aonde? No café?

— Não, vamos lá pra casa. É mais tranquilo. Vem, o carro está por ali — e apontou para direção oposta ao qual eles estavam caminhando.

— Mas e porque você estava indo na outra direção?

— Porque você me deixou nervosa e eu queria fugir de você. — Angel estava ficando irritada, mas ao mesmo tempo aquela conversa sem

sentido com Dante lhe havia despertado uma saudade gostosa. Ele parecia o mesmo homem pela qual ela havia se apaixonado. — Você vem ou vai ficar aí parado?

Dante não hesitou mais um minuto e a seguiu até seu carro. O caminho até a casa de Angel foi silencioso. Angel entrou primeiro e em seguida apareceu Dante, que fechou a porta.

— O que ele tá fazendo aqui?

— Bom dia para você também Filomena. — Disse.

— Angel, o que ele tá fazendo aqui? — Filó ignorou Dante completamente.

— Nós vamos ter uma conversa, só isso. — Ela respondeu calmamente.

Filomena, que estava na cozinha preparando o almoço deu a volta pelo balcão, chegou perto de Angel e a puxou pelo braço, para perto de si.

— Como você traz ele pra cá depois de tudo o que ele te fez? Angel, me escuta. Manda esse cara embora. Ele não te merece minha amiga. Você merece alguém que te apoie, alguém menos pirado.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu consigo te ouvir sabia? — Disse Dante enquanto aguardava na sala.

Ele foi ignorado.

— Eu sei o que eu tô fazendo Filó. Não se preocupa.

Angel deu um beijo no rosto da amiga e voltou para sala onde Dante a aguardava.

— Vem. Vamos lá para o quarto que lá podemos conversar melhor.

E os dois subiram as escadas, deixando Filó descontar toda sua raiva, em um inocente pedaço de cenoura, que era esfaqueado repetidas vezes de forma furiosa.

CAPÍTULO 36



*“A grandeza não consiste em receber honras,
mas em merecê-las”
Aristóteles*

Dante foi o primeiro a entrar no quarto que conhecia tão bem. Olhou ao redor e viu que tudo continuava igual da última vez que havia estado ali. Pegou a cadeira que estava em frente à escrivaninha que ficava perto da janela, e a posicionou na frente da cama de Angel.

Fazendo um gesto com a mão, pediu que Angel sentasse em sua cama, bem em frente a cadeira. Os dois então se encararam. Ele fechou os olhos, inspirou e soltou o ar com um sopro, fazendo Angel sentir seu hálito mentolado. Aquilo deu e ela uma vontade se sentir o gosto da boca de Dante, mas logo afastou aquele pensamento.

— Estou pronta. — disse ela. — Minha atenção é toda sua.

Dante inclinou-se para frente da cadeira e apoiou os cotovelos nos joelhos. Aquilo o fez ficar mais próximo ainda de Angel. Ele pôde sentir seu perfume e desejou pegá-la nos braços e beijá-la ardentemente, mas se segurou. Ambos desejavam um ao outro naquele momento, mas parecia haver um abismo que os separava.

— Primeiro — ele começou. — Eu não vim aqui tentar te convencer de que tudo o que aconteceu foi porque eu sou bipolar e que tudo é culpa da doença. Não. Não estou aqui pra isso.

Ele tentava falar pausadamente e da forma mais calma possível. O nervosismo tomava conta de si. Por dentro ele sentia seu coração bater acelerado, as mãos teimavam em tremer, mas ele as entrelaçou, uma na outra, de modo a tentar disfarçar o que o corpo queria mostrar.

— Eu estou aqui — e ele respirou fundo. — Para assumir as responsabilidades dos meus atos e para aceitar as consequências deles. Eu falhei com

você. Falhei com Valentina — Angel baixou a cabeça ao ouvir o nome de sua filha. — Nada do que eu disser ou fizer, vai mudar o fato de que abandonei a mulher eu amo, no momento em que ela mais precisava de mim.

Dante fazia algumas pausas durante seu discurso e analisava a reação de Angel. Ela apenas o ouvia sem piscar. Sua respiração estava acelerada e ele tinha certeza de que ela estava se segurando para não chorar.

— Não foi o transtorno bipolar que fez isso Angel, fui eu! — Os lábios dele começaram a tremer e uma lágrima se formou em seu olho. Ele olhou para cima e colocou as mãos nos olhos. Não queria começar a chorar. Ele conseguiu se controlar e prosseguiu.

— Não estou aqui pra te encher de promessas vazias de que eu vou melhorar, de que tudo vai ser diferente e que eu não vou mais errar contigo, porque provavelmente, se eu te disser tudo isso, vai ser mentira — a voz de Dante agora soava firme e sincera. — Sim, Angel, eu tenho transtorno

bipolar, e sim, algumas vezes isso afeta o modo como eu me comporto e como reajo a determinadas situações, mas não vou me esconder por detrás dessa doença.

A cada frase dita, e a cada confissão feita Dante tinha cada vez mais certeza de que, o que estava fazendo era o certo e de que a única maneira de conseguir ter Angel de volta, era revelar a ela, seus sentimentos mais intensos, seus defeitos mais obscuros, e os segredos mais profundos de sua alma.

— Eu confesso! — Continuou ele. — Eu sou louco, e algumas vezes até gosto de ser. Algumas vezes sinto saudades da minha euforia, porque ela faz eu me sentir poderoso, especial e único. E a loucura é até um pouco atraente, ela nos permite ter a liberdade de fazer e ser o que quisermos. São as vantagens da doença mental. Se eu decidir ser Napoleão amanhã, quem vai me dizer que não posso?

Ele parou, pensou e soltou uma risada.

— Pensando bem, Napoleão era muito baixo.

Preciso pensar em outro personagem clichê para exemplificar.

Ele baixou a cabeça e permaneceu um pouco em silêncio. Quando voltou a olhar para Angel, ela sorria timidamente. Os olhos dele brilharam.

— Não vale sorrir. Você sabe que esse sorriso me desarma — e seu olho voltou a encher de lágrimas. — Você não tem ideia, do quanto eu senti saudade dessa sua risada, mesmo que tímida. Então, volte com a sua cara emburrada porque, senão, não vou me concentrar no que eu tenho a te falar. — Dessa vez Angel riu de forma mais espontânea.

Dante pegou em suas mãos, o que fez com que ela imediatamente estremecesse e ficasse séria.

— Angel — ele também ficou sério e olhou bem no fundo de seus olhos — Eu sou bipolar e nada vai mudar isso. Eu sou teimoso, egoísta, inconsequente, imaturo, e durante 90% do meu tempo, eu faço as coisas sem pensar muito bem nas consequências.

Dante começou a falar de forma rápida e

apressada.

— Quando nossa filha morreu, foi uma dessas ocasiões que eu fui tudo isso que eu acabei de falar, principalmente egoísta. Não pensei no seu sofrimento ou em como você ficaria. Eu só pensei em mim. Na minha dor. Na minha perda. E por Deus, se eu pudesse voltar ao tempo eu voltaria.

Ele soltou as mãos de Angel, baixou a cabeça e começou a chorar. Angel o acompanhou nas lágrimas. Ver Dante daquele jeito sempre a afetava. Ela sabia o quanto ele escondia suas dores, o quanto era difícil para ele expressar o que sentia. Ela começou a perceber que ele havia se transformado. A dor tinha lhe trazido maturidade e a perda de Valentina talvez o tivesse feito enxergar uma nova perspectiva de vida e de futuro. Será que ele seria capaz de mudar?

— Infelizmente Angel — continuou Dante limpando as lágrimas com as mãos e enxugando na calça jeans. — A única coisa que eu posso fazer é te pedir perdão. Me perdoa por ter te abandonado, me perdoa por ter abandonado nossa filha. Eu

falhei como companheiro e falhei como pai.

— Dante...

— Xiii... — disse colocando um de seus dedos nos lábios dela, fazendo-a se calar. — Deixa eu terminar. Não quero que você fale nada agora. Por favor.

Dante continuou seu desabafo.

— Eu finalmente aceitei tudo o que aconteceu na minha vida, e também assumi a responsabilidade por tudo o que eu fiz, mas também parei de me culpar por muita coisa. Papai e Benjamin foram primordiais para que isso acontecesse. — Ele voltou a pegar nas mãos de Angel dando-lhes um beijo suave. — A chave final para fechar esse ciclo é você.

Angel fechou os olhos e sentiu as mãos quentes de Dante nas suas. As lágrimas persistentes não queriam cessar. Toda a dor que sentia em seu peito parecia escorrer por seus olhos. Toda dor que sentia pela dupla perda que tivera aflorou. As palavras de Dante lhe tocaram a alma, mas a mágoa que sentia por ele ainda era muito grande e não

podia ser ignorada.

Desde que descobriu sobre o Transtorno Bipolar de Dante, Angel sempre procurou ser compreensiva e se colocar no lugar dele. Tentava sentir a dor dele e as aflições dele, mas, mesmo que inconscientemente, desejou que, quando fosse preciso, ele também lhe desse um retorno.

— Eu não te prometo o céu. Eu não te prometo uma vida sem problemas ou desapontamentos. — Dante continuava a falar de forma ininterrupta. — Mas uma coisa te juro. Eu juro que vou lutar todos os dias para tentar ser uma pessoa melhor.

— Dante, por favor, eu não posso. — Angel finalmente se manifestou.

— Eu vou te magoar de novo — ele continuou sem prestar atenção ao que Angel falava. — Eu vou pisar na bola de novo e provavelmente eu vou entrar em crise de novo. Mas a cada tropeço que eu der, eu quero aprender, junto com você, um novo caminho, para que eu não volte a cair.

Dante levantou da cadeira e sentou ao lado

de Angel. Ela instintivamente se afastou um pouco, deixando seu corpo afastado do dele.

— Angel. Isso é amar. Aprender com os erros e lutar para não os repetir. Não prometo uma vida ausente de sofrimentos, pois isso não existe. Mas eu irei sentir cada dor ao seu lado, começando pela saudade que sempre iremos ter da nossa filha.

Angel abaixou a cabeça, colocou as mãos no rosto e chorou.

— Chora minha pequena. Chora pela nossa filha. Chora por nós. Chora porque esse paspalho aqui machucou seu coração. — Ele colocou uma das mãos no rosto de Angel molhando seus dedos com suas lágrimas.

Ele aproximou seu rosto de Angel e beijou-lhe a boca de maneira tenra e carinhosa. Angel não o afastou.

— Então. Tudo o que eu te peço é uma oportunidade de provar que eu posso ser diferente. Porque eu te amo Angel. E nada vai mudar isso. Eu vou te amar para o resto da minha vida, minha pequena.

E ele finalmente parou e ficou olhando para sua amada. Lágrimas caíam de seu rosto. Ele nunca havia sido tão sincero e revelado tantas coisas para ninguém. Nem mesmo para seus terapeutas.

— Dante... eu não sei se consigo.... — Angel estava emocionada com tudo o que havia ouvido Dante falar, mas a dor que sentia era muito recente. A mágoa era muito recente.

— Ei... — ele a interrompeu. — Não quero que me responda nada agora. Você precisa de tempo para refletir. Só peço que me prometa uma coisa. Só uma.

— Que coisa? — Ela perguntou curiosa.

— Daqui há mais ou menos dois meses eu vou expor novos quadros lá na galeria. Ainda vou confirmar a data e horário, mas eu queria muito que você fosse. É a única coisa que te peço.

— Dante, eu não sei. Não posso ficar me envolvendo com ...

— Por favor Angel. Depois da exposição se você nunca mais quiser ouvir falar no meu nome eu vou respeitar, mas me promete que você vai. Eu
NACIONAIS - ACHERON

preciso que você me prometa que vai.

— Tudo bem, eu prometo. — Disse ela por fim.

— Essa é minha menina. — Dante voltou a beijar as mãos de Angel e se levantou em direção a porta do quarto. — Eu te amo meu anjo. — E ele deixou o quarto deixando-a sozinha com seus pensamentos e suas lágrimas.

CAPÍTULO 37



*“O que importa não é o que acontece,
mas como você reage”
Bruce Lee*

A conversa com Angel havia sido exaustiva. Dante estava mentalmente cansado. Ele chegou em casa e foi direto para seu quarto. Deitou em sua cama, colocou as mãos atrás da cabeça e ficou fitando o teto, pensativo.

A exposição de seus novos quadros seria em menos de dois meses e aquela noite seria decisiva para definir como seria sua vida a partir dali. Com, ou sem Angel.

Voltou seus pensamentos a pouco mais de um ano atrás, até o dia em que Angel havia entrado em sua vida. Sorriu ao lembrar do banho de chá de pêssego que ela tinha lhe dado. Que mulher!

NACIONAIS - ACHERON

Uma batida na porta o trouxe de volta.

— Tá aberta! — Disse ele sem se levantar da cama.

O pai de Dante entrou em seu quarto.

— Está tudo bem filho? Você chegou e veio direto ao quarto. Como foi no consultório médico?

— Eu abri meu coração pra ela pai — ele sentou-se na cama e mirou os olhos do pai.

— Para quem meu filho? — Iuri perguntou.

— Angel. Eu abri meu coração para Angel.

— Você foi atrás dela? Como foi? — Iuri parecia interessado.

— A encontrei por acaso na cafeteria, e fiz ela me escutar.

— E vocês estão?

— Não. Pelo menos ainda não, mas eu me abri completamente para ela. E pedi para que ela pensasse em tudo o que eu disse.

Dante levantou da cama, aproximou-se do pai e colocou a mão em seus ombros, então sorriu.

— Eu amo Sr. Iuri. Eu amo aquela mulher.

Iuri sorriu de volta para o filho, o puxou para si e o abraçou.

— Você mudou Dante. — Falou Iuri enquanto ainda abraçava o filho. Ele então afastou-se de Dante e o encarou. — Essa moça transformou seu coração. E você está se esforçando para ficar bem, por ela. Eu vejo isso.

— Por mim papai.

— Como?

— Eu estou me esforçando para ficar bem, por mim. Enquanto eu tentava me estabilizar, pensando nos outros, o meu tratamento nunca funcionava.

Dante virou-se e caminhou em direção ao banheiro.

— Hoje eu sei que eu preciso ficar bem, por mim. Se eu estiver em harmonia com meus pensamentos, as pessoas ao meu redor também estarão.

E ele saiu do banheiro com algumas pílulas na mão.

— Falando nisso. — Disse mostrando os medicamentos ao pai. — Está na hora do meu coquetel anticrise.

Após o almoço Dante resolveu descer até seu ateliê para dar uma olhada nas telas que havia pintado até o momento. Eram três: O começo, A revelação e A entrega. Cada uma das obras contava um pouco sobre sua história. Entretanto não eram suficientes. Precisava de mais. Se quisesse convencer Angel de que realmente merecia uma outra chance, precisava de mais. A exposição estava cada vez mais próxima. Ele precisava trabalhar.

Dante iniciou aquele ritual que sempre realizava antes de começar uma nova pintura. Fechou os olhos e deixou as emoções dominarem todo seu corpo. Ele respirava fundo e soltava o ar de forma pesada. Visualizou em sua mente todos os quadros que ainda iriam ser executados. Os nomes de suas futuras obras ressoavam em sua cabeça: Incerteza, Redenção, Saudade, e finalmente o título da pintura final, esse ele só iria revelar no dia da

exposição. Dante parecia estar entrando em um transe.

Mas antes que começasse a dar as primeiras pinceladas ele caiu sobre seus joelhos e chorou. Teve dúvidas de si. Será que conseguiria retratar tantos sentimentos da forma como eles merecia ser representados? E ela? Com certeza sua filha merecia uma pintura digna de sua memória. Seu pequeno rostinho ainda estava cravado em sua mente, como se tivesse sido ontem que a viu enrolada nos braços de Angel.

Dante se recompôs, levantou, enxugou as lágrimas e voltou toda sua atenção para a tela em branco à sua frente.

As semanas seguintes de Dante foram exclusivamente dedicadas à criação de seus quadros. Benjamin e Iuri começaram a se preocupar com a fixação que ele estava tendo em suas pinturas, mas resolveram não interferir em sua rotina, afinal, ele estava tomando suas medicações de forma correta, uma vez por semana frequentava as sessões de terapia, e suas alterações de humor

estavam cada vez mais escassas. Algumas vezes ele tinha acessos de raiva, impaciência, mas isso já era comum e esperado.

A saudade que ele sentia de Angel estava cada vez mais forte e mais presente. Desde a conversa que eles tinham tido que ele não a via. Eles não tinham nenhum tipo de contato. Ele estava evitando ir até na sua Cafeteria favorita. Não queria encontrá-la antes da exposição.

Foi quando a dúvida começou a surgir. Será que ela iria? Será que cumpriria a promessa que fez a ele? Era de extrema importância que ela comparecesse ao evento. Caso contrário, tudo iria por água abaixo.

— Você falou com ela? — Perguntou Dante de forma aflita para Benjamin.

Faltavam apenas dois dias para exposição.

— Já disse que sim. Eu avisei o dia e o horário.

— E ela? Respondeu algo? — Dante inquiria Benjamin. Ele estava visivelmente nervoso.

Quando Benjamin não respondeu e

NACIONAIS - ACHERON

continuou imerso no processo que estava estudando Dante deu um murro na mesa da cozinha onde Ben estava sentado.

— Responde cara! Ela disse se ia? Se não ia? Desligou na sua cara?

— Enquanto você não se acalmar eu não digo uma palavra. — Benjamin não olhou para Dante e continuou sua leitura.

Quando um novo murro, dado por Dante, balançou todos os documentos que estavam na mesa, Benjamin levantou levando consigo uma pasta de arquivo contendo vários documentos dentro.

— Eu preciso terminar de ler essa papelada aqui, e você está me atrapalhando.

Dante aproximou-se do amigo, e bateu com a mão na pasta que Benjamin estava nas mãos, derrubando tudo no chão.

— Quanta maturidade Dante. — Benjamin disse com raiva.

Dante olhou para os arquivos no chão e depois para Benjamin.

NACIONAIS - ACHERON

— Desculpa cara — e disse abaixando-se para pegar os papeis. — É que eu tô uma pilha de nervos. Aqui. — E ele estendeu os documentos, que agora estavam todos fora de ordem, para Benjamin. — Vou deixar você trabalhar.

Benjamin voltou para a mesa onde estava e recomeçou sua leitura. Dante sentou-se no banco que ficava perto do balcão da cozinha e de forma silenciosa, ficou observando o amigo enquanto lia. Benjamin sentia o olhar de Dante perfurar seu crânio.

— Vai ficar me olhando? — Ben parou novamente sua leitura e olhou para Dante.

— Tô quieto. — E ele deu de ombros.

— Ela me disse que ia Dante. — Benjamin finalmente respondeu à pergunta. — Disse que está ansiosa para ver seus quadros.

Dante saltou do banco e correu para Benjamin. Segurou seu rosto com as duas mãos e lhe deu um beijo estralado na boca.

— EU TE AMO. — Falou com um sorriso estampado no rosto. — Se eu não fosse apaixonado
NACIONAIS - ACHERON

pela Angel, te comia aqui e agora. Seu lindo.

Dante subiu as escadas correndo, deixando Benjamin atônito, limpando a boca com o dorso das mãos, e sorrindo ao ver seu amigo tão satisfeito.

CAPÍTULO 38



*“Que minha loucura seja perdoada,
porque metade de mim é amor,
e a outra metade também”
Oswaldo Montenegro*

E o dia havia finalmente chegado.

— Dante, se você não parar de andar de um lado para o outro, eu juro que eu te amarro nessa cadeira até o horário da exposição. — Benjamin estava com os nervos à flor da pele.

Na noite anterior Dante o havia acordado às 3 horas da madrugada querendo que ele ligasse para Angel, para que ela confirmasse sua presença no evento. Ben precisou dar para Dante uma dose dobrada de seu calmante para que ele conseguisse se tranquilizar.

— Vai ser um fiasco — dizia enquanto caminhava nervosamente pela casa. — Eu sei que vai ser um fiasco. Aonde eu estava com a cabeça Benjamin? Merda, bosta, caralho! — Ele colocou as mãos na cabeça e desabou no sofá!

— Calma cara! Olha, para e respira. Você vai acabar surtando aqui. E dessa vez eu surto junto com você. Toma isso. — Disse Benjamin entregando um comprimido branco para ele.

— O que é?

— Não pergunta. Apenas bebe. E não faz essa cara. — Dante havia feito uma careta para o amigo. — Hoje você vai obedecer a mim e a seu pai. Entendeu?

— Tá bom. — Respondeu contrariado.

Quando o medicamento começou a fazer efeito ele adormeceu no sofá onde estava. Passou o restante do dia dormindo.

Acordou com Benjamin cutucando-o no braço.

— Vamos lá Bela Adormecida, está quase na hora.

Dante abriu os olhos e se espreguiçou no sofá. Sentou e passou as mãos nos cabelos tentando desamassar a cabeleira. Esfregou os olhos e ficou observando Benjamin chegar perto dele com um prato onde havia um sanduíche e um copo contendo suco.

— Come. Você não se alimentou ainda.

Dante pegou o sanduíche obedientemente e deu uma mordida.

— Cadê o papai? — Dizia enquanto mastigava o pão e dava um gole no seu suco.

— No banho. E depois vai ser sua vez. Precisa se trocar. Já deixei sua roupa em cima da cama. Tá mais calmo?

Dante acenou que sim. Continuou a comer seu lanche e quando terminou levantou-se e foi até seu quarto. Em cima de sua cama estava a roupa que ele iria usar na exposição. Um smoking completo, camisa branca e uma gravata borboleta.

Entrou no banheiro e se olhou no espelho. A barba estava para fazer. Dante então pegou a espuma de barbear e passou no rosto, pegou a

NACIONAIS - ACHERON

lâmina e começou a deixar o rosto limpo. As mãos tremiam um pouco e ele fez um pequeno corte embaixo do queixo. Uma gota de sangue caiu na pia e ele ficou olhando enquanto ela escorria em direção ao ralo.

Parou o que estava fazendo para observar aquela fina linha que o sangue havia deixado na pia. Metade de seu rosto ainda estava coberto de espuma. Veio então em sua mente a imagem de Angel machucada, o sangue em seus braços. Ele abaixou a cabeça, apoiou as duas mãos na pia e fechou os olhos. E se a machucasse de novo?

Não. Isso não iria acontecer. Ele nunca mais faria Angel sangrar. Dante abriu a torneira e deixou que a água cristalina levasse consigo aquela mancha de sangue e, quem sabe, os seus medos. Concentrou-se então em terminar a barba, tentando não arrancar mais nenhuma gota de sangue do seu rosto. Ele estremecia com a visão daquele líquido viscoso e avermelhado.

Foi para o banho e após aquela chuveirada relaxante com água quente foi trocar de roupa.

Abriu o guarda-roupa, vestiu uma cueca box preta e foi em direção à sua cama, onde seu smoking o esperava. Ficou observando àquela roupa de gala e lembrou-se da primeira exposição e da vergonha que havia passado. Deu um sorriso e se dirigiu até seu guarda roupa.

Após se vestir, abriu a gaveta da cômoda que ficava ao lado de sua cama, e de lá tirou uma pequena caixinha aveludada, preta que colocou em seu bolso. Então desceu.

Benjamin e o pai esperavam o amigo ansiosamente na sala de estar. Eles vestiam uma roupa igual à que havia na cama de Dante. Quando finalmente o amigo desceu, os dois olharam para ele e abriram a boca, perplexos.

— Mas que.... — Benjamin olhava para Dante dos pés à cabeça.

— Dante, que roupa é essa? — O pai perguntou.

Dante usava uma camisa manga curta branca, uma bermuda cáqui e um sapatênis da mesma cor da bermuda.

— Estou pronto para ir. — Ele ignorou a reação de Benjamin e a pergunta do pai.

— Você vai vestido assim? — Ben perguntou.

— Vou. — Dante não parava de sorrir. — Estava com essa roupa quando conheci Angel.

— Mas... isso não são trajes para... — O pai complementou.

— As vantagens de ser louco papai — interrompeu Dante e então piscou o olho. — O máximo que vai acontecer são as pessoas que estiverem lá me chamarem de maluco. E eu vou responder com todo prazer, sim, eu sou. Agora vamos?

Benjamin sorriu. Algumas vezes ele queria ser tão espontâneo e relaxado quanto ao amigo, em relação a algumas questões de normas e condutas sociais. Como Benjamin costumava dizer, Dante estava apenas sendo Dante.

O pai não questionou mais a vestimenta do filho e os três entraram no carro rumo à galeria de arte.

Quando entraram pela porta principal, foram em direção à sessão da galeria onde seus quadros iriam ser expostos. Quando entrou visualizou seu primeiro quadro, O começo. Foi caminhando e os outros quadros iriam surgindo, estavam todos lá. A pedido de Dante, as pinturas haviam sido colocadas de modo que fossem visualizadas em ordem de criação.

O curador avistou Dante e aproximou-se dele com um sorriso no rosto e os braços abertos. Ele olhou para Dante dos pés à cabeça, claramente surpreso com os trajes que ele usava, mas não fez nenhum comentário.

— Hoje é sua noite, meu rapaz. Aproveite — e chegando perto do ouvido de Dante cochichou — O último quadro já está na última sessão, longe do público, como você pediu. Uma pena, pois o quadro é um espetáculo.

Um garçom aproximou-se deles com uma bandeja de espumante, mas Dante recusou.

— Um copo de água se for possível. — Disse ao garçom que se retirou para pegar água

para o artista da noite.

As pessoas começaram a chegar e a admirar as obras de Dante. Algumas o parabenizavam pelo belo trabalho.

O tempo ia passando e Angel não aparecia. Dante ficava cada vez mais nervoso. Até ele viu um rosto conhecido e aproximou-se.

— Filomena? — Ele disse chegando perto.

— Oi Dante — ela respondeu — É... que quadros lindos. Parabéns. — Ela parecia sincera, mas desconcertada. Claramente não queria estar ali.

— Obrigado! — Foi a única coisa que ele disse.

— Ela vai adorar.

— Ela tá aqui? — Dante perguntou esticando o pescoço e olhando ao redor a procura de Angel.

— Está estacionando. Já entra.

O nervosismo de Dante atingiu patamares astronômicos. Ele fez sinal para Benjamin se aproximar e cochichou algo em seu ouvido. Ben saiu apressado e pouco tempo depois a música

Sutilmente, da banda *Skank* começou a tocar.

“E quando eu estiver triste, simplesmente me abraça, e quando eu estiver louco, subitamente se afaste...”

Foi aí que ele a viu. Ela estava usando um vestido preto, básico, que realçava sua beleza. Seus cabelos cor de fogo pareciam chamas. Dante sentiu seu corpo inteiro esquentar. Ele se afastou para que Angel não o visse, mas ficou observando-a de longe. Até que ela visualizou o primeiro quadro e congelou. A música continuava a tocar.

“Mesmo que o mundo acabe, enfim, dentro de tudo que cabe em ti...”

O quadro que Angel visualizava se chamava *O começo*. A tela mostrava uma mulher em frente a um homem, ela estava segurando um copo vazio em suas mãos que estava virado em cima cabeça do homem. Um líquido caía do copo em direção à cabeça do cara da pintura. O quadro era preto e branco, com exceção dos cabelos daquela mulher, eles eram de um ruivo brilhante. Ela então deu um

sorriso e continuou seu tour até o próximo quadro.

“E quando eu estiver bobo, sutilmente disfarce yeah, mas quando eu estiver morto, suplico que não me mate, dentro de ti...”

Angel prestava atenção na música à medida que caminhava até o próximo quadro. A pintura número dois se chamava *Revelação*. Angel observava, no fundo da imagem uma mão masculina, claramente machucada, que podia ser vista no canto superior direito da tela, sobrepondo-se à imagem, visualiza-se um casal de mãos dadas, saindo de um edifício que parecia ser um hospital.

“O dia que descobri que ele era bipolar!” ela pensou.

A emoção começou a tomar conta dela. O que mais viria a seguir?

Uma nova música começou a tocar no ambiente, *I’m yours* do cantor *Jason Mars*.

“Well, you done, done me and you bet I felt it, I tried to be chill but you’re so hot that I melted,

I feel right through the cracks, now I'm trying do get back...".

O terceiro quadro fez as bochechas de Angel ruborizarem. Ela olhou para os lados como se todos estivessem reconhecendo ela naquela pintura. O quadro havia sido nomeado de *Entrega*.

Um casal de amantes estava na cama, a mulher se arqueava para trás, os cabelos ruivos caíam de sua cabeça e encostavam nos lençóis. Ela estava nua. Um homem, também nu, estava sobre ela, amando-a de forma intensa. O olhar no rosto daquela mulher era puro prazer e sentimento.

"Nossa história, ele está contando nossa história".

Uma lágrima correu de seus olhos. O que mais viria a seguir? Seu coração apertou.

"But I won't hesitate, no more, no more, I cannot wait, I'm yours..."

Aquela trilha sonora estava deixando Angel emocionada. Ela encaminhou-se para a próxima

pintura, chamava-se *Incerteza*. Ela estremeceu ao olhar o que Dante havia pintado. Uma cena de um acidente de ônibus, e na mesma imagem, podia-se ver um homem sentado em uma cama, com uma das mãos na cabeça e na outra mão um frasco de medicamentos aberto.

De longe, Dante observava todas as reações de Angel frente aos seus quadros. Ela havia começado a chorar.

Uma nova música começou a tocar no ambiente, chamava-se “*De todos os loucos do mundo*” de *Clarice Falcão*.

“De todos os loucos do mundo eu quis você, porque eu tava cansada de ser louca assim sozinha...”

Angel riu ao prestar atenção na letra da música. Continuou sua caminhada para olhar os outros quadros de Dante.

O quinto quadro a fez lembrar da maior dor que havia sentido na vida. Ele chamava-se *Redenção*. Era uma imagem sua, grávida. Ela

olhava para baixo, e duas mãos masculinas seguravam a barriga de forma carinhosa. Não dava para ver o homem que segurava em seu ventre, mas uma das mãos apresentava uma cicatriz, eram as mãos de Dante. Novamente os quadros eram todos em preto e branco, e a única cor que havia eram a de seus cabelos. Ficou algum tempo olhando para o quadro. Quando uma nova música começou a tocar, ela despertou daquele torpor e foi em direção ao que parecia ser o último quadro da exposição.

“Não sei porque você se foi, quantas saudades eu senti, e de tristeza vou viver, e aquele adeus, não pude dar...”

Gostava tanto de você de Tim Maia começou a tocar. Quando visualizou o quadro Angel finalmente desabou. As lágrimas molhavam o seu rosto e ela começou a soluçar.

O quadro final chamava *Saudade*. Angel estava sentada em uma cama, com um bebê despido, deitado de bruços em cima do seu tórax. A criança parecia dormir. Nas costas do recém-nascido saíam duas asas com plumas brancas. A

NACIONAIS - ACHERON

mãe da criança estava de olhos fechados e uma lágrima solitária escorria de seu rosto.

“Você marcou em minha vida, viveu, morreu na minha história, chego a ter medo do futuro, e da solidão que em minha porta bate”.

Um funcionário da galeria interrompeu o devaneio de Angel e a convidou de forma delicada para acompanhá-lo até uma pequena área da galeria que estava fechada para o público. As luzes principais estavam apagadas, e apenas uma luz ambiente, fraca, iluminava o local.

Quando entrou, Angel reparou que no fim da sala, um homem a aguardava em pé, ao lado de um quadro que estava coberto com um pano vermelho, era Dante.

Angel aproximou-se dele até ficar a poucos passos de distância.

— Ainda tem mais um quadro Angel. Mas esse eu quero que você seja a primeira a ver. — Ele estendeu a mão para ela. Angel então segurou em sua mão apertando-a firmemente.

A música então parou de tocar e o silêncio tomou conta do local.

— Eu te amo Angel. E quero dividir com você todos os meus dias, todas minhas dores e todos os meus sonhos. Mas antes que você diga algo, quero que você olhe esse quadro.

Dante aproximou-se do quadro e o descobriu. Apesar da pouca luz Angel pôde visualizar claramente a obra final. Seu nome era *A proposta*.

O homem do quadro estava vestido com as mesmas roupas que Dante, ele estava ajoelhado, com uma caixinha aberta onde podia-se distinguir duas alianças de ouro dentro. Na sua frente, em pé, estava uma mulher, com um vestido vermelho, olhando para ele.

Começou então uma nova música que invadiu o ambiente, *Segredos*, de Frejat.

“Eu procuro um amor que ainda não encontrei, diferente de todos que amei, nos seus olhos quero descobrir uma razão para viver e as

feridas dessa vida eu quero esquecer”

— Angel. Tentei elaborar um jeito mais original de fazer isso, mas não encontrei. Então, será da forma mais clichê possível.

*“Procuro um amor que seja bom pra mim,
Vou procurar, eu vou até o fim, E eu vou tratá-la
bem, Pra que ela não tenha medo, Quando
começar a conhecer os meus segredos”*

Dante então ajoelhou-se imitando a ação do homem do quadro. Tirou de seu bolso uma caixinha preta, abriu e olhou para o rosto de Angel, que tinha acabado de levar as mãos à boca, surpresa com aquela atitude de Dante.

— Quer casar comigo? — Ele disse com um sorriso no rosto, lágrimas nos olhos e expectativa no olhar.

Angel ficou olhando para Dante ajoelhado na sua frente, e percebeu que ela podia lutar com todas as forças contra seus sentimentos, mas que nunca iria conseguir esquecer aquele homem. Todo sofrimento que havia passado até ali, com certeza,

teria sido mais ameno caso Dante estivesse ao seu lado. Sua declaração em sua casa àquele dia, seus quadros, sua atitude, tudo isso confirmava que ele havia se transformado, e que realmente, estava arrependido do que fez e disposto a mudar, por ele, por ela, pelos dois. Ela então sorriu.

— Eu te amo Dante. — E pulou em cima dele derrubando-o no chão. — E sim, eu quero me casar com você.

— Errei a cor do vestido — ele falou enquanto acariciava seu rosto.

— Como?

— Você está de preto. A mulher do quadro está de vermelho. — E ele riu dando um beijo nela.

— Adorei o seu pedido de casamento, mais clichê, impossível — Angel brincou. — E a *playlist* estava perfeita. Mas agora é minha vez de lhe homenagear com uma música. E posso dizer que é a mais clichê de todas.

Dante ficou olhando Angel retirar, de dentro da bolsa, um celular. Ele estava curioso. Ela começou a procurar em suas músicas favoritas até

NACIONAIS - ACHERON

que achou o que estava procurando. Aumentou o volume e, quando uma música sertaneja começou a tocar, Dante deu uma gargalhada. Eles ainda estavam no chão quando começaram um beijo apaixonado e demorado ao som daquela música inusitada.

“E nessa loucura, de dizer que não te quero, vou negando as aparências, disfarçando as evidências, mas pra que viver fingindo, se eu não posso enganar meu coração. Eu sei que te amo”.

E eles ficaram naquela sala vazia, juntos, abraçados e todos no mundo não importavam mais. Eram apenas os dois. Naquele momento não existia dor, sofrimento ou saudade. Existia apenas o amor. Apenas Dante e Angel.

EPÍLOGO



*"Não importa o que a vida fez de você,
mas o que você faz
com o que a vida fez de você".
Jean Paul Sartre.*

As férias haviam chegado e Angel e Dante foram passar uns dias na casa dos pais dela, na fazenda localizada em Doce Esperança. Dante estava se recuperando de uma fase difícil após uma breve crise de depressão, mas a vida já estava entrando nos eixos novamente.

Angel havia acabado de acordar e saiu de casa a procura de companhia. A barriga estava começando a pesar e ela andava vagarosamente.

— Onde ele está, mamãe? — Perguntou ao

ver sua mãe sentada em uma cadeira de balanço que ficava do lado de fora da fazenda.

— Devem ter ido pescar. Não se preocupa que logo eles voltam.

— Papai foi? — A mãe de Angel acenou que sim.

Após tomar uma xícara de chá, Angel foi dar uma volta pelos terrenos da fazenda. Chegou perto de uma cerca onde ficavam os cavalos. Até que o avistou.

— Dante — ela chamou. Foi completamente ignorada. — DANTE — disse gritando.

Uma criança de mais ou menos quatro anos veio correndo em sua direção.

— Mamãe. Você tinha que ter vindo com a gente. Papai foi pescar comigo e com o vovô, mas não conseguiu pegar nada. Ele ficou zangado, me deixou com o vovô e disse que ia sair pra comprar peixe na feira e fingir que foi ele que pescou. E ainda falou que eu não poderia te contar nada. Mas mentir é feio, não é mamãe?

Angel deu uma risada.

— É sim meu amor. E quando seu pai chegar vamos conversar com ele. Onde está seu avô?

— Ali — e a pequena mãozinha do pequeno Dante apontou para a sombra de uma árvore, onde Heitor estava sentado lendo um livro.

Ela pegou na mão de Dante e caminhou até a direção de seu pai.

— Fica com ele pai?

Heitor acenou que sim.

— Sabe do Dante?

— Ele ficou chateado com a pescaria. O humor dele não está muito bom. Ele está se medicando filha?

— Está sim papai. Mas é que ele saiu de uma fase ruim. Mas já melhora. Ele disse algo ao senhor?

— Disse apenas que iria visitar alguém. Mas não valou quem.

— Obrigada. Eu já sei onde ele foi.

E Angel caminhou em direção ao cemitério que ficava bem ao lado dos terrenos da fazenda, o

caminho todo não durou cinco minutos. Logo que entrou avisou Dante, em frente ao pequeno túmulo de Valentina.

— Oi meu amor — ela aproximou-se e colocou as mãos em seus ombros.

— Oi pequena. Eu estava aqui pensando.

— Pensando em que?

— Em nossos filhos. Quando soube que você estava grávida novamente eu tive tanto medo. De que tudo acontecesse de novo. — Dante puxou Angel pela mão e a abraçou. — E quando nosso filho nasceu, e o batizamos de Dante, senti como se eu estivesse renascendo sabe. Como se todos os sofrimentos que passei na minha vida, fossem desaparecer por causa dele.

Angel abraçou a cintura de Dante e ele colocou um de seus braços ao redor de seu ombro.

— Agora você está grávida de novo e todas as incertezas apareceram de novo. E se ele herdar essa doença de mim? E se nossa filha herdar essa doença de mim? E se...

— Amor ... — Angel o interrompeu. — Não
NACIONAIS - ACHERON

podemos viver nossa vida pensando em tudo de ruim que pode acontecer. O importante é que estamos juntos, e prontos para enfrentar qualquer problema que surgir, como estamos fazendo até agora.

Dante sorriu e beijou Angel na testa.

- Acho que, pra variar, você está certa. É que já passamos por tanta coisa.

Eles ficaram lá, olhando para o túmulo de Valentina, enquanto refletiam sobre tudo o que tinha acontecido em suas vidas até ali.

Dante e Angel haviam se casado meses depois da segunda exposição de Dante e logo depois Angel descobriu que estava grávida novamente. Dessa vez a gravidez e o nascimento de seu filho tinham ocorrido sem nenhum problema.

Dante havia se tornado um artista reconhecido e, pelo menos uma vez ao ano, realizava exposições de suas obras, que sempre vendiam com muita facilidade. Angel havia largado o emprego na loja de móveis e havia começado a trabalhar na galeria onde Dante ficou conhecido.

Os dois não levavam uma vida de luxo, mas o que tinham, dava para sobreviver com um certo conforto. Eles podiam dizer que levavam uma vida feliz.

As crises de Dante estavam mais espaçadas e ele não havia mais deixado o tratamento ou as medicações. Benjamin e ele ainda continuavam melhores amigos, e em breve, o casamento dele com Melissa aconteceria. Até mesmo o relacionamento de Dante com Filomena havia melhorado. Ela iniciou um relacionamento com um homem mais velho, e como Dante sempre falava, Filó havia conseguido um marido da própria idade. O relacionamento de Dante e seu pai também havia melhorado consideravelmente, ele estava constantemente presente e acompanhava o crescimento do neto de perto.

— Eu te amo Angel. — Ele disse enquanto ainda olhava o túmulo de Valentina.

— Eu também te amo Dante.

E os dois ficaram ali abraçados, em frente ao túmulo da filha, refletindo sobre o tanto que a vida

já havia tirado e dado a eles.

E de repente Dante sorriu, e com um humor totalmente renovado, decidiu que eles precisariam de um cachorrinho, um belo e lindo pastor alemão e, de preferência, iria procurar o animalzinho mais agitado do Pet Shop.

Fim

A Autora

Cearense, 32 anos, enfermeira e leitora ávida. Desde pequena sempre teve gosto pela leitura, tendo Pedro Bandeira como um dos primeiros autores com quem teve contato.

Apaixonada por sua profissão, nunca pensou que um dia chegaria ao ponto de escrever um livro. Até então, contentava-se somente em ser observadora desse incrível mundo da literatura.

Em 2017 lançou sua primeira obra, Dante.

Redes Sociais

IG: @pontestici

Email: ticipnts@gmail.com

Facebook: www.facebook.com.br/resenhariaa

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON